

A BIBLIOTECA CESAR BIERRENBACH: O CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E
ARTES E A UTOPIA DO CONHECIMENTO.

Sônia Midori Takamatsu
Universidade Estadual de Campinas
2011

Sônia Midori Takamatsu

A BIBLIOTECA CESAR BIERRENBACH: O CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E
ARTES E A UTOPIA DO CONHECIMENTO.

Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas
2011

© by Sonia Midori Takamatsu, 2011.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

T139b	<p>Takamatsu, Sonia Midori. A Biblioteca Cesar Bierrenbach: o Centro de Ciências, Letras e Artes e a utopia do conhecimento / Sonia Midori Takamatsu. – Campinas, SP: [s.n.], 2011. Orientadora: Lilian Lopes Martin da Silva. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Bibliotecas. 2. Acervos. 3. Campinas (SP) - História. I. Silva, Lilian Lopes Martin da. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p>	11-001/BFE
-------	---	------------

Título em inglês: The Cesar Bierrenbach Library: o Centro de Ciências, Letras e Artes and the utopia of knowledge

Keywords: Libraries; Collections; Campinas (SP) - History

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Profª Drª Lilian Lopes Martin da Silva (Orientadora)

Profª Drª Maria Carolina Bovério Galzerani

Profª Drª Lazara Nanci de Barros Amancio

Prof. Dr. Carlos Humberto Alves Corrêa

Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva

Data da defesa: 23/02/2011

Programa de pós-graduação: Educação

E-mail: sonia.takamatsu@uol.com.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título: A Biblioteca Cesar Bierrenbach: O Centro de Ciências, Letras e Artes e a
utopia do conhecimento.....

Autor: Sonia Midori Takamatsu
Orientadora: Profª Drª Lillian Lopes Martin da Silva

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação
defendida por Sonia Midori Takamatsu e aprovada pela Comissão
Julgadora

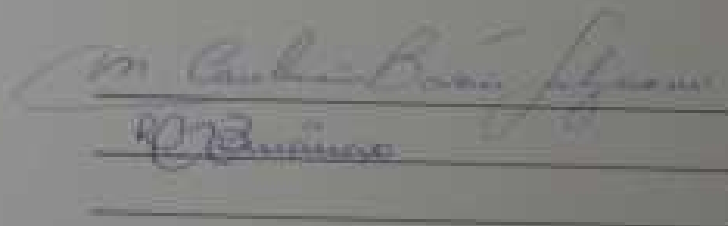
Data: 23/02/2011

Assinatura



Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:



Ano

2011

Dedico à memória de meu pai.

Ao Noel e meus filhos Daniel, Eduardo e Dimitri.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível graças à dedicação dos funcionários e diretores do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Meus agradecimentos ao Sr. Marino Zigiatti presidente do C.C.L.A., ao Sr. Luiz Carlos Borges pelo incentivo na realização deste trabalho, e ao Sr. Eduardo O. Rocha e Silva, pela sua generosidade. Agradeço também aos funcionários do C.C.L.A. que gentilmente auxiliaram na pesquisa: Sr. Fuad, Viviane e Ju.

Agradeço à Prof^ª. Dr^ª. Lilian Martin L. da Silva, pela sua generosidade e competência na orientação deste trabalho, sem o qual não seria possível concretizá-lo.

À Prof^ª. Dr^ª. Maria Carolina B. Galzerani e ao Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva, pelas valiosas contribuições teóricas no exame de qualificação e que me proporcionaram um rico percurso para a realização deste trabalho.

À Prof^ª. Dr^ª. Norma Sandra de A. Ferreira, pelas oportunidades que me proporcionou e pelo incentivo ao meu trabalho.

A todos do grupo ALLE, pela amizade e pelas discussões que fizemos ao longo desta pesquisa.

Agradeço à agência CAPES, pelo financiamento da pesquisa, que viabilizou, sobretudo, a reunião dos documentos para o trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO	13
ABSTRACT	15

I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1. Um percurso possível.....	17
1.2. O tempo e o acervo: constituição, manutenção e riscos de decomposição.....	19
1.3. Memória e abandono: um paradoxo.....	21

II. REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.1. História e Nova História.....	26
2.2. Um olhar sobre as relações que circulam o mundo.....	28
2.3. O lugar da pluralidade.....	32
2.4. Fontes documentais.....	33
2.5 Memória e História.....	36

CAPÍTULO I

1.1. Empenho desenvolvimentista, movimento republicano e utopia das letras.....	43
1.2. Bacharelismo e <i>intelligenza</i> liberal.....	51
1.3 Desde o <i>Gremmio de Estudos das Sciencias</i> : inspirações positivistas.....	56
1.4. De <i>Gremmio de Estudos das Sciencias</i> a Centro de Ciências, Letras e Artes.....	60
1.5. Quadro societário.....	64

CAPÍTULO II

1.1. Bibliotecas.....	71
1.2. As Bibliotecas modernas.....	80
1.3. As Bibliotecas brasileiras.....	82
1.4. A Biblioteca Nacional.....	87
1.5. A Biblioteca Pública da Bahia.....	90
1.6. Biblioteca Mario de Andrade.....	90

CAPÍTULO III

1.1. “A utopia se torna realidade”.....	93
1.2. O acervo.....	98

CAPÍTULO IV

1.1. Considerações Finais.....	109
--------------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA	115
---------------------------	-----

ANEXOS	121
---------------------	-----

RESUMO

Esta dissertação é resultado da pesquisa desenvolvida no programa de Mestrado da Faculdade de Educação, Unicamp, no grupo de pesquisa ALLE e visa investigar o percurso de formação da Biblioteca Cesar Bierrenbach que pertence ao Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas (C.C.L.A), instituição fundada em 1901. O Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas surgiu como um espaço de continuidade do projeto de modernização do município, tornando-se uma referência para o debate científico e cultural da época. O percurso de formação da Biblioteca Cesar Bierrenbach, sobretudo de seu acervo inicial, é uma forma de preservação da memória histórica e de um patrimônio através do qual se pode perceber o lugar e a presença do livro e impressos, da leitura, do leitor e do protocolo intelectual na vida da cidade. A pesquisa privilegia fontes documentais disponíveis no acervo da própria Biblioteca como bibliografia sobre Campinas, almanaques, monografias históricas e, principalmente, as *Revistas do Centro de Ciências, Letras e Artes*, cuja primeira edição é de 1902. Através das investigações dessas fontes pretende-se fazer um mapeamento das doações de obras à Biblioteca, o que parece indicado para a percepção da constituição do acervo inicial.

Palavras chaves: biblioteca, acervo, Campinas (SP), História

ABSTRACT

This dissertation is the result of research developed in the Master's Program, Faculty of Education, Unicamp, ALLE research group and aims to investigate the route of formation of the Library Cesar Bierrenbach which belongs to the Science Center, Arts and Letters of Campinas (CCLA), institution founded in 1901. The Center for Science, Literature and Arts of Campinas emerged as a space of continuity the project of modernization of the city, becoming a reference for the scientific and cultural debate of the period. The study of route of formation of the Library Cesar Bierrenbach, especially its initial collection, is a way of preserving historical memory and a heritage through which we can see the presence of books and printed matter, reading and reader protocol intellectual life in the city. The research focuses on documentary sources available in the library's own library and the bibliography of Campinas, almanacks, historical monographs, and especially the Magazine of Science Center, Arts and Letters, whose the first number was published in 1902. Through the investigations of these sources is intended to make a mapping of donations books to the Library, which seems appropriate for the perception of the constitution of the original collection.

Keywords: library, collection, Campinas (SP) - History

1. Considerações iniciais

1.1. Um percurso possível

Esta dissertação é resultado da pesquisa “A Biblioteca Cesar Bierrenbach: o Centro de Ciências, Letras e Artes e a utopia do conhecimento”, desenvolvida no Programa de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, no grupo de pesquisa ALLE (Alfabetização, Leitura e Letramento); investigação que teve como eixo principal a trajetória de formação da referida Biblioteca.

A pesquisa compreende o período inicial de formação da associação, logo constituída como Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas (C.C.L.A.), período que alcança de 1901 a 1908, ano em que a Biblioteca recebeu o nome do sócio fundador Cesar Bierrenbach.

As motivações que originaram esta pesquisa foram fruto de uma experiência particular em 2006, quando conheci a Instituição e a Biblioteca Cesar Bierrenbach. No segundo semestre desse ano, comecei um trabalho informal de recolhimento de dados junto ao acervo da Biblioteca Cesar Bierrenbach. Dessa forma, pude notar, vasculhando as estantes, que boa parte dos livros continha marcas e registros de doação à Instituição. Este dado, inicialmente casual, acabou se tornando um impulso definidor da pesquisa, especialmente, porque percebi que estava diante de um acervo constituído, sobretudo, através de doações. A partir dele é que constituí o objetivo fundamental de meu trabalho, ou seja, a tentativa de compor a trajetória de formação do acervo da Biblioteca Cesar Bierrenbach.

Pesquisando os impressos produzidos pela própria Instituição, pude perceber que era possível alcançar uma rica fonte de pesquisa, através das revistas e impressos que o C.C.L.A. mantém em seu acervo; na *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes* há a publicação das Atas de Reuniões Ordinárias dos sócios da associação desde sua fundação em 1901, reproduzindo com detalhes a vida da Instituição. Nessas Atas, a partir de abril de 1902, aparecem os primeiros registros de doações de sócios e colaboradores, ou melhor, as listas de doações, com a relação de doadores e suas contribuições, esses registros são

contínuos e nos dão um panorama de formação do acervo. Essas duas fontes – os registros de doações e as Atas das Reuniões dos associados – permitiram pensar com maior segurança a constituição da Biblioteca. Ao mesmo tempo, percebi que pensar sobre a constituição da Biblioteca seria necessário pensar, igualmente, a trajetória de formação do C.C.L.A.

A história de formação do Centro de Ciências, Letras e Artes (C.C.L.A.) perpassa parte importante da própria história da cidade de Campinas, já à época um dos mais prósperos centros urbanos do país. Sua fundação ocorreu no ano de 1901, período em que Campinas vivia pleno desenvolvimento urbano, sendo considerada como uma das mais proeminentes do Estado de São Paulo, principalmente em função de grandes empreendimentos, a maioria financiada pela riqueza dos grandes barões do café. Aquelas transformações experimentadas por Campinas foram sentidas não só no aspecto econômico e político, mas, principalmente, na assimilação de novos valores e comportamentos que corroboravam a expressão da modernidade, representando o que, de fato, era ser moderno. Em seus primeiros anos de existência, o C.C.L.A. evoluiu à condição de representação dessas mudanças, tornando-se mesmo um símbolo das transformações firmadas pelas elites, personificada em Campinas, sobretudo na figura de seus bacharéis.

No que concerne às escolhas metodológicas que orientaram tanto a pesquisa quanto as linhas gerais deste estudo, a noção do “lugar de memória”, na acepção que Pierre Nora (1993) atribui ao termo, esteve como permanente meio de reflexão. Especialmente porque, a(s) Biblioteca(s), em sentido canônico, representa(m) o lugar onde estão acumuladas as memórias, materializadas na forma de livros, e onde podemos encontrar reunidos, num só domínio, todos os saberes que o homem construiu. Sob este aspecto, o olhar em direção à Biblioteca Cesar Bierrenbach é o olhar que buscou o projeto utópico que ela simboliza — seu caráter de lugar de memória, no qual, além do conhecimento em seu sentido universal, estão as marcas de representação de um ideário republicano, orientado fortemente pelas idéias positivistas, e sob o qual medrou a primeira raiz da constituição do C.C.L.A. e da Biblioteca Cesar Bierrenbach.

Toda biblioteca traz consigo uma concepção de cultura, de saber e da memória, concepções que tanto estão penetradas neste espaço como, sobretudo, são definidas por

toda a estrutura que a compõe: sua organização, as formas de classificação, a acessibilidade ao acervo, a materialidade de seus livros. Como anota Jacob,

a história das bibliotecas no Ocidente é indissociável da história da cultura e do pensamento, não só como lugar de memória no qual se depositam os estratos das inscrições deixadas pelas gerações passadas, mas também como espaço dialético no qual, a cada etapa dessa história, se negociam os limites e as funções da tradição, as fronteiras do dizível, do legível e do pensável, a continuidade das genealogias e das escolas, a natureza cumulativa dos campos do saber ou suas fraturas internas e suas reconstruções.” (BARATIN; JACOB, 2006: 11)

O estudo da constituição da Biblioteca Cesar Bierrenbach permite observar o itinerário de um grupo de pessoas esteado, principalmente, nas práticas de leitura e na circulação de livros, e que, através do acervo da biblioteca, ajuda a constituir, em última instância, uma história de livros e de seus leitores no Brasil. Uma história circunscrita nos valores e ideais republicanos do início do século XX e, fundamentalmente, na concepção do que pudesse figurar como progresso e civilidade.

1.2. O tempo e o acervo: constituição, manutenção e riscos de decomposição.

O C.C.L.A. abriga, ainda hoje, além da Biblioteca Cesar Bierrenbach, dois museus — o Museu Carlos Gomes e o Museu Campos Salles. Com um patrimônio de grande valor, o Museu Carlos Gomes preserva partituras originais escritas pelo compositor, bem como cartas, objetos pessoais e muitos outros itens doados por sócios e simpatizantes da Instituição a partir de 1903. Da mesma forma, o Museu Campos Salles reúne acervo concernente ao 4º Presidente da República, e segundo presidente civil, Manuel Ferraz de Campos Salles, especialmente documentos do período de sua administração (1898-1902). Quanto à Biblioteca César Bierrenbach, seu acervo é igualmente precioso e conta com mais de cento e vinte mil volumes; dos quais várias edições são do final do século XIX. Há, ainda, uma coleção de títulos sobre a história de Campinas, obras que retratam a vida cotidiana da cidade a partir do final do século XIX, especialmente, as crônicas de jornalistas campineiros.

Entre as edições ainda do século XIX, há destaque para os periódicos ilustrados, categoria que enquadra fontes como o *Illustrated London News*, da Inglaterra; o *L'illustration*, da França; ambos impressos em técnica litográfica, com ilustrações que tiveram grande repercussão no período e que davam a esses títulos status de impressões artísticas. Do patrimônio oitocentista consta também a coleção das *Leis do Império* – na qual se encontra a primeira Constituição do Brasil, a Cartas de 1824; os *Anais do Senado Federal* referentes ao último quartel do século; e as coleções da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro* e da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. Há, igualmente, o acervo formado pela coleção de edições raras — constitutivo da *sala de Obras Raras*, onde estão depositadas obras dos séculos XVI, XVII, XVIII, como *Storie delle Indie Orientale*, de Giovanni Pietro Maffei (1589); *La vie de S. François d'Assize*, de Jacques D'Autun (1676); *La Lusíade de Louis de Camoens*, em edição francesa de 1776. A Biblioteca César Bierrenbach mantém ainda uma coleção de jornais locais, destacando-se as coleções do século XIX, como a do periódico republicano *Gazeta de Campinas*; o *Diário de Campinas*; e o *Comércio de Campinas*.

O Centro de Ciências, Letras e Artes encontra-se atualmente instalado na região central da cidade, em sede própria, e cuja construção se deu em meados do decênio de 1940. A Biblioteca César Bierrenbach, ocupa uma ampla sala do edifício, e sua direção esteve, por muitos anos, a cargo da bibliotecária Maria Luisa Pinto de Moura, cujo notável conhecimento a respeito do acervo inscreveu-lhe o nome na história da Instituição. Após seu falecimento, outros colaboradores estiveram à frente da administração do patrimônio da Biblioteca, que enfrentando a árdua realidade da escassez de recursos, sempre desfavorecedora da continuidade daquele trabalho. As dificuldades de preservação da Biblioteca César Bierrenbach são acentuadas e a possibilidade do aniquilamento do acervo é sempre real, uma vez que lhe faltam as mínimas e adequadas condições de abrigo e conveniente gestão material. As instalações da Biblioteca são muito precárias, e todo o acervo necessita de cuidados como higienização, restauração e adequação de ambiente, requisitos mínimos para a conservação do patrimônio. Uma significativa parte da Biblioteca, composta em sua maioria de revistas e jornais, encontra-se acomodada sob condições físicas totalmente inadequadas, precariamente instalada no sótão do edifício (em

função da ausência de espaço físico), e destituída de qualquer intervenção técnica de preservação. Desnecessário dizer que estas não são condições aceitáveis para o abrigo desse material. Nas várias estantes, sobre as quais os efeitos nocivos do tempo e do abandono acumularam anos de poeira, umidade e oxidação, foram se amontoando livros, revistas e várias coleções importantes, acervo que sofre os castigos cumulativos do abandono. No espaço da Biblioteca aberto ao público, apesar de menos danificado, as condições não deixam de ser também de risco. Inúmeros exemplares se encontram espremidos em estantes que atingem a altura do teto do salão — igualmente castigada pela poeira, pela umidade e pela oxidação — e vários sofrem a ação de insetos que contaminam boa parte do acervo.

Não há dúvida de que, há anos, a Biblioteca César Bierrenbach reclama a cada vez mais urgente de ações concretas que visem à proteção de seu patrimônio tão fragilizado. A permanência da atual ausência de condições de preservação, certamente, levará a uma perda de seu patrimônio, o que seria um fato lamentável.

1.3. Memória e abandono, um paradoxo.

No que diz respeito à força simbólica, a existência de uma biblioteca remete à idéia de um espaço onde estão consagrados os saberes universais que se ofertam à consulta e à pesquisa. Todavia, e dialeticamente, esse simbolismo que ratifica a importância de um “lugar de memória” encerra também um sentido paradoxal de estagnação e esquecimento, em oposição ao lugar do conhecimento vivo. Nesse sentido, o que aqui se constitui como objeto de interesse — a Biblioteca Cesar Bierrenbach — formula-se também como exemplo possível dessa dicotomia, já que a utopia de reunir os saberes num único espaço e preservar memórias transformou-se, ao longo dos anos, em esquecimento e abandono. Percorrendo esses opostos, que vão do desejo da memória conservada à condição de lugar de esquecimento, a história da Biblioteca César Bierrenbach substancia essa dupla implicação entre uma proposição e sua negação. Todavia, é necessário que observemos que o paradoxo entre preservação e esquecimento, embora seja uma contradição presente nos processos históricos, é, antes, uma marca de nosso tempo, característico de uma sociedade

acometida pelo problema do valor do que seja passado e presente, ou melhor, do que é memória.

O problema da nossa cultura em relação à importância do passado ou à memória perpassa, principalmente, pelos imperativos de uma forma de vida socialmente instituída, ou seja, aos ditames de valores dominantes de nossa cultura. Em outras palavras, a contradição que rege a dicotomia entre preservação e esgotamento é inerente à nossa cultura, uma vez que ela está submetida ao êxito dos processos de mediação das sociedades, dos quais não escapamos e ao quais servimos.

Em nossa forma de vida, todas as informações obedecem à “liquefação” — conforme Zygmunt Bauman (2001) — do que possa ser entendido como valor. Bauman se refere a uma “celebração constante da enorme velocidade da mudança”, na qual há um traço distintivo que é o “acelerado envelhecimento” (BAUMAN, 2001) das experiências e das coisas. Também Guy Debord, em seu hoje clássico *A Sociedade do Espetáculo*, apontava o problema, identificando-o a uma forma de vida conduzida pelo “princípio do fetichismo da mercadoria” (DEBORD, 1972: 36).

Para Debord, “é pelo princípio do fetichismo da mercadoria, [que] a sociedade [é] dominada por “coisas supra-sensíveis embora sensíveis”, fazendo com que, escreve ele, “o espetáculo se realize absolutamente”, isto é, a sociedade do espetáculo movida pelo “fetiche da mercadoria” (DEBORD, 1972: 36).

Neste contexto, a dicotomia que surge em espaços como as bibliotecas, entre preservação da memória e esquecimento, são em última instância, inerentes ao paradoxo da modernidade, ou seja, a mediação da sociedade do espetáculo que se sobrepõe ao valor da memória e, também, do conhecimento através da liquefação da tradição. Cabe lembrar, nesse sentido, o estudo da Prof.^a Olgária Matos (2006), intitulado *Democracia Midiática e República Cultural*, onde a autora analisa os problemas da tradição da leitura, das bibliotecas como espaço de constituição da utopia do conhecimento em oposição à liquefação imposta pela sociedade midiática e de consumo. No referido estudo, aponta claramente os efeitos devastadores de uma “modernidade tecnológica e científica, modernidade contra-humanista com sua cultura inflacionária da mente, com imagens e ruídos que impedem imaginar e pensar” (MATOS, 2006: 9); inimigos da preservação do

passado e da experiência, como se ambos se constituíssem em coisas inúteis ou ameaças permanentes ao avanço da autonomia. Olgária Mattos define de forma clara esse fenômeno:

“É toda essa tradição, passando pelos gregos e pela tradição de Avicena e o Renascimento árabe do século XII, até o Iluminismo, que se desfaz, na modernidade tecnológica e científica, modernidade contra-humanista com sua cultura inflacionária da mente, com imagens e ruídos que impedem imaginar e pensar. Pesquisas mostram que hoje setenta e cinco por cento dos jovens tem som ligado enquanto lêem – rádio, toca-fitas, televisão etc. Semileitores, somos também paseudoformados no pensamento e na vida. (MATOS: 2006: 9)

Para a autora, “a leitura atenta, concentrada, cedeu lugar à demagogia da facilidade” (MATOS, 2006: 10) e a leitura como prática formadora perdeu seu sentido num mundo midiático. Conseqüentemente, os livros foram postos de lado. Logo, as bibliotecas sofreram também as conseqüências da modernidade e, nos dias atuais, a memória que está nos livros de nada interessa, estes são cada vez menos consultados e os autores clássicos cada vez menos conhecidos.

Sob a luz dessas idéias, talvez possamos inferir que bibliotecas como a Cesar Bierrenbach são abandonadas não sem justificação de causa: simplesmente porque se tornaram anacrônicas e não atendem mais aos apelos e às expectativas do público de hoje, pois a leitura cedeu lugar aos apelos da sociedade imagética. Esse mesmo anacronismo recai sobre a própria Instituição, já que as tradições que alimentam uma associação como o C.C.L.A. não representam as necessidades de uma sociedade moderna, apenas simbolizando um tempo distante, do qual ninguém se lembra.

Lado a lado com os problemas que levam ao abandono de práticas fundamentais para a formação intelectual do homem, bem como da relação da sociedade com a sua própria história, concorre, igualmente, a posição do poder público, especialmente no que se refere às políticas em relação à cultura e educação. No geral, em boa parte do país, o que se vê é a desatenção e, em muitos casos, o abandono e a negligência. Como sintoma local do descaso das políticas públicas em face aos objetos de cultura, podemos lembrar que, em

Campinas, existem apenas quatro bibliotecas públicas disponíveis¹. Se pensarmos numa população de mais de um milhão de habitantes, o número de bibliotecas disponíveis é realmente insuficiente. Some-se a isto, o descaso figurado na inexistência de políticas que favoreçam a subsistência das bibliotecas, como se nota na atual gestão municipal. Esta é, no geral, artificiosa no apreço pela inclusão digital, que, ao que tudo indica, não alcança ser mais que um simulacro para dissimular ações efetivas que pudessem garantir a formação e a manutenção de bibliotecas públicas ou escolares, inclusive das poucas existentes.

Contudo, qualquer revisão de nossa história recente demonstra que o problema não é novo e, sobretudo, que a preocupação em minimizar seus efeitos nocivos não seja ilegítima. O escritor Mario de Andrade, cuja atuação em favor da cultura e da educação é de todos conhecida, em 1939, manifestava-se vigorosamente em favor da iniciativa de “bibliotecas populares [...] para o desenvolvimento da cultura brasileira” (ANDRADE, 1939: 7) Passadas quase duas décadas, a Revista do Livro, na edição de março de 1957, publicava a defesa do escritor:

A criação de bibliotecas populares me parece uma das atividades mais atualmente necessárias para o desenvolvimento da cultura brasileira. Não que essas bibliotecas venham a resolver qualquer dos dolorosos problemas da nossa cultura, o da alfabetização, o da criação de professores de ensino secundário, por exemplo.... Mas a disseminação, no povo, do hábito de ler, se bem orientada, criará fatalmente uma população urbana mais esclarecida, mais capaz de vontade própria, menos indiferente à vida nacional. Será talvez esse um passo agigantado para a estabilização de uma entidade racial, que, coitada! Se acha tão desprovida de outras forças de unificação.” (ANDRADE, 1939: 7)

As preocupações de Mário de Andrade quanto às responsabilidades do poder público como fomentador de iniciativas dessa natureza são plenamente corroboradas por sua biografia de homem público e de gestor. Quando esteve à frente do Departamento de Cultura de São Paulo, entre 1935 e 1938, o escritor demonstrara sua sensibilidade face aos problemas da cultura e da educação no Brasil. O excerto supracitado exemplifica a capacidade de vislumbrar um caminho para a formação cidadã, bem como os meios pelos

¹ Campinas possui as bibliotecas: Biblioteca Pública Municipal Prof. Ernesto Manuel Zink; Biblioteca Distrital Pública de Sousas Guilherme de Almeida; Biblioteca Pública Municipal Joaquim de Castro Tibiriçá; Biblioteca Pública Municipal Infantil Monteiro Lobato e Biblioteca Braille.

quais o poder público pode (e deve) fornecer instrumentos para tanto. Cite-se que, na mesma fonte, o autor apontava ainda aspectos importantes a respeito do próprio caráter das bibliotecas populares e de seu real papel.

O problema das bibliotecas populares não se resolve, porém com qualquer simplória disseminação de amontoados de livros pelos bairros da capital. É certo que uma biblioteca de espírito realmente moderno não se reduz jamais a um amontoado de livros, um “túmulo de livros” como alguém já disse. São organismos efetivamente agentes, são verdadeiras escolas disfarçadas, de ensino extra-escolar. (ANDRADE, 1939: 7)

Mário de Andrade acreditava que somente o hábito de ler e a convivência com espaços de leitura formadores de consciência, poderiam estimular uma educação de qualidade, sendo, para tanto, necessária a existência de bibliotecas que representassem um legítimo espaço de educação formal, de construção da experiência, e de letramento. Cabe lembrar que, no período em que o Departamento de Cultura esteve sob sua direção, o escritor promoveu a expansão de bibliotecas populares, vendo-as como um prolongamento do processo do ensino institucional.

Essa experiência (ou utopia) é um referencial útil para refletirmos sobre um problema contemporâneo. Refiro-me ao papel que hoje incorporam as bibliotecas, tanto as “populares”, quanto aquelas pertencentes a instituições públicas ou privadas. Embora tenhamos grandes bibliotecas, em sua grande maioria são espaços “especializados”, mantidos por universidades ou fundações públicas, e que visam ao atendimento de um público restrito, as bibliotecas que são dirigidas ao “grande público” são em número reduzido. Esse quadro se agrava sensivelmente se considerarmos sua estrutura e organização para suprirem as necessidades do público a que se destina. O *Programa Mais Cultura* do Ministério da Cultura promoveu a instalação de bibliotecas por todo o país; segundo dados do Ministério da Cultura, num universo de 5.562 municípios brasileiros existem apenas 331 municípios que ainda não possuem uma biblioteca pública ou escolar; problema que o governo federal promete resolver até julho de 2011. Embora existam ações que fomentem a instalação de bibliotecas é preciso lembrar que apenas a existência de um espaço para reunir algumas unidades de livros não representa grandes avanços no aspecto

cultural e educacional. As bibliotecas assumem um sentido legítimo na medida em que são locais onde a pesquisa e a leitura são práticas afirmativas de um conjunto de conhecimentos que esse espaço encerra. Além disso, retomando a perspectiva de Mario de Andrade de que as bibliotecas populares possam difundir o hábito da leitura entre a população, é preciso que esses espaços garantam a acessibilidade do livro entre a população. O número de bibliotecas disponíveis para a população é de tal forma pequeno diante das necessidades de ensino que poderíamos considerar como quase inexistente. As bibliotecas são concretamente os veículos de difusão do conhecimento e da prática de leitura; mas, para tanto, precisam, primeiro, existir. E entendamos esse “existir” em sentido específico, o mesmo que lhe deu um dos mais notáveis homens de cultura de nossa história: algo que “não se reduza jamais a um amontoado de livros, um ‘túmulo de livros’.” (ANDRADE,1939: 7).

2. Referenciais teóricos-metodológicos.

2.1. História e a História Nova.

Como ciência, a História tem se mostrado plural nos princípios teóricos que concorrem para a definição de inúmeros objetos e territórios a serem investigados. Há muito faz-se presente uma investigação histórica renovadora, distanciada da prática que orientava a narrativa histórica como forma linear e exclusivamente dependente de “documentos oficiais”. O chamado movimento da *Escola dos Annales*, na França, possibilitou a delimitação de novos objetos e territórios na investigação histórica e, a partir de então, é possível realizar uma pesquisa histórica distinta dos tradicionais modelos teóricos demasiado classificatórios e positivistas. A *Escola dos Annales* surgiu no contexto entre guerras (1918-1939), sendo seus principais teóricos Lucien Febvre e Marc Bloch. Juntos, eles fundaram a revista “*Annales d’histoire économique et sociale*” em 1920, inspirada no projeto antigo de Lucien Febvre de uma revista internacional de história econômica.

A História Nova, dessa forma, alcançou e incorporou outros saberes de outras ciências para construir um novo olhar na direção de seus objetos, olhar que possibilitasse extrapolar os limites do conhecimento histórico confinados em “barreiras estritamente disciplinares” (LE GOFF, 2005: 29). Nas palavras de Lucien Febvre: “derrubar as velhas paredes antiquadas, os amontoados babilônicos de preceitos, rotinas, erros de concepção e de compreensão” (LE GOFF, 2005: 30). Nesse sentido, a História Nova propõe duas direções inovadoras para os estudos dos fatos históricos: a análise econômica e a análise social. O aspecto econômico merecia uma atenção especial, principalmente em função do momento no qual o movimento do *Annales* nasceu, na década de 1930, especialmente após a grande crise de 1929. As interpretações no campo social permitiam percursos além dos limites da tradicional visão histórica, possibilitando uma incursão principalmente na Sociologia. É o que podemos constatar a partir das considerações de Le Goff:

[...] os fundadores dos “Annales” encontravam, não apenas o acento posto no econômico, como também no social, aquele social que os seduziria por seu caráter vago que permitia falar de tudo. Porque se tratava de saltar os muros, derrubar as divisões que separavam a história das ciências vizinhas, especialmente da sociologia. (LE GOFF, 2005: 30)

Os conhecimentos da Lingüística, das Ciências Sociais, da Antropologia foram, igualmente, fundamentais para a renovação dos princípios teóricos e metodológicos da pesquisa histórica e o desdobramento dessa renovação é o que conhecemos hoje como a Nova História².

Os estudos influenciados pela Nova História possibilitaram o surgimento de outros domínios como, por exemplo, a *História da Mulher*, a *História dos Jovens*, a *História da Vida Privada*, reconhecendo, novamente, a primazia da tradição oral e recolocando a questão da narrativa em evidência. Além daquelas fontes consideradas oficiais, houve também a valorização de uma nova tipologia de documentos, ampliando a extensão do que se considerava documento histórico. A incorporação de documentos de tipologia flexível, como os registros de narrativas orais, fotografias, filmes, além de registros e inventários

² Lucien Febvre faleceu em 1956. Fernand Braudel deu continuidade ao movimento, publicando o artigo “História Ciências Sociais: a longa duração” (1958). A terceira geração surge em 1969 e seus principais autores foram Andre Burguière, Marc Ferro, Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Laudurie e Jacques Revel.

particulares, compõem uma multiplicidade de documentos que interpretam uma experiência cotidiana dos indivíduos em determinados períodos da história. Assim, a narrativa dos fatos passa a se referir não apenas às grandes transformações e aos grandes movimentos, mas a tudo aquilo que se relaciona ao homem enquanto ser social, valorizando os movimentos sociais, as tendências de grupos etc.

A História Cultural, uma vertente advinda da Nova História a partir da década de 1970, produziu também uma área de conhecimento que permitiu um alargamento das interpretações, sobretudo em relação às manifestações culturais. Os estudos da História Cultural focalizam de forma inovadora as interpretações das tradições da cultura popular, assim como as interpretações culturais da experiência histórica. É sob esse viés que nos interessa aqui a compreensão da constituição e percurso de formação da Instituição aqui estudada, em especial em sua condição de “espaço cultural”. Dessa forma, podemos aproximar os vários eventos históricos relevantes da época às relações sociais que se estabeleceram e se desenvolveram na constituição do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas e da Biblioteca César Bierrenbach.

2.2. Um olhar sobre as relações que circulam no Mundo.

A crença absoluta na razão como forma de alcance da verdade permeia toda investigação científica a partir da Modernidade, e este, como sabemos, é um modelo proveniente das Ciências Naturais, e incorporado, por extensão, pelas Ciências Humanas. Essa transposição de modelos, com o intuito de se tornarem lógicos, exatos e previsíveis, impossibilita em larga medida a compreensão de fenômenos do comportamento humano que se deslocam e transgridem a racionalidade da ciência. Interpretar as relações complexas de grupos de indivíduos tomando como suporte apenas as relações econômicas e seus desdobramentos não irá permitir, não pelo menos com absoluta segurança e profundidade, o entendimento completo do homem enquanto sujeito histórico. Relativamente ao problema, Marisa Vorraber Costa (2002) apresenta um panorama de idéias e temas a partir dos quais muitos dos pensadores e analistas da contemporaneidade observaram as relações no mundo dito pós-moderno. Em seu trabalho a respeito das “novas formas de pensar” e das

metodologias de suporte à pesquisa em educação, de forma bastante didática, autora aborda questões como a “crise cultura e a crise dos paradigmas”, as “mudanças radicais” que atingem tanto as formas de pensar o mundo, a própria maneira pela qual o mundo se organiza e, igualmente, o papel das novas tecnologias na condução dessas transformações.

- a) Trata-se de um tempo em que são colocadas sob suspeita boa parte das certezas edificadas ao longo dos últimos cinco séculos, ao longo da Modernidade. Os sistemas explicativos, as verdades estabelecidas, as metanarrativas, coloca-se sob completa suspeição.
- b) Há mudanças radicais não apenas nas formas de pensar sobre o mundo, mas nas formas como o mundo se organiza e funciona, nas formas como ele é gerido, nas formas como o habitamos.
- c) Nesse panorama, as mudanças nos modos de vida decorrentes das novas tecnologias (telemática, informática, etc.) indicam transformações, inclusive, nas nossas formas de sermos humanos. (COSTA, 2002: 146-147)

Tais pontos de reflexão, assim organizados pela autora, traçam um contorno de referenciais importantes, que dizem respeito ao principal objeto de investigação das Ciências Humanas, o homem e suas relações na sociedade. São considerações que não pretendem apenas elucidar ou desvendar um grande problema atual, mas ampliar as possibilidades de entendimento, visando, sobretudo, situar o problema do homem contemporâneo. Com efeito, a pesquisa nas Ciências Humanas requer um alargamento das concepções e noções sobre o homem e suas relações e, para isso, é necessário uma pluralidade das ciências. A investigação científica não poderá revestir-se apenas com os suportes consagrados e, por esse termo, pretender-se oficializada. Ao contrário, deve ser portadora de olhares atentos às nuances e sutilezas que denotam outras vozes que foram oprimidas e silenciadas. Nesse sentido, é importante lembrar Michel de Certeau (1996) que demonstra, em precioso trabalho, como as pessoas assimilam os referenciais eleitos por uma cultura dominante, logram transformá-los e, a partir daí, criam um espaço próprio; espaço esse que Certeau chama de “artes de fazer”.

A investigação que toma esse olhar atento e agudo atrai um novo sentido para a pesquisa acadêmica, distanciando-se do modelo que imprime o exato e o previsível. A História Cultural sedimenta esse percurso de investigações, propiciando muitas outras

fontes de pesquisas e a permanente possibilidade de diálogo com outros domínios do conhecimento, o que favorece a compreensão dos movimentos e trajetórias que os indivíduos percorrem. A questão que se coloca é uma contraposição de modelos metodológicos de origem positivista em relação às demandas de uma nova visão e compreensão dos vários recortes e mosaicos do mundo moderno.

A observação apenas não produz a realidade que investigamos, tanto quanto entendimento sobre as relações e acontecimentos do mundo se dá entre combinações de olhares e enunciados, visões e representações, intercambiados na pluralidade dos movimentos e percursos que o homem produz. Não há um olhar absoluto que possa traduzir a realidade e a partir daí explicar os fatos. Não devemos, igualmente, acreditar que podemos interpretar por meio de procedimentos estanques as complexas relações existentes na sociedade. O que deve preceder a pesquisa acadêmica nas Ciências Humanas é o olhar sobre o objeto, mas um olhar aliado à sensibilidade na percepção de diferentes matizes de representações produzidos a partir desse objeto.

Nesse sentido, *n'O olhar do viajante*, Sergio Cardoso (1997) expõe com riqueza as diferenças entre o que seja *olhar* e o que seja *ver*. Segundo o autor, os movimentos que se produzem entre essas instâncias, entre o *ver* e o *olhar*, criam diferentes texturas num mesmo espaço. Inspirado nas idéias de Maurice Merleau-Ponty sobre a apreensão dos sentidos, Cardoso procura distinções nítidas entre esses movimentos. No *ver* há uma passividade que desliza na película da superfície, enquanto que no *olhar* há uma atividade que produz uma profundidade que distingue os relevos da superfície.

O ver, em geral, conota no vidente uma certa discrição e passividade ou, ao menos, alguma reserva. Nele um olho dócil, quase desatento, parece deslizar sobre as coisas; e as espelha e registra, reflete e grava. Diríamos mesmo que aí o olho se turva e se embaça, concentrando sua vida própria na película lustrosa da superfície, para fazer-se espelho... Com o olhar é diferente. Ele remete, de imediato, à atividade e às virtudes do sujeito, e atesta a cada passo nesta ação a espessura da sua interioridade. Ele perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto, e parece originar-se sempre da necessidade de 'ver de novo' (ou ver o novo), como intento de 'olhar bem'. Por isso é sempre direcionado e atento, tenso e alerta no seu impulso inquiridor... (CARDOSO, 1997: 348)

Essas distinções produzem percepções diferentes sobre um mesmo objeto. Uma percepção mais superficial e homogênea não apresenta as sutilezas necessárias para uma interpretação sensível, já que o registro que apenas reflete o objeto traduz somente a aparência e superficialidade dos sentidos; ou melhor, traduz o sentido comum, o lugar comum. Como já dissemos, a investigação nas Ciências Humanas exige o olhar que persegue as lacunas e os descontínuos nas paisagens aparentemente uniformes e busca aquilo que não se oferece à primeira vista.

Aqui o olho defronta constantemente limites, lacunas, divisões e alteridade, conforma-se a um espaço aberto, fragmentado e lacrado. Assim, trinca e se rompe a superfície lisa e luminosa antes oferecida à visão, dando lugar a um lusco-fusco de zonas claras e escuras, que se apresentam e se esquivam à totalização. (CARDOSO, 1997: 349)

Nesse ponto, havemos de nos distanciar da noção de racionalismo — no sentido de uma ciência positivista em busca da verdade —, e ceder lugar aos vestígios que sugerem a construção de lugares a serem indagados. Dessa forma, buscamos conceber uma nova maneira de ver o mundo. Pelos passos do sábio Zadig, protagonista do romance de Voltaire, sabemos que a análise dos sinais e vestígios deixados pelo objeto permite, a partir de um olhar atento e inquiridor, a construção de um lugar possível, talvez verossímil, mas próximo de uma realidade vinculada às representações e sensibilidades de pessoas comuns³. Esse tipo de investigação estende as possibilidades de se interpretar não só aquilo que generaliza, mas também abre espaços para se observar o particular, que pode dar acesso às redes de significados sociais e psicológicos. Os detalhes que (aparentemente) se mostram apenas curiosos podem ser uma porta de entrada para essas redes de significações que constituem o mundo sensível dos homens. Esse é o ponto do qual a ciência positivista não dá conta, já que os movimentos de transgressão e deslocamento escapam às explicações puramente racionalistas e generalistas.

³ O personagem de Voltaire, Zadig, ilustra o texto de Sydne Chalhoub, *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da Corte* (1990), sobre a construção de uma metodologia de pesquisa.

2.3. O lugar da pluralidade.

A questão da generalização será sempre um ponto polêmico, na medida em que oculta aquilo que é particular e específico. A observação dos movimentos e trajetórias de um lugar específico não pode prescindir de uma análise do particular; isto é, os movimentos que se adaptam às necessidades de cada indivíduo ou grupo de indivíduos. Michel de Certeau (1996) apresenta-nos o olhar do pesquisador que observa o particular dentro da hegemonia de uma cultura dominante. É o que ele denomina de “ciência prática do singular” (CERTEAU, 1997: 9). O tratamento que, em geral, a Historiografia dispensa ao tema cultura popular esteve sempre no sentido de algo que existiu e morreu em função dos novos modelos e referências da cultura imposta pela burguesia; ou melhor, os produtos culturais “colocados no mercado”. Certeau vai contestar essa idéia e modificar os parâmetros que foram estabelecidos para os estudos sobre a cultura popular, observando a multiplicidade de representações e usos que permeiam a noção de cultura, que são as “maneiras de fazer”. A proposição de evidenciar as operações dos usuários coloca em foco as várias combinações das relações do homem ordinário determinando um lugar da pluralidade, muitas vezes incoerente e contraditória, mas que é o lugar da pluralidade cultural: “A cultura ordinária oculta uma diversidade fundamental de situações, interesses e contextos, sob a repetição aparente dos objetos de que se serve. A pluralização nasce do uso ordinário, daquela reserva imensa constituída pelo número e pela multiplicidade das diferenças.” (CERTEAU, 1997: 154)

O trabalho proposto pelo autor expõe uma análise combinatória sutil de operações e relações que situam um momento e uma ação determinada do “fazer-com, do aqui e agora, que é um ato singular ligado a uma situação, circunstâncias e atores particulares” (CERTEAU, 1997:). Essa visão de uma ciência do singular provoca uma inversão daquilo que costumeiramente tomamos como o saber científico, que equipara o conhecimento científico ao conhecimento do geral, ou seja, a generalização.

Creio que essas reflexões sobre os referenciais teóricos para a construção de uma metodologia de pesquisa sejam relevantes na condução deste trabalho, uma vez que o que se pretende é uma reflexão a respeito do período histórico de formação da Biblioteca Cesar

Bierrenbach, e, igualmente, do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, tendo em vista o momento de especial transformação da sociedade brasileira, após a Proclamação da República.

Penso que a constituição e formação da Biblioteca César Bierrenbach e do C.C.L.A. devem ser analisadas a partir do contexto sócio-histórico e da noção de modernidade na qual a cidade de Campinas estava inserida. A criação de uma instituição inspirada nos ideais republicanos e na ciência positivista, situa um momento e lugar específico de atuação de um grupo de pessoas que percorrem um itinerário de representações e sentidos. Esses movimentos de apropriação e ressignificação dos sentidos serão os objetos de observação dessa pesquisa. O que o trabalho pretende é considerar que o objeto do qual se vale está inserido no panorama da História Cultural.

Outro ponto fundamental neste contexto teórico é a noção de memória — e o lugar de memória —, conforme a acepção de Pierre Nora (1993). Sob tal prisma, penso que a Biblioteca Cesar Bierrenbach se constituiu como um lugar de memória dos saberes científicos de influência positivista, num período em que a ciência significava a força motriz do progresso e do desenvolvimento humano. O C.C.L.A. divisou como uma de suas principais metas reunir e difundir os conhecimentos das ciências, ainda que o alcance de suas ações fosse bastante restrito. Tendo em vista este particular aspecto, além do interesse deste estudo pela composição do (possível) percurso de formação da Biblioteca, há também o contexto histórico específico e os indícios que podem compor as representações do grupo de pessoas que fundaram o C.C.L.A., fato que determina que não podemos prescindir da discussão sobre memória.

2.4. Fontes documentais.

Os procedimentos de investigação que ordenam uma pesquisa acadêmica reclamam atenção em relação às fontes de pesquisas a serem utilizadas, pois os documentos constituem aportes capitais. Assim, na pesquisa sobre a constituição da Biblioteca César Bierrenbach, lanço mão de documentos do próprio acervo, especialmente revistas e

publicações tanto da instituição quanto concernentes à cidade de Campinas no início do século XX.

Assim, a *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes* constituiu uma das principais fontes documentais da pesquisa, posto tenha esta publicação recolhido e tornado públicas todas as atas das reuniões da Instituição referentes ao período aqui enfocado, bem como trabalhos (artigos, monografias, teses) apresentados pelos sócios durante suas reuniões do C.C.L.A. Além dos próprios exemplares da *Revista* há também os registros realizados pelos funcionários da Biblioteca ao longo dos anos, e que compõem base fundamental para o inventário do acervo. Todas as doações que o C.C.L.A. recebeu no período delimitado pela pesquisa (1901-1908) foram registradas em “listas de donativos”, havendo também a catalogação das obras no primeiro período da existência da Biblioteca e o Estatuto da Instituição. Tanto quanto esses documentos, os jornais são, igualmente, fonte de grande importância para o recolhimento de informações que dizem respeito à Instituição ao longo desse período. Sob este prisma, o próprio acervo iconográfico da Instituição, apesar de deteriorado, possibilitou a constituição de algumas imagens da Biblioteca e do C.C.L.A. Ainda que a conservação desse acervo seja, como já está dito, um grande e permanente problema na Instituição, tais fontes ainda sobrevivem aos maus rigores e contribuíram decisivamente como suporte do trabalho de pesquisa. Trata-se de uma fortuna de documentos decerto relevantes para uma investigação que se direcione não somente pela história do C.C.L.A. como também por parte da História das movimentações e do ideário republicano no Brasil.

Jacques Le Goff, em *História e Memória*, lembra a importância capital do documento, sua constituição e enquanto objeto de atenção e questionamento em vários momentos da História, especialmente a importância como fonte primeira da pesquisa histórica. É conhecida a afirmação de Le Goff, a partir de Michel Foucault (na *Arqueologia do saber*), que o “documento é um monumento”.

A história, na sua forma tradicional, dedicava-se a “memorizar” os *monumentos* do passado, a transformá-los em documentos e em fazer falar os traços que, por si próprios, muitas vezes não são absolutamente verbais, ou dizem em silêncio outra coisa diferente do que dizem; nos nossos dias, a história é o que transforma os documentos em

monumentos e o que, onde dantes se decifravam traços deixados pelos homens, onde dantes se tentava reconhecer em negativo o que eles tinham sido, apresenta agora uma massa de elementos que é preciso depois isolar, reagrupar, tornar pertinentes, colocar em relação, constituir em conjunto. (LE GOFF, 2003:)

Cabe também lembrar que, para o autor, o documento não é inócuo, já que é resultado de uma produção (intencional ou não) de uma sociedade, de uma época e da história cuja aparente significação deve ser desmistificada pelo pesquisador ou pelo historiador.

O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro — voluntária ou involuntariamente — determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo... É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (LE GOFF, 2003:)

A pesquisa situada em um contexto histórico não deve prescindir do questionamento e da crítica aos fatos que se apresentam, tanto quanto das fontes documentais. Nesse sentido, as assertivas de Le Goff e Foucault convergem para a discussão sobre a postura crítica e questionadora na qual o pesquisador deve se inserir, o que possibilita um debate transparente acerca do objeto de pesquisa.

As fontes documentais utilizadas neste trabalho são, em princípio, documentos produzidos pela Instituição ou a ela diretamente ligados, e que oferecem uma visão de primeira mão dos percursos iniciais da Biblioteca. Todavia é necessário um olhar atento às interpretações dali resultantes, sobretudo no sentido de buscar novos olhares e mesmo novas fontes que possibilitem outras formas de pensarmos itinerário que nos apresenta. Portanto, não é demasiado lembrar que a pesquisa buscou também a reflexão crítica acerca do *corpus* de que se valeu, buscando cautela e atenção na escolha dos referenciais teórico-metodológicos que foram incorporados ao trabalho.

Penso que sejam esses os suportes compatíveis com o interesse da análise do contexto histórico e social de Campinas no início do século XX. Neles a pesquisa buscou se apoiar. Além de delinear parte da memória do patrimônio cultural da cidade, o trabalho sobre a formação da Biblioteca César Bierrenbach almejou a compreensão do quanto C.C.L.A. e a própria Biblioteca representaram das aspirações das elites locais, num momento em que Campinas teve fundamental participação na condução da vida brasileira. Se não é possível compreender a constituição do Brasil Moderno sem que compreendamos a utopia republicana e o poder das oligarquias cafeeiras — cenário no qual Campinas e as elites locais tiveram papel importante —, pouco compreenderemos das aspirações das elites republicanas locais se não passarmos pelos movimentos da *intelligentzia* reunida em torno do C.C.L.A..⁴ Dessa forma, podemos afirmar que a constituição da Instituição e a formação da Biblioteca César Bierrenbach espelham a materialização dessa utopia.

Outro aspecto importante para compreender o percurso de formação da Biblioteca Cesar Bierrenbach está nos referenciais teóricos sobre “memória”, especialmente, na conceituação de que a biblioteca é um “lugar de memória”. Não se pode deixar de compreender o percurso de formação como um percurso possível construído a partir de indícios reunidos em fontes documentais. O que se pretende neste estudo é delinear um percurso de parte da memória da cidade no qual o C.C.L.A. figura como uma associação de importância que mantém em seus arquivos uma parcela da história de Campinas.

2.5. Memória e História.

A memória, numa primeira definição, pode ser considerada como uma propriedade do homem em conservar informações; ou seja, memórias individuais que suscitam sensações e sentimentos individuais. Entretanto, as lembranças de certos fatos, por vezes, estão relacionadas a uma determinada situação ou pessoas de um grupo. As relações que

⁴ As aspirações e mudanças na vida política e social inspiradas no ideário republicano ganharam grande força igualmente nos contornos mais subjetivos da vida social. A modernização não representava apenas o progresso econômico do país, mas as transformações da vida rural para a vida urbana. Nesse sentido, essa redefinição das nuances da vida social nas cidades exigia do homem urbano outra sensibilidade que se traduzia fortemente no comportamento e no modo de pensar. A sensibilidade aqui anotada remete a Walter Benjamin e diz respeito aos comportamentos e modo de pensar conformados à disciplina das cidades.

estabelecemos com o grupo no qual vivemos interação de modo determinante as nossas memórias, tanto que as lembranças da nossa infância se confundem com fatos e pessoas com as quais convivemos nesse período. Há uma relação muito próxima entre a memória individual e memória de um grupo ou memória coletiva. Tal noção de memória, tomada a partir dos estudos de Maurice Halbwachs, compreende uma relação de memória individual e memória coletiva. Em uma passagem de seu *A memória coletiva*, Maurice Halbwachs propõe:

Admitamos, todavia que haja, para as lembranças, duas maneiras de se organizar e que possam ora se agrupar em torno de uma pessoa definida, que as considere de seu ponto de vista, ora distribuir-se no interior de uma sociedade grande ou pequena, de que elas são outras tantas imagens parciais. (HALBWACHS, 1990: 53)

Tais noções de memória o autor as desenvolve chamando a atenção para a distinção entre memória coletiva e memória histórica. A memória coletiva não deve ser confundida com a memória histórica ou a própria história, posto a primeira diga respeito à história vivida do indivíduo pertencente a um grupo de pessoas. Afinal, nossas lembranças são construídas a partir de vestígios que se conservam através de nossas experiências nos grupos com os quais convivemos. Já os fatos históricos podem esclarecer episódios ou acontecimentos sedimentados num determinado momento de nossas vidas, mas não são decisivos na composição de nossas lembranças.

Para Halbwachs (1990: 60), “não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória.” Assim, existe um limite entre a memória coletiva e a memória histórica, já que a história se preocupa em descrever fatos e eventos que foram importantes ou que determinaram os rumos de uma nação. Quanto a este aspecto, o autor é categórico:

Admitamos que a história nacional seja um resumo fiel dos acontecimentos mais importantes que modificaram a vida de uma nação. Ela se distingue das histórias locais, provinciais, urbanas, devido a que ela retém somente os fatos que interessam ao conjunto dos cidadãos, ou se quisermos, aos cidadãos como membros de uma nação. (HALBWACHS, 1990: 78)

Aquilo que se torna essencial às nossas memórias não está registrado na memória histórica, mas circunscrito nas vivências dos grupos específicos e locais, como memórias coletivas. Como propõe Halbwachs, “entre os indivíduos e a nação, há muitos outros grupos [...] que, também eles, têm sua memória, e cujas transformações atuam muito mais diretamente sobre a vida e o pensamento de seus membros.” (HALBWACHS, 1990: 79)

A importância de inquirir as distinções entre memória coletiva e memória histórica está relacionada a um movimento sutil de apagamento dessas distinções, sutileza que ocorre, principalmente, na modernidade. Na sociedade moderna acredita-se que as duas memórias se confundem, pois as grandes transformações da humanidade no decorrer da história colocaram em segundo plano a memória coletiva; ou seja, as tradições e as memórias das vivências dos indivíduos em seu grupo foram ofuscadas pelos grandes acontecimentos da história. O apelo positivista das ciências — no final do século XIX e início do XX — foi decisivo para que, de certa forma, a história se apropriasse da memória coletiva e se transformasse apenas em memória histórica. Em seu artigo “Entre memória e história”, Pierre Nora (1993) desenvolve concepções a respeito da “aceleração da história”, visando mediar o problema da visão acerca do que está arquivado no passado. Para tanto, julga o autor imprescindível avançar nos limites de significado da metáfora que propõe:

Aceleração da história. Para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio.”(NORA, 1993: 7)

A crítica que emerge das ponderações do autor dirige-se, mais especificamente, ao que ele denomina “mundialização”, “massificação” e “mediatização” de uma percepção histórica que se difundiu nas sociedades, substituindo a memória pela efemeridade dos acontecimentos do mundo moderno. A memória, agora, passa a ser apenas vestígios e resíduos de um passado que está desaparecido. A ruptura com a herança das tradições, assim como a ausência do sentimento de pertencimento, criou uma percepção de distanciamento em relação ao passado, percepção esta imperativa aos tempos modernos e, essencialmente, ao homem moderno, cuja crença é a de transformação e mudança dos

rumos da (sociedade) história. Nesse contexto, a memória passou a ser um “fenômeno privado” (individual); ao passo que a história ganha o status de ciência social.

Segundo Nora, as distinções entre memória e história são bem evidentes e não são passíveis de transposição, posto suponham movimentos e representações distintas. A memória supõe um caráter vivo e permanente, porque diz respeito às pessoas de um grupo ou sociedade, suscitando lembranças que estão sempre vulneráveis a todos os movimentos de representação que possam dar sentido às experiências vividas; é, portanto, um elo entre o passado e o presente. A história é, antes de tudo, uma “operação intelectual e laicizante” (NORA, 1993: 9), que tenta reconstruir um passado de forma incompleta, relacionando-o a um contínuo de fatos e acontecimentos.

A representação do passado como algo desaparecido e morto torna necessária a consagração de lugares de memória que, em último sentido, seriam lugares em que podemos transportar parte da memória perdida. O ponto crucial existente nos estudos dos lugares de memória, segundo Nora

[...] encontra-se, assim, na encruzilhada de dois movimentos que lhe dão, hoje na França, seu lugar e seu sentido: de um lado um movimento puramente historiográfico, o momento de um retorno reflexivo da história sobre si mesma; de outro, um movimento propriamente histórico, o fim de uma tradição de memória. O tempo dos lugares, é esse momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída. (NORA, 1993: 12)

Os lugares de memória transformam-se em restos de memória e se configuram como lugares para serem comemorados ou observados. São arquivos, bibliotecas, museus, cemitérios, coleções, festas, aniversários, monumentos, santuários, etc que se tornam uma espécie de testemunhos de outras épocas. Essa necessidade de ritualização dos monumentos que consagram uma determinada memória denota o distanciamento entre a sociedade e seu passado, seus indivíduos não possuem mais memória porque são todos iguais. O sentimento de pertencimento e de tradição não existe mais ao nosso redor, apenas em nossas memórias como resquícios de um tempo distante. Assim, o que resta são as memórias individuais ou o

que Nora denomina de “fenômeno privado”, pois cabe a cada indivíduo construir suas memórias e sua própria história.

Nessa perspectiva sobre memória ou o lugar de memória é que busco compreender o percurso de formação da Biblioteca Cesar Bierrenbach. Desde os primeiros passos, em 1902, o acervo da Biblioteca foi constituído através de doações de sócios e colaboradores da Instituição. Essa acumulação de livros e impressos anunciava já um desejo da Associação em transformar a biblioteca num lugar de memória, onde os saberes das ciências e das artes poderiam ser acomodados, como conhecimentos calcados nas experiências empíricas e na autoridade das ciências, e que significavam progresso e modernidade. Ao mesmo tempo havia entre os intelectuais da cidade a idealização de transformar Campinas num pólo tecnológico e cultural do país, aspiração corroborada (e, sobretudo, impulsionada) pela constituição de espaços como a Estação Agronômica de Campinas e pela própria atuação de seus pesquisadores, propensa a estimular vigorosamente esse clima. Podemos ainda supor, na fundação do C.C.L.A., a tentativa concreta de criação de uma associação que reunisse nomes de projeção nas ciências e na cultura do país, produzindo um espaço de difusão das ciências e das artes, ao mesmo tempo em que se produzia como lugar de autoridade científica.

A atuação na Instituição de políticos republicanos foi, sem dúvida, de grande valia para esses anseios, já que, por si, terminava conjugando aspirações de desenvolvimento de saberes, de prestígio e de autoridade. Não será excessivo lembrar, mais uma vez, que um dos grandes colaboradores, e também sócio-fundador do C.C.L.A., foi ninguém menos do que o Presidente Campos Salles, a propósito doador de inúmeros impressos e relatórios oficiais de seu governo para o acervo da biblioteca. A propósito, pelo seu caráter fortemente simbólico, e pela especificidade de seu valor, as doações do Presidente logo passaram a constituir acervo do Museu Campos Salles, onde estão conservadas peças e documentos do período em que o mesmo foi Presidente da República (1898-1902).

Tanto quanto a Biblioteca Cesar Bierrenbach e o Museu Campos Salles, o Museu Carlos Gomes configura, igualmente, a construção do que neste trabalho é entendido como lugar de memória. Relativamente à constituição de seu acervo, o C.C.L.A. mobilizou grandes esforços, buscando reunir documentos e objetos que pertenceram ao maestro,

compondo assim um arquivo que julgava digno de sua memória. A intensificação de esforços para a formação do Museu Carlos Gomes é concomitante ao lançamento da pedra fundamental do Monumento a Carlos Gomes, em 1903, solenidade que contou com a presença, em Campinas, de Alberto Santos Dumont, à época consagrado como notória personalidade, misto de visionário, inventor e homem de ciências e artes⁵. A visita de Santos Dumont a Campinas foi marcada por grandes festejos, mobilizando tanto as autoridades locais e de outros estados. A propósito, tornou-se procedimento habitual da Instituição ao longo de sua trajetória, a promoção, em datas festivas, de grandes eventos de notória ressonância pública, tanto quanto a realização de sessões do C.C.L.A. voltadas a homenagear personalidades, eleitas em geral pelos republicanos como ilustres “colaboradores da cidade”⁶.

⁵ *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes*, ano I, 1902.

⁶ A Instituição realizava sessões solenes em homenagem a personalidades que, em geral, expressavam os valores republicanos, entre eles podemos citar o próprio Santos Dumont, cujos laços com Campinas remontam à presença do ilustre personagem nos bancos escolares do Colégio Culto à Ciência; o Marechal Deodoro, herói da Proclamação da República; Lauro Sodré, ex-governador do Pará e republicano do Partido Federal Republicano; Hercules Florence, um dos pioneiros da tipografia e da fotografia no Brasil.

Capítulo I

1.1. Empenho desenvolvimentista, movimento republicano e utopia das letras.

O Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas foi fundado a 31 de outubro de 1901. Como indica o nome, a Instituição nasceu sob o ideal de estabelecer-se como espaço de debate intelectual, científico e cultural junto à comunidade campineira. Buscando, desde os primeiros momentos de suas atividades, fomentar a cultura formal e livresca, apoiada sobretudo nos saberes científicos, o C.C.L.A. representou uma espécie de *utopia das letras e do conhecimento* na cidade que, à época, destacava-se dentre tantas como entusiasta do progresso e das conquistas da modernidade.

Nesse período de grandes transformações para o Brasil, as aspirações e as mudanças vindas da segunda metade do século XIX — sobretudo as noções de *progresso* e de *civilidade* — eram expressivamente marcadas pela idéia de uma *modernidade* plenamente acessível. Não há dúvida de que tais estímulos alimentaram fundamentalmente nas elites locais a crença de que podiam constituir uma sociedade avançada e culta⁷, especialmente pelo fato de que as cidades economicamente mais prósperas começavam a figurar (e, também, assumir-se, como era o caso de Campinas) como importantes pólos de desenvolvimento da Nação.

O progresso e desenvolvimento de Campinas resultaram quase que exclusivamente de investimentos do capital de uma burguesia que se formava na cidade. Parte desse extrato social passara a existir como consequência da industrialização e do fortalecimento do comércio local, o que não transforma o fato de que grande parte desses investimentos e mesmo os protagonistas dessas ações transformadoras vinham das elites agrárias, de fato ainda não deslocadas de seu posto de comando, e somente reposicionadas no novo regime. Cabe, a propósito, notar, que a reordenação do papel e posição dessas elites, francamente

⁷ Sobre modernidade, termo lançado por Baudelaire em *La peintre de la vie moderne*, artigo de 1860, e publicado em 1863, atingiu grande repercussão no final do século XIX, termo que foi difundido no meio literário e artístico, mas posteriormente, liga-se à noção de progresso. Dá ao significado de moderno uma nuance que o liga aos comportamentos, costumes e decoração. “Cada época, tem seu porte, o seu olhar, o seu gesto”, como coloca Baudelaire (LE GOFF: 2003).

alinhas ao regime republicano, resultava, na verdade, como uma forma encontrada para solucionar um problema que tomava grandes proporções: o trabalho assalariado (BRESCIANI, 1976). Aspecto confirmador dessa aliança estava no fato do Estado assumir papel importante na mediação dos conflitos entre proprietários e trabalhadores livres, através de medidas garantidoras do fluxo de mão-de-obra para a agricultura. Na realidade, os grandes fazendeiros, acostumados ao regime escravocrata, eram profundamente inábeis na administração da mão-de-obra assalariada, principalmente no que dizia respeito aos trabalhadores oriundos das comunidades de imigrantes. A falta da necessária habilidade no gerenciamento dessa nova realidade da produção, evidentemente, gerava conflitos e tensões na relação entre proprietário e trabalhador livre, solicitando do Estado a tutela na administração desses problemas, além dos aspectos de preservação da segurança e controle da ordem social. Tal encargo de autoridade a que se propôs o Estado, de tão necessário, estendeu-se à área financeira, por intermédio dos créditos concedidos aos proprietários das grandes lavouras para que pudessem quitar suas dívidas que, em grande parte, se referiam ao pagamento da mão-de-obra (BRESCIANI, 1976). Não seria difícil alcançar e compreender os motivos que levaram as elites agrárias a aderir prontamente ao governo republicano e, ao mesmo tempo, ao projeto de modernização da sociedade.

Nesse contexto, o Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas e o grupo aglutinado em torno de suas aspirações, figurou, em larga medida, como um núcleo inspirador dos anseios de modernidade no município, até pelo fato da cidade ter, em meados do século XIX, atingido invejável condição de desenvolvimento, tornando-se uma das principais referências de pólo urbano e avançado no país.

Durante o referido período, Campinas assistiu a quase todos os grandes avanços tecnológicos ofertados nos centros urbanos internacionais, de que era exemplo o transporte ferroviário implantado na região já em 1872. Em Campinas a ferrovia havia se desenvolvido tão rapidamente que mesmo antes do final do século XIX alcançava várias cidades circunvizinhas. Mesmo a presença do Imperador D. Pedro II na cidade, numa segunda visita ocorrida em 1875, corroborava o sentimento geral de avanço e prosperidade. O principal motivo que trouxe o Imperador à cidade era a utilização da via férrea em viagens pela região.

Além da malha ferroviária, outros setores evidenciavam o clima de pioneirismo do município, bastando lembrar, por exemplo, que, no início do século XX, a cidade contava com iluminação a gás e elétrica, sistema de esgoto, água encanada, bonde elétrico e telefonia; esta uma das grandes inovações do momento, e introduzida no município em 1884. Nas últimas décadas do século, 56 famílias constavam como assinantes dos serviços de telefonia, e, a partir da década de 1890, os telefones já se encontravam disponíveis para serviços públicos como Hospitais, Cadeia Pública e o Quartel de Polícia.

Como a ferrovia e a telefonia, o cinematógrafo também chegou a Campinas antes da virada do século; mais precisamente em 1897. No hoje extinto *Teatro São Carlos* ocorreu a primeira projeção cinematográfica da cidade, a 2 de outubro de 1897, sob o comando de uma companhia artística dirigida por Fauré Nicolay. A primeira projeção pública de cinema no Brasil havia se dado pouco mais de um ano antes, em julho de 1896, no Rio de Janeiro, capital da República

Além dos avanços tecnológicos e das novidades culturais, Campinas também se destacou pelo pioneirismo na construção civil. Tanto pelo empenho de iniciativas particulares, que proporcionaram a construção de casas comerciais e residenciais, quanto pelos insumos do poder público, erigindo hospitais, escolas e outras construções, além da pavimentação de ruas, a construção civil viveu um próspero período. Neste aspecto, a presença do engenheiro Francisco de Paula Ramos de Azevedo, que residiu na cidade de 1869 a 1896, deve ser ressaltada. Construções existentes ainda hoje — como a Delegacia de Polícia, na Avenida Andrade Neves, a Casa de Saúde de Campinas, o Liceu Salesiano *Nossa Senhora Auxiliadora* e a Escola Estadual Francisco Glicério — têm a assinatura do engenheiro e representam significativo patrimônio arquitetônico. Em *A Cidade: os Cantos e os Antros*, o historiador José Roberto do Amaral Lapa ressalta o sentimento geral pautado pelos influxos da modernidade:

Ser moderno no caso é ser republicano e abolicionista, imigrantista e amante do progresso, higiênico e sintonizado com o que ia pela Europa e Estados Unidos, considerados modelares para serem transplantados, em muitas de suas soluções e costumes, para Campinas, então cenário ou protagonista de movimentos que aceleravam a sua velocidade histórica, redistribuíam seu espaço, tornavam suas noites mais claras e melhor

aproveitadas, alterando suas formas de utilização das horas diurnas, a qualidade de vida, o viver na cidade enfim. (LAPA, 2008: 19)

Como vemos, Campinas aproximava-se, cada vez mais, dos princípios de inspiração liberal — tão cultivados pelos republicanos —, figurando como exemplo de modernidade e também do cosmopolitismo, inspirado nas principais capitais européias. Como ocorrera com algumas poucas cidades no Brasil, o desenvolvimento econômico e social de Campinas foi sobretudo marcado pelo pensamento republicano, além, é claro da própria instauração da República no Brasil e pelo sentimento geral de que o país necessitava superar as más heranças vindas da decadência do regime monárquico.

Cabe lembrar que, no último quartel do Império, o quadro geral da vida nacional remodelava-se, especialmente em função da decomposição da ordem senhorial escravocrata, que houvera obrigado nova distribuição de forças no campo econômico (FAUSTO, 1989). Esta nova ordem, dirigida fundamentalmente pela elite agrária, bem como pelos representantes do capital financeiro-industrial, tanto recompunha os patamares das classes dirigentes como implementava diversas reformas na política e na economia. Os esforços da monarquia para se manter no poder foram notadamente frágeis diante da pressão política exercida pelos opositores e pela organização do movimento republicano, fatores decisivos para a iminente derrocada do Império. Fato exemplar, e caracterizador de um primeiro momento dessa nova ordem que viria, está no Manifesto Republicano de 1870, a pedra fundamental do primeiro partido republicano verdadeiramente organizado — o Partido Republicano Paulista —, instaurado com a Convenção de Itu, em 1873. Com a participação de 133 convencionais, sendo 78 cafeicultores e 55 representantes de outras profissões, a Convenção de Itu posicionou no cenário político brasileiro nomes que figurariam como homens públicos de decisiva importância para a vida nacional das décadas posteriores. Manuel Ferraz de Campos Salles, que exerceria a Presidência da República entre 1898 e 1902, e Francisco Glicério de Cerqueira Leite — duas vezes ministro, deputado federal e senador da República — são nomes de campineiros ilustres presentes à Convenção de Itu. Entre os políticos que ganharam projeção desde então, passando pela fundação do Partido Republicano Paulista até a Proclamação da República — e, conseqüentemente, na instauração e fortalecimento do novo regime —, Campos Salles,

Ministro do Governo Provisório e Presidente da República, foi, sem dúvida o de maior destaque. Sua ascendência no Centro de Ciências e Letras de Campinas será visível e permanente, tanto na condição de sócio honorário como grande colaborador da formação do acervo da Biblioteca César Bierrenbach.

Os bacharéis, filhos da elite rural, especialmente aqueles oriundos da Faculdade de Direito de São Paulo, tiveram também papel decisivo no movimento republicano, com notada ascendência na vida cultural e política dos grandes centros como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Salvador e também Campinas. Inspirados pelos postulados do Liberalismo, sobretudo nas teorias de John Locke, exerceram militância política permanente, principalmente no Partido Republicano, onde compuseram o que poderíamos nomear de *intelligentzia* liberal, não obstante o fato de serem herdeiros autênticos de uma casta profundamente enraizada no sistema escravocrata. Em sua maioria, participaram os bacharéis ativamente dos quadros políticos e administrativos do novo regime, alimentando as alianças entre grupos sociais do mundo rural e do mundo urbano, até pelo fato de que muitos eram representantes de famílias poderosas e tradicionais da economia agrária. (ADORNO, 1988).

Foi também de Campinas que saiu o grupo dos *republicanos históricos* — também chamado “Grupo dos Cinco” —, composto, em sua maioria, por quadros vindos da Academia de Direito de São Paulo, a célebre Escola do Largo de São Francisco. Este grupo era constituído por Campos Salles, Francisco Glycério, Francisco Quirino dos Santos — fundador e editor da *Gazeta de Campinas*, jornal que circulou entre 1869 a 1890 —, Bento Quirino dos Santos e Jorge Miranda. Cabe ainda lembrar, entre esses pares, Alberto Salles, irmão de Campos Salles, considerado um dos mentores intelectuais do movimento. (CARVALHO, 1990) No mais das vezes estimuladas pelos bacharéis republicanos (como o “Grupo dos Cinco”) — e, em alguns casos, diretamente resultantes de sua intervenção —, inúmeras associações que reuniam colaboradores e simpatizantes do movimento republicano foram criadas no país, especialmente nos grandes centros, com o intento não somente de promover reuniões de cunho político-partidário como também de caráter científico. Foi, a propósito, o Grupo dos Cinco que fundou o Club Republicano (ou Club

Campineiro), no ano de 1865, uma das primeiras associações de republicanos no país, e que foi a semente do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas.

Para que possamos compreender um pouco mais dos preceitos que inspiraram o movimento republicano devemos fazer uma incursão pelos estudos de Alberto Salles, teórico do movimento. O pensamento positivista em seus estudos marcou de maneira especial as concepções sobre política e sociedade estendidas a todo grupo. A formulação sobre política, por exemplo, postula um enunciado essencialmente empirista ao dizer da política que “ela é uma ciência” e que, como ciência, possui duas partes distintas: uma teórica e outra prática (CARVALHO, 1990). O fundamento desta premissa reside “na própria natureza das coisas” (SALLES *apud* BRESCIANI, 1976: 398), onde a sociedade é vista como um corpo dotado de vida, assim como os indivíduos que a compõem, sendo, portanto, as transformações que nela ocorrem não mais que conseqüências das leis naturais que regem a sociedade. Referindo-se a esse quadro em seu trabalho *Liberalismo: Ideologia e Controle Social (Um estudo sobre São Paulo de 1850 a 1910)*, tese de doutoramento defendida em 1976 na Universidade de São Paulo, Maria Stella Bresciani anota:

A natureza é a matriz do social e seu princípio explicativo. A natureza que se desdobra infinita nos homens individualizados e que se reafirma determinando a sua configuração coletiva. A singularidade do raciocínio analógico reside em não exigir identidades, mas tão somente semelhanças, artifício esse que lhe permite estabelecer a equivalência entre hierarquização do social e a estrutura do organismo humano. (BRESCIANI, 1976: 399)

A mesma autora recorre ainda a Alberto Salles fundado na definição das relações entre sociedade e governo, e que advoga o pressuposto de que “não há sociedade sem governo”, reconhecendo a autoridade como algo necessário à existência do coletivo. A argumentação da necessidade do Estado está igualmente na razão única da natureza das coisas, da natureza do homem. O excerto a seguir, de Alberto Salles, mostra com propriedade o raciocínio fundamentado nessa experiência empírica:

Como é sabido, há em cada um de nós duas tendências opostas e inteiramente distintas, a saber: uma que nos leva a tomar interesse e a adquirir afeição pelas coisas dos outros, e outra que nos prende e nos liga

aos nossos interesses. São dois sentimentos inconciliáveis da simpatia e do egoísmo, que formam o fundo de nossa natureza moral e que constituem os únicos estímulos de todo o nosso desenvolvimento, quer individual, quer social. Pela simpatia tomamos parte na promoção do bem-estar de nossos semelhantes e damos lugar à formação da concepção eminentemente social do interesse comum; pelo egoísmo cuidamos de preferência do que é nosso e damos origem à concepção do interesse particular. É da luta entre esses dois interesses que resulta o progresso com todas as suas conseqüências eminentemente civilizadoras. É daí que resulta igualmente o fenômeno geral da cooperação, que é, não somente a base de todo o desenvolvimento social, como também o único motivo da necessidade do Estado, como um centro geral regulador. (ALBERTO SALLES, apud BRESCIANI, 1976: 400-401)

Essas concepções ajudam a entender como os preceitos republicanos mobilizaram a sociedade na implementação de mudanças que se traduziam como progresso e modernidade, uma vez que aquela noção de progresso esteve diretamente relacionada à idéia de civilização, ou, igualmente de civilidade, sobretudo como um caminho natural da evolução do homem. Assim sendo, tornava-se factível e natural a visão do Estado como o responsável por gerir condições para o progresso e desenvolvimento e, especialmente, como um dos pilares a permitir o desenvolvimento civilizatório por intermédio da educação, ou da formação do homem através das ciências.

O capitalismo no Brasil, embora tardiamente constituído, foi o grande impulso para as transformações e a adoção do ideário liberal pela burguesia local. A cidade tornou-se, então, o centro do capital, condição, entretanto, que exigia que seus habitantes incorporassem hábitos e comportamentos capazes de denotar civilidade e modernidade. Dessa forma, a noção de modernidade alcançou as vivências do coletivo nas grandes cidades, em especial nos locais públicos onde a sociabilidade fizesse supor a assimilação daquilo que transparecesse civilidade.

Entretanto, não se pode considerar que progresso e civilidade atingissem a população como um todo, uma vez que as iniciativas que implementaram o desenvolvimento econômico e político do país se restringiam a uma camada de proprietários e capitalistas.

Em estudo sobre os almanaques do final do século XIX, *O Almanaque, a Locomotiva da Cidade Moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880* (1998), a Prof^ª Maria

Carolina B. Galzerani demonstra como a civilidade, presente nos locais de convivência da população (nos espaços destinados ao convívio público), acionava mecanismos de controle social.

Deparamo-nos, pois, com uma dada acepção de “sociabilidade” ou de “civilidade”, que pode ser lida não como um “convívio de conhecidos e estranhos”, mas muito mais como controle de práticas e sensibilidades sociais que chega a afetar o corpo das pessoas, principalmente das socialmente “menores” – figuras a serem “civilizadas”, i.é, dos caipiras, dos casmurros, das mulheres, aliás tão sujeitas à “ vaidade” (*sic*) [notação da autora]. (GALZERANI, 1998: 124)

A autora coloca, ainda, que a idéia de sociabilidade é definida a partir das “concepções liberais e positivistas, as quais aparecem amalgamadas, muitas vezes, a ideais românticos, nacionalistas” (GALZERANI, 1998:123). Nesse sentido, o conceito de sociabilidade surge como “higienização”, como “polimento” no convívio social. A análise presente no referido estudo tem como referência artigos do jornalista Henrique de Barcellos, publicados no final do século XIX pelo jornal *Diário de Campinas*.

À época, Barcellos era redator do *Diário de Campinas* e compartilhava das idéias do círculo republicano, e não podemos deixar de anotar que foi também um dos sócios fundadores do C.C.L.A., bem como entusiasta da associação. Em seu trabalho, Galzerani chama atenção para um artigo do jornalista publicado em 31/10/1876, no qual defende a construção de passeio público como espaço de sociabilidade que denotasse a civilidade de uma população. A autora aponta também outro artigo, de 1881, chancelado pelo codinome de Gil Blás, onde o jornalista registra sua acepção de “sociabilidade”, que, para ele, seria uma espécie de retórica do aprendizado social, um lugar de recolhimento das lições de “boas maneiras”, até mesmo para os “casmurros” que aprendem “a não dizer asneiras”, “a não bater no ombro do interlocutor, e a não cuspir nos circunstantes quando falla com assomos pedantes” (BARCELLOS *apud* GALZERANI, 1998:123).

Esse aprendizado sistemático das “boas maneiras” indica, segundo a autora, uma disciplina dos comportamentos individuais quando inseridos na convivência em público. Entretanto, essa convivência delimitava, igualmente, o alcance do processo civilizatório; ou seja, a concepção de “higienização” aplicada aos menos favorecidos como os negros,

operários e os “caipiras”. Assim, os espaços públicos delimitavam-se, antes de tudo, como espaços privilegiados para a burguesia, num “processo dramático de transformação de hábitos cotidianos, convicções, modos de percepção intimamente articulados ao avanço do capitalismo” (GALZERANI, 1998:125).

A criação do Centro de Ciências, Letras e Artes, em alguma medida, pode ser interpretada nesse contexto, porém sob a condição de um espaço privilegiado da intelectualidade local que, pretensamente, quer ser autora e divulgadora dos saberes necessários para o progresso da sociedade.

1.2. Bacharelismo e *intelligentzia* liberal.

Constituído como expressões dos ideais inspirados na democracia e no liberalismo, o projeto político republicano erigido em Campinas alcançou significativamente o ambiente educacional da cidade. Em artigo publicado em 1871, Campos Salles, então deputado provincial, afirmava já a inter-relação dessas instâncias e defendia que a autonomia de um povo somente poderia ser afirmada por intermédio da educação:

O povo que lê, ergue alto a sua autonomia no estado pela meditação e pelo pensamento, essas duas formidáveis trincheiras, ante as quaes quebram-se e cabem impotentes os golpes traiçoeiros do despotismo, quase sempre atirados contra o povo pela mão oculta de falsos propagandistas. O povo que é instruído e incarna o seu progresso no desenvolvimento real da intelligencia, sabe governar-se, tem a consciência de sua grandeza e pode conseguitemente preservar os seus preciosos direitos dos ataques embusteiros que lhe vêm da cilada. (CAMPOS SALLES, 1870 apud LISBOA: 75-80)

O debate em torno das questões sobre a educação no Brasil no final do Império — diga-se, vigoroso — foi, sem dúvida, impulsionado pelos ideais progressistas dos republicanos, cujos esforços se ligavam fortemente à defesa da instrução ampla para a população. Somente através da educação haveria a possibilidade de erradicar a “ignorância do povo” e, assim, constituir uma população de homens capazes, especialmente para exercer postos importantes na sociedade. Podemos entender tal concepção de educação,

sobretudo nos domínios do controle ideológico, “para preservar a ordem” (BRESCIANI, 1976:406), apelo tão essencial para o progresso, segundo os princípios positivistas. A universalização do saber da classe dominante representa uma forma eficiente para o “desenvolvimento intelectual, moral e religioso do povo”, e, nesse aspecto, haveria uma melhora nas condições de produção da economia e também na organização e manutenção das instituições políticas e civis (BRESCIANI, 1976: 406).

Pelo estímulo advindos dessas aspirações é que se constituiu, em Campinas, no ano de 1869, a Sociedade Culto à Ciência, cuja finalidade principal era a fundação de um colégio de ensino secundário de excelência. A participação dos republicanos na diretoria dessa Sociedade ocorreu já nos primeiros momentos, sendo seu principal colaborador o próprio deputado e bacharel Campos Salles. Os demais membros da diretoria eram, no geral, fazendeiros (os “barões do café”), e também figuras proeminentes da sociedade local. Após a aquisição do terreno e a construção do edifício onde o Colégio seria instalado, veio a inauguração oficial da escola da Sociedade Culto à Ciência, dada aos 12 de janeiro de 1874. A primeira turma contava com 84 alunos, dos quais 60 eram internos, 10 semipensionistas e 10 externos. Ressalte-se que a escola atendia alunos apenas do sexo masculino.

No discurso de inauguração do colégio, Campos Salles reafirmou suas convicções a respeito da importância da educação no Brasil, reclamando o direito à educação para o povo e enfatizando a ilustração como caminho para o progresso e desenvolvimento individual e coletivo:

E já muito na verdade quando sentimos que temos sede de instrução. É o sintoma precursor da saúde moral dos povos. Sim, a sociedade caminha, obedece às leis do progresso e já agora vê o verdadeiro ponto de partida para os mais altos destinos no desenvolvimento da razão, na cultura do espírito, esse centro luminoso onde reside por excelência a distinção suprema que caracterizou o ser humano — a coroa da criação. [...]
Atesta a história que outrora, quando em tudo e por toda parte as aspirações do homem tinham um limite invencível na bárbara lei do privilégio, a educação intelectual de todo monopolizada era antes um luxo da classe aristocrática, do que uma necessidade dos povos [...]
Mas a filosofia moderna, com a lógica inflexível dos seus princípios, triunpha pouco a pouco do preconceito. Um instinto natural desperta no povo a necessidade de reivindicar os direitos usurpados. Trava-se luta

gigantesca, opera-se a auspiciosa revolução das idéias e o choque dos interesses opostos entre a aristocracia e a realeza, fez que do velho feudalismo da Inglaterra, nascesse a aurora da liberdade para todas as nações. [...]

E se é certo que hoje a necessidade da instrução popular é entre nós um ponto livre de controvérsia, e se é esta a verdade universalmente proclamada, cumpre, porque o momento urge, fazê-la baixar do realismo doutrinário para a realeza prática. (CAMPOS SALLES, 1874 apud FRANCISCO PAULA, 1946:)

Contudo, é de crer que não houvesse, naquele momento — e como afirmava Campos Salles —, significativa mobilização da população reivindicando seus direitos, sobretudo em relação à educação.

Mesmo assim, foi graças ao espírito empreendedor das elites lideradas pelos bacharéis que, em Campinas, existiu um número significativo de escolas de instrução primária, incluindo escolas rurais. Na década de 1870, por exemplo, havia em Campinas 16 escola de ensino primário, das quais cinco eram mantidas pela administração pública e onze particulares. Havia também colégios que ofereciam ensino primário e secundário para 570 alunos do município, e, quanto às escolas rurais, perfaziam um total de 30 estabelecimentos, atendendo aproximadamente 200 alunos.⁸

Entretanto, a realidade do Colégio Culto à Ciência logo, e na prática, distanciou-se daquilo que seria uma “educação voltada para o povo”, já que o curso secundário encarregava-se de formar os filhos das tradicionais famílias da cidade e também de fazendeiros que possuíam grandes propriedades em localidades mais distantes, como bem exemplifica a presença do jovem Alberto Santos Dummont entre os alunos da turma de 1879.⁹

Quanto à orientação pedagógica do Colégio Culto à Ciência, desde o início, ela foi fundamentada nos ideais dos positivistas e dos maçons, sendo sua principal finalidade o

⁸ Esses dados retirados do trabalho do Prof. José Roberto do Amaral Lapa, *A cidade: os cantos e os antros* (2003) mostram um panorama do ensino de Campinas nesse momento. O número de crianças em idade escolar que freqüentavam escolas era muito alto para os padrões da época, significava em torno de 84% de crianças atendidas nas escolas, cerca de 1300 crianças em idade escolar numa população de 13 mil pessoas livres.

⁹ A família de Santos Dumont possuía fazendas na região de Ribeirão Preto.

preparo dos estudantes para o curso superior, especialmente o da Faculdade de Direito de São Paulo.

Jorge Miranda, bacharel e republicano histórico, e também diretor da instituição — um dos principais colaboradores desde a sua fundação —, exerceu grande ascendência na constituição dos ideais do Colégio, defendendo os preceitos escolares baseados na retidão moral, devendo ser esta “a preocupação constante do professor e o resultado natural de todos os exercícios escolares” (MIRANDA, 1886 apud LAPA, 2008: 174). Assim, supunha garantir que a formação moral permeasse todas as atividades e todas as relações escolares, consistindo o “ânimo ao trabalho — a verdade, a caridade, em uma palavra suprema lei do amor”. Nessa perspectiva, a conduta escolar formaria o homem moral, enquanto que a instrução cívica definiria a formação do cidadão. Em última instância, uma educação que se traduzia no “amor à pátria e respeito às leis”. Trata-se, como vemos, do ensino delineando a formação do homem preparado para assimilar o *moderno*, privilegiando a educação dos sentidos. Todos estes preceitos se alinhavam aos ideais positivistas e republicanos; os quais foram perfeitamente assimilados no projeto educacional da Sociedade Culto à Ciência, desde suas primeiras sementes. É o que observa o historiador José Roberto do Amaral Lapa:

Mais completo ideário burguês, abolicionista e republicano, produzido especialmente para os filhos da vanguarda cafeeira do país, não poderíamos encontrar em outro local, senão no prestigioso Colégio Culto à Ciência, espaço privilegiado para a formação da elite, num programa que procurava ser pragmático e eficiente, dando uma visão do mundo, treinando para o exercício do poder e o trato da economia e sociedade do país. (LAPA, 2008: 174-175)

A excelência na educação do Colégio Culto à Ciência mereceu comentário elogioso do Ministro do Império, o conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, bem como do Presidente da Província, João Teodoro Xavier. Em 1886, o Colégio recebeu a visita do Imperador Pedro II, ocasião na qual, como previa o hábito, o Monarca inquiriu os alunos para verificação do grau de aplicação. Em seu Diário, D. Pedro II não deixou de anotar que lhe parecia satisfatório o nível dos alunos do Culto à Ciência.

A rigor, o Culto à Ciência funcionou até 1892, data em que houve a dissolução da associação mantenedora, em função da crise financeira da Instituição, crise esta drasticamente agravada pelos surtos de febre amarela que devastaram a população da cidade. Todo o patrimônio do Culto à Ciência foi transferido para a Câmara Municipal de Campinas, que, a partir de então, tornou-se responsável pelo Colégio, inclusive, pelas dívidas. Em 1895, o Culto à Ciência passou à responsabilidade administrativa do Governo do Estado e, logo após, em 1896, o governador Campos Salles assinou decreto-lei criando o Gymnasio de Campinas, que funcionaria nas instalações do antigo Colégio. O Gymnasio de Campinas foi inaugurado a 4 de dezembro de 1896.

A criação do Gymnásio veio como conseqüência das mudanças implementadas pelo governo republicano. A reforma educacional de Benjamim Constant, de 1890, significou um primeiro esforço de mudar o sentido preparatório dos cursos secundários para o ingresso no ensino superior, implementando alterações curriculares que visavam um caráter formador para esses cursos.

Cabe notar que as mudanças curriculares no sistema educacional estavam em sintonia com o desenvolvimento das ciências no final do século XIX, especialmente por conta da inclusão, nos programas de ensino, o estudo das ciências segundo a classificação positivista de Comte.¹⁰ O colégio Culto à Ciência, em sua época, representou o anseio republicano da formação humanística, visando um conhecimento enciclopédico para os alunos, mas sem abandonar o sentido preparatório para os cursos do ensino superior. A fundação do Gymnásio de Campinas consolidou essa fase de mudanças no ensino do município, principalmente na sua estruturação, realizando os exames na própria instituição, e exigindo a freqüência dos alunos nas disciplinas, principalmente no curso que possibilitava a obtenção do título de bacharel em Ciências e Letras. O cuidado e atenção no ensino do Gymnásio e a rigorosa seleção de seus lentes para as cadeiras do programa curricular deram continuidade à tradição de excelência cultivada desde o período do Colégio Culto à Ciência, e o Gymnasio de Campinas, em seu aspecto subjetivo, retomava

¹⁰ As disciplinas ligadas às ciências, segundo a classificação de Auguste Comte eram: Português, Latim, Grego, Francês, Inglês, Alemão, Matemática, Astronomia, Física, Química, História Natural, Biologia, Sociologia e Moral, Geografia, História Universal, História do Brasil, Literatura Nacional, Desenho, Ginástica, Evoluções Militares e Esgrima, Música.

os rumos e a trajetória do antigo Colégio. O corpo docente era um exemplo dessa tradição, já que grande parte dos professores era constituída por profissionais liberais renomados, bacharéis e escritores, todos, sem exceção, compartilhando do círculo político republicano.

Os fundadores do C.C.L.A. pertenciam, em sua maioria, a esse mesmo círculo. Por isso, a Instituição logo alcançou status de espaço de representação e continuidade dos ideais da República, tendo muitos de seus associados participado da fundação e desenvolvimento do Colégio Culto à Ciência e, depois, como lentes no Gymnásio de Campinas.

No grupo fundador do Centro de Ciências Letras e Artes estava, por exemplo, Jorge de Miranda, republicano histórico, que tomou parte da formação e fundação do Colégio Culto à Ciência, atuando como importante colaborador dos princípios que fundamentavam as diretrizes de ensino do Colégio, além de assumir a direção da mesma entre 1901 a 1903. Outro nome de destaque da fundação do Colégio foi o de Henrique de Barcellos, que fez parte do primeiro corpo docente, lecionando Gramática e, posteriormente, ocupando a direção do Colégio, entre 1898 a 1900. Ao lado de Henrique Barcelos, cabe também a lembrança de nomes como Álvaro Miller, lente da cadeira de História Geral, o escritor Henrique Maximiliano de Coelho Netto, lente da cadeira de Literatura e César Bierrenbach, de História Universal (Bierrenbach havia sido também aluno do Culto à Ciência, na turma de 1887).

Henrique de Barcellos foi jornalista e atuou fortemente na imprensa local, encarregando-se, inclusive, da edição dos almanaques para os anos de 1881 e 1886. Desenvolveu um trabalho de longa duração no *Diário de Campinas*, de 1875 a 1885, quando fundou o jornal *O Correio de Campinas*. Além desses, participou dos jornais *A Sensitiva* (1873), juntamente com Alberto Salles; *A mocidade* (1874) que, posteriormente, passou a se chamar *Atualidade* (1875) e, por fim, do *Diário de Campinas* (1875). (GALZERANI, 1998: 128)

1.3. Desde o *Gremio de Estudos das Sciencias*, as inspirações positivistas.

As inspirações positivistas do final do século XIX e início do século XX, sobretudo respaldadas no desenvolvimento das ciências, tiveram no C.C.L.A. a forma e o lugar de sua

cristalização, principalmente porque coincidiam com o projeto republicano. Na cidade de Campinas estava sendo já formada uma intelectualidade que reclamava um espaço próprio para seus debates e reuniões, constituída em sua maioria por profissionais liberais, cientistas, escritores e literatos. Dentre estes havia, por exemplo, os pesquisadores que atuavam na Estação Agronômica de Campinas, fundada em 1886 por D. Pedro II; instituição proeminente do período de desenvolvimento do ciclo do café na região e que recebeu muitos cientistas da Europa.

Outro segmento formador dos quadros do Centro de Ciências Letras e Artes era, principalmente, o jornalismo, também este de vasta tradição republicana. Além de Henrique de Barcellos, destaco também Leopoldo Amaral, jornalista e cronista campineiro (autor de *A cidade de Campinas em 1900*) e primeiro correspondente do jornal *Província de São Paulo* (posteriormente *O Estado de São Paulo*) em Campinas. Vale, nesse sentido, lembrar a circulação, desde a segunda metade do século XIX, do periódico a *Gazeta de Campinas*, jornal do qual os republicanos históricos se utilizavam como instrumento de veiculação de seus ideais e projetos. Entre os republicanos históricos que escreviam na *Gazeta* estavam Campos Salles, Francisco Glycério, Jorge Miranda, Francisco Quirino dos Santos, todos eles sócios do C.C.L.A.

Mais que o desejo de criar um espaço de debate e difusão do ideário republicano, havia no C.C.L.A. a necessidade do debate científico, pretendendo-se um diálogo local com cenário mundial na virada do século, calcado nas idéias de progresso científico e tecnológico de então. A primeira reunião do grupo fundador do C.C.L.A aconteceu na casa do engenheiro Edmundo Krug, na Rua São Carlos — hoje Avenida Moraes Sales —, a 25 de setembro de 1901. Ali foi elaborada uma carta-convite¹¹ aos cidadãos, exortando-os à participação em um *Gremio de Estudos das Sciencias*.¹² Como salientava o documento, o objetivo maior da agremiação era a “propagação das sciencias que mais se prendam aos progressos do nosso paíz e sua agricultura”. Assim, os pioneiros convidavam “profissionais, amadores e outras pessoas que se interessavam pela vida científica e suas várias manifestações”. O ideário positivista no conteúdo da carta-convite vem explicitada

¹¹ Anexo A do Relatório do 2º ano social do C.C.L.A., 31/10/1903.

¹² Participaram da reunião José de Campos Novaes, Francisco de Paula Magalhães, Henri Potel, Adolpho Hempel, Edmundo Krug, e João Cesar de Bueno Bierrenbach.

claramente nos objetivos propostos para a agremiação, objetivos estes que visavam privilegiar:

- Promover e propagar o estudo das Sciencias Naturaes e das que com ellas se relacionem.
- Celebrar reniões quinzenais em que sejam lidas memorias e outros trabalhos de sócios sobre QUAESQUER SCIENCIAS e discutidos themas sobre especulações scientificas ou suas applicações práticas.¹³

O caráter educacional e de divulgação das ciências era, igualmente, ressaltado:

- Organizar prelecções e conferencias públicas instructivas.
- Pugar pela instituição o ensino de sciencias naturaes nas escolas primárias do Brazil.
- Vulgarizar o estudos das moléstias de plantas e animaes e os meios de debella-las.¹⁴

A educação através das ciências, como foi anotada anteriormente, vinha como requisito básico para o progresso da sociedade. Nesse sentido, o Centro esforçava-se para levar à população a imagem de uma instituição que defendia a ilustração, prática tão necessária à formação dos cidadãos. Não obstante, esses esforços, na prática, muitas vezes não iam além de iniciativas de curta duração. Exemplo disso foi a instalação de cursos ligados às artes, e que funcionaram apenas nos primeiros anos da Instituição. De caráter mais permanente, restava, como pediam as propostas da carta, a realização de conferências, que, de fato, ocorriam com frequência, promovidas, no geral, pelos próprios sócios da Instituição¹⁵. De resto, as preocupações de caráter civilizador ocupavam permanentemente a agenda da Instituição, interessada em aprimorar comportamentos, com vistas ao progresso da cidade. Muitas dessas iniciativas, ao mesmo tempo em que afirmavam o voluntarismo de espíritos otimistas, denotavam vocação utopista, se levarmos em consideração a realidade da nação. Todavia, não havemos de negar-lhes o caráter progressista.

¹³ Anexo A do Relatório do 2º ano social do C.C.L.A., 31/10/1903

¹⁴ Anexo A do Relatório do 2º ano social do C.C.L.A., 31/10/1903.

¹⁵ Através dos Relatórios Anuais de Atividades da instituição podemos estimar uma media de oito a dez conferências anuais.

- Contribuir para o melhoramento das condições da agricultura e criação do paiz.
- Esforçar-se pela adopção e prática de Leis Florestaes e protetoras da Fauna e Flora brasileiras.¹⁶

A carta do *Grêmmio* também se refere à criação da Revista, de uma Biblioteca e do Museu de Ciências Naturais. Frutificado, o conjunto inicial de idéias resultou na *Revista do Centro de Ciências Letras e Artes* — cujo primeiro número circulou no primeiro trimestre de 1902 —; na Biblioteca César Bierrenbach, uma homenagem ao sócio-fundador; ficando somente o Museu de Ciências como uma expectativa não realizada, pelo menos não integralmente, já que vieram depois o Museu Carlos Gomes e o Museu Campos Salles.

O interesse tanto dos pioneiros do *Gremmio de estudos das Sciencias*, quanto do próprio C.C.L.A. por revistas e periódicos era plenamente justificável uma vez considerada a cultura da época. Na passagem para o século XX, as revistas especializadas tornaram-se, no Brasil, importantes veículos de divulgação de informações sobre ciências, literatura e artes, figurando como leitura obrigatória para as elites, preocupadas em cultivar os hábitos e comportamentos urbanos distintivos, hábitos que, na realidade, foram importados das capitais européias. Dessa forma, o interesse do grupo do C.C.L.A. em levar à frente sua missão de ampla divulgação dos saberes veio por intermédio das revistas, que tinham uma circulação maior entre o público, uma vez que os jornais, na época, ocupavam sua pauta mais com as notícias do mundo político e do comércio que propriamente com a divulgação de saberes específicos. Assim sendo, a Biblioteca e o C.C.L.A. passaram a espaços que reuniam várias outras formas de divulgação de saberes. Através da Biblioteca, pôde, finalmente, o Centro de Ciência, Letras e Artes de Campinas proporcionar aos associados o acesso privilegiado às fontes diversificadas de divulgação científica e cultural. Por fim, também o museu — que, como sabemos, acabou, em parte, malgrado — criaria espaço de memória dos conhecimentos difundidos pela agremiação.

¹⁶ Anexo A do Relatório do 2º ano social do C.C.L.A., 31/10/1903.

1.4. De *Gremmio de Estudos das Sciencias* a Centro de Ciências, Letras e Artes.

No dia 31 de outubro de 1901 realizou-se a fundação do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, no salão nobre do Club Campineiro (ou Club Republicano). O nome da agremiação evoluiu de *Gremmio de estudos das Sciencias* para Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas por sugestão do escritor Coelho Netto, já que este reclamava um espaço para as Letras e Artes na associação¹⁷. Na primeira reunião da instituição foi eleita a diretoria pioneira, assim constituída:

Conselheiro Leoncio de Carvalho – Presidente
 José de Campos Novaes – Vice-Presidente
 Francisco de Paula Magalhães Gomes – Secretário Geral
 Cesar Bierrenbach – 1º Secretário
 Angelo Simões – 2º Secretário
 Coelho Netto – Orador
 Edmundo Krug – Tesoureiro¹⁸

O modelo de gestão da associação mantinha, ao lado da diretoria, comissões para cada área das ciências, compostas pelos próprios sócios, a exemplo da comissão Matemática e Astronomia; Engenharia, Física, Química e Mineralogia; Botânica; Zoologia; Agricultura e Zootecnia; Geografia, História e Demografia; Ciências Médicas; Ciências Sociais e Econômicas; Ciências Jurídicas; Letras e Artes. Ainda havia as comissões para Revista e Publicação, Biblioteca e Museu, Legislação, Justiça e, por último, Contas e Sindicância. Os diretores da comissão para a Biblioteca e Museu, por exemplo, eram o advogado Philippe Gonçalves, o fitopatologista Adolpho Hempel e o engenheiro Vergniaud Neger.

A primeira deliberação da diretoria constituída do C.C.L.A. foi o envio de uma mensagem de congratulações a Santos Dumont, pelo seu primeiro vôo no dirigível em torno da Torre Eiffel, no dia 19 de outubro de 1901, mesmo ano de fundação do C.C.L.A. A

¹⁷ Relatório do 1º ano do Centro de Ciências, Letras e artes de Campinas, 31/10/1902. Relatório elaborado por César Bierrenbach, 1º secretário.

¹⁸ Ata da Assembléia Geral instaladora do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, 31/10/1901.

mensagem foi sugerida e escrita por Coelho Netto, sendo publicada na edição do primeiro número da *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes*, em 1902.

As primeiras teses eleitas para discussão em reuniões tiveram como tema as ciências. Dentre os registros alcançados, apontamos as teses sobre a devastação das matas no Estado de São Paulo e suas conseqüências (por Ezequiel de Souza Britto, sócio fundador do Centro) e a tese correlata (também sobre a devastação das matas), assinada por João Pedro Cardoso. Houve também uma tese sobre a viação férrea e navegação fluvial, de José de Campos Novaes¹⁹.

O entusiasmo com que se promoveu a fundação da Instituição permaneceu animando vários debates extensos sobre teses científicas — a maioria assinada pelos próprios sócios —, incorporando uma espécie de “espírito científico” à rotina do C.C.L.A., espírito, de certa forma, extensivo se não ao cidadão comum, pelo menos no que dissesse respeito a profissionais cujas ocupações exigissem certa vocação letrada e/ou alguma inclinação científica. No geral, as “teses” apresentadas no C.C.L.A. eram frutos de observações particulares, algumas personalíssimas, advindas mais da experiência do que de referenciais teóricos consistentes; um conhecimento adquirido muito mais pela curiosidade dos autodidatas e pouco pelos estudos acadêmicos. Diga-se de passagem, esta era uma prática bastante comum entre intelectuais do final do século XIX e início do século XX, tanto na Europa quanto no Brasil, especialmente aqueles espíritos cuja formação resultara do contato mais estreito com o positivismo. Se no plano da intelectualidade nacional, um nome como o de Euclides da Cunha vinha como representante dessa pluralidade intelectual e de saberes (engenheiro de formação, o escritor estudou Geografia, Botânica, História e Biologia e foi também jornalista; como é sabido, tais conhecimentos lhe foram muito úteis para compor sua obra máxima, *Os Sertões*), entre os sócios do C.C.L.A. José de Campos Novaes, era um dos que representava essa vocação de pensador múltiplo. Embora sua formação acadêmica fosse o Direito, a condição privilegiada de membro de tradicional

¹⁹ As teses foram publicadas no primeiro número da *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, em 31/10/1902.

família das elites agrárias proporcionou-lhe condições para estudos (diletautes) em outras áreas como a História, Artes e Literatura e também em Botânica²⁰.

Um episódio que ilustra o permanente interesse dos associados do C.C.L.A. nas casuísticas científicas teve como personagem o médico Ângelo Simões (hoje nome de importante avenida da cidade), que requisitou uma “audiência reservada” com a qual desejava expor uma tese sobre a tuberculose. A referida “sessão secreta” foi aceita pelos associados e sua exposição foi registrada em ata, devidamente mantida em arquivo do Centro e publicada somente em 1903 na *Revista*. Contudo, essa “sessão secreta” do médico serviu para gerar polêmicas, quando não maledicências nas colunas publicadas no jornal Cidade de Campinas, normalmente assinadas apenas com pseudônimo “Raio X”. O autor, em tom jocoso, desafiava o médico Ângelo Simões, contestando suas “descobertas” e suas idéias a respeito da sintomatologia da tuberculose e, claro, o pedido da “sessão secreta”, era permanentemente ironizado pelo jornal:

[...] resolveu publica-la em segredo para que lhe não seja roubada a prioridade inventiva. É aos médicos precisamente, os possíveis gatunos em taes casos, que o doutor deseja ocultar o produto de sua concepção e, assim, à guisa de galinha velhaca, foge de seu natural galinheiro — a Academia de Medicina, de que também é sócio, para ir abortar feto no berço do Centro, e entregá-lo aos cuidados de Dr José de Campos, muito entendido em fatos...vegetaes.²¹

Como vemos, além de certo ressentimento em relação ao caráter elitista do C.C.L.A. e das pretensões de seus associados, “Raio X” almeja, principalmente, questionar a legitimidade do C.C.L.A enquanto “instituição científica”, sobretudo pela ironia cujo alvo é o vice presidente José de Campos Novaes. Motivos subterrâneos à parte, na verdade o jornal parecia ter razão. As descobertas do Dr. Simões não eram, na realidade, conduzidas por qualquer rigor científico e suas observações a respeito dos “sintomas precoces” da doença eram bastante estapafúrdios. Referiam-se, no geral, a uma espécie de erupção que alguns pacientes apresentavam na região do tórax e que — segundo o médico — ficavam

²⁰ As referencias sobre José de Campos Novaes são retiradas de informações que constam em atas das reuniões dos associados e, principalmente, das publicações dos vários artigos e teses de sua autoria na *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes*

²¹ Jornal *Cidade de Campinas*, 14/11/1901

visíveis se fossem tocadas (“cutucadas”, em suas palavras) por um instrumento semelhante a um lápis. Para ele, esses sinais denunciariam o pulmão doente. Este seria um sintoma precoce da enfermidade, antes mesmo dos exames de laboratórios. Na coluna de “Raio X” a sátira sobre a “descoberta” foi assim composta:

O processo apresentado está inteiramente divorciado da sciencia porque ella não encontra, nem encontrará em tempo algum, a relação physio-pathologica entre a existencia do bacillo nos pulmões e o phenomeno que o doutor provoca sobre a pele da região thoraxica.
...chamo os bacillos que estão em seus pulmões e os transformo em simples bernes do volume de grãos de aveia.²²

Em sessão do C.C.L.A., Angelo Simões manifesta seu agravo e se queixa dos ataques feitos pelo jornal, decerto reclamando dos pares solidariedade pública. Porém, a maioria dos sócios acha por bem não responder. Em sua sempre conhecida retórica de ocasiões, Coelho Netto irá desencavar uma solução contemporizadora, bem ao gosto de seu estilo sentencioso: “[...] o silencio é tudo, mas que entretanto os sócios devem manter entre si solidariedade completa, por isso indica que o Centro dê um voto de confiança ao Dr Angelo Simões, mostrando assim que sabe apreciar o esforço scientifico deste sócio”.²³

Mas as críticas feitas pelo “Raio X” ao Dr. Ângelo Simões não traduziam necessariamente a opinião da empresa jornalística a respeito da Instituição, visto que, em meio a essa polêmica, o periódico se apressou em cravar uma nota esclarecendo que as opiniões publicadas sobre o Centro eram exclusivas do autor e não do órgão. De qualquer forma, a insolência do “Raio X” é, por si, testemunho de que o C.C.L.A. não convencia a todos e nem alcançava o prestígio pretendido de Instituição unânime na cidade.

Por sugestão de Coelho Netto, o primeiro evento realizado pelo Centro deu-se em função das comemorações do centenário de nascimento do escritor Victor Hugo. O acontecimento, registrado em ata como a 1ª Sessão Solene, foi realizado com grande pompa no salão nobre do Club Campineiro, com discurso do escritor Coelho Netto, no qual ressaltava a importância de Victor Hugo na Literatura. Houve também apresentação da

²² Jornal *Cidade de Campinas*, 23/11/1901.

²³ Ata de reunião ordinária do Centro de Ciencias, Letras e Artes de Campinas, 23/11/1901

orquestra da qual participava Sant'Anna Gomes — o irmão do maestro Carlos Gomes — e poesias do autor homenageado, recitadas pelas filhas diletas das famílias campineiras.

Outro evento de grande repercussão foram as homenagens a Santos Dumont, por ocasião de sua visita a Campinas, dada a 18 de setembro de 1902.²⁴ Como já referido, o motivo primeiro dessa visita foi o lançamento da pedra fundamental de um monumento em homenagem ao maestro campineiro Carlos Gomes (1836–1896), evento público que contou com a participação de autoridades da cidade, além de representantes de Ministérios do Governo e carta de felicitações (ao C.C.L.A.) de Lauro Sodré, governador do Pará e amigo pessoal do maestro. Os festejos tomaram as ruas de Campinas, conduzindo grandes cortejos de populares por onde Santos Dumont e sua comitiva passavam. César Bierrenbach, talentoso orador, proferiu de improviso um discurso que foi publicado no jornal *Comércio de Campinas*. Há também vários registros fotográficos testemunhando a importância do acontecimento.

1.5. Quadro societário.

O quadro de sócios do Centro de Ciências, Letras e Artes compunha-se de Sócios Efetivos (residentes em Campinas e contribuindo com uma mensalidade) e de Sócios Correspondentes, que eram eleitos pela diretoria e colaboravam com seus trabalhos intelectuais. Nos três primeiros anos, a Instituição chegou a contar com 258 sócios efetivos e 175 sócios correspondentes, estes residindo em vários Estados e, também, em outros países²⁵. Muitos desses sócios no exterior eram, na verdade, homens ligados à carreira diplomática e que se encontravam em missão de representação do Brasil no estrangeiro. É natural que se considere que o número de sócios do Centro de Ciências, Letras e Artes chega a ser surpreendente, uma vez que se tratava de uma associação sediada no interior do Estado e composta basicamente por membros da sociedade local. Todavia, havemos, por outro lado, de considerar que a maioria desses sócios-fundadores compartilhava dos

²⁴ A visita de Santos Dumont a Campinas resultou de um convite feito ao célebre inventor por César Bierrenbach, num encontro de ambos em São Paulo.

²⁵ Lista de Sócios Efetivos e Correspondentes dos anos 1901/1902/1903, publicada na *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, em 31/10/1903.

círculos republicanos, cuja figura de maior expressão era o Presidente Campos Salles, notório incentivador e colaborador do C.C.L.A.. Decerto fosse este um motivo plenamente justificador para a adesão ao grupo e à Instituição. Por outro lado, muitos eram os sócios que já constavam dos quadros de instituições públicas de pesquisa e órgãos governamentais, e cujo prestígio e posição de comando certamente concorria para a multiplicação das adesões ao C.C.L.A. Havemos também de nos lembrar que, na fundação do Centro, a associação contou com 99 sócios que aderiram ao convite do grupo fundador, sendo que vários desses pertenciam à Estação Agronômica de Campinas. Nessa posição figuravam, por exemplo, Gustavo D'Utra, que foi diretor geral da Estação Agronômica desde 1898; o pesquisador em fitopatologia Adolpho Hempel; o químico Ernesto Sixt; o fitopatologista Henri Potel; o químico Reinaldo Bolliger entre outros, todos cientistas de grande prestígio.

Na primeira relação de sócios que compreende o período de 1901 até 1903 uma boa parte dos adeptos vinha da comunidade de profissionais liberais das áreas de saúde, engenharia, geografia, geologia e biologia. Outro segmento era constituído por proprietários, fazendeiros, comerciantes e capitalistas; por fim, havia os bacharéis, professores, historiadores, escritores, jornalistas, músicos, políticos e religiosos (BARRETO, 1994). Entre os anos de 1904 e 1905 houve uma quebra do número de sócios e o quadro de associados foi reduzido para 172 inscritos. Nas atas das sessões desse período consta uma evidente campanha que visava atrair novos sócios, ação apoiada em decisões como a diminuição do valor das mensalidades e oferta de assinatura da *Revista do Centro do Ciencias, Letras e Artes*. Os esforços para reavivar o quadro de sócios podem ser interpretados como tentativa de redirecionar os rumos do C.C.L.A. Naquele momento boa parte dos associados demonstrava-se simpática à idéia de abrir espaços para as artes e literatura, inclinação que fez o interesse pelas teses científicas perder gradativamente espaço, cedendo-o a eventos de natureza cultural.

Na lista de sócios correspondentes do C.C.L.A. figuravam nomes ilustres da cultura, como é o caso de Alfredo Pujol. Além de deputado estadual por várias legislaturas e também secretário do governo paulista, Pujol era advogado e crítico literário de renome. Curiosamente, na Revista do C.C.L.A., seu nome consta como diretor do Horto Botânico de

São Paulo. Outros nomes de prestígio também compunham o quadro societário, destacando-se, entre eles, Affonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, Theodoro Sampaio, engenheiro, Vicente de Carvalho, literato, Benedito Calixto, o maestro e compositor Alberto Nepomuceno, a escritora Adelina Lopes de Almeida, o naturalista Barbosa Rodriguez (consta no acervo da Biblioteca sua obra *Sertum Palmares*), o escritor Arthur Azevedo, o historiador Capistrano de Abreu, o crítico José Veríssimo, o poeta Olavo Bilac, Ruy Barbosa, o jurista Sylvio Romero, que se notabilizou mais como crítico literário de gênio polêmico, Rodolpho Bernardelli, diretor da Escola Nacional de Belas Artes, os escritores Machado de Assis e Euclides da Cunha que, dispensando apresentações, eram sócios-correspondentes do Centro de Ciências, Letras e Artes. Ressalte-se ainda o médico Nina Rodrigues (cujo trabalho se tornou referência para outros grandes autores, inclusive Gilberto Freyre) e também Franz W. Dafert, fundador da Estação Agronômica de Campinas.

Havia também no quadro de associados do C.C.L.A. a categoria sócios-honorários, a rigor mais uma forma de reverência a nomes de grande prestígio, se não uma maneira de empenhar agradecimento por préstimos e contribuições. Entre “honorários”, Santos Dumont e o Presidente Campos Salles foram certamente os alvos mais freqüentes das honrarias. Por fim, os sócios-beneméritos eram aqueles homenageados pelas suas contribuições para a Biblioteca, como é o caso de Pedro Genoud, proprietário da Casa Genoud, e também o escritor Coelho Netto.

Atuando em ramo comercial bastando eclético, a Casa Genoud se destacava como livraria e papelaria, especializada em “Artigos para Escritorio, Escolas, Collegios, Desenho, Pintura e Engenharia”. Apesar de constar de seus anúncios a infinita variedade de produtos e serviços que ofertava (armarinho, perfumaria, brinquedos, pianos, óculos etc), o estabelecimento de Pedro Genoud procurava se distinguir sempre por sua relação com as áreas das ciências e artes, sobretudo no comércio livreiro:

Esta casa, mantendo relações directas com todos os livreiros, editores e com grande número de fabricantes e casas importantes do Brasil e da Europa, pode oferecer a preços muito vantajosos todos os artigos que

formam o seu variado sortimento [...] Completo sortimento de livros excelentes, Sciencias, Medicina, Jurisprudencia, Relligião, etc ²⁶

Com efeito, o espírito da Casa Genoud e de seu proprietário denotavam visível identidade com o espírito do C.C.L.A., o que torna presumida a sua presença no quadro de sócios-beneméritos.

No mesmo patamar estava Coelho Netto. Nesse período, o escritor, cujo prestígio era notório desde o Rio de Janeiro, residia em Campinas, colaborando de maneira decisiva os rumos do C.C.L.A. e da vida cultural na cidade. As motivações que fizeram com que o célebre literato tivesse se mudado para a cidade, juntamente com a família, estavam relacionadas às precárias condições financeiras que passara a enfrentar na Capital. Quando veio para Campinas, Coelho Neto encontrava-se doente e sem emprego, e a perspectiva de exercer o magistério no Gymnasio de Campinas, garantindo assim a subsistência da família, acenou-se-lhe como solução, encorajando a transferência para o interior de São Paulo. Sua experiência como escritor e colaborador de importantes jornais no Rio de Janeiro logo o tornaram grande personalidade da cidade. Logo nos primeiros tempos de sua permanência na cidade, o escritor promovia saraus em sua residência juntamente com sua esposa, tendo, numa dessas ocasiões, por convidado, o escritor e amigo Olavo Bilac.

Na juventude Henrique Maximiliano Coelho Neto havia freqüentado as escolas de Direito do Recife, do Largo de São Francisco e também do Rio de Janeiro, todavia sem concluir qualquer delas. Ao que tudo indica, havia um apelo mais forte à carreira de escritor do que de bacharel, certamente porque o contagiara a euforia e o entusiasmo das noites boêmias em companhia do fiel grupo amigos. Na obra autobiográfica do romance *A Conquista*, o escritor irá recompor parte dessa saga de escritores boêmios, narrando-a com humor e leveza. No romance, não casualmente, o personagem Anselmo é um estudante que abandona o curso de Direito para se dedicar à literatura e, em seu percurso, encontra amigos que compartilham dos mesmos dilemas e sofrimentos.

O grupo de amigos que circulava pelas noites do Rio de Janeiro, discutindo calorosamente política e literatura, era formado por Olavo Bilac, Aluísio Azevedo, Pardal

²⁶ Jornal *Cidade de Campinas*, dezembro de 1904.

Malet²⁷, Paula Ney, Muniz Barreto e o próprio Coelho Netto. Pensando em um paralelo das experiências biográficas ao plano da ficção, podemos supor que Olavo Bilac, no romance *A Conquista*, está representado na figura do personagem Otávio Bivar, romancista que Anselmo (possivelmente o próprio Coelho Netto) admirava. Outro personagem que acompanha Anselmo nas suas amarguras é o romancista Ruy Vaz, que, decerto, seria Aluísio Azevedo. Supondo válido o intercâmbio entre a ficção e a realidade, podemos dizer que cada um dos amigos de Coelho Netto foi retratado num personagem do romance: Paula Ney como Neiva; Pardal Malet como Pardal; e Muniz Barreto como Monteiro.

Nesse romance biográfico, o *alter ego* Anselmo persegue seu desejo de ser escritor, mas a falta de dinheiro e as carências dela advindas (sobretudo a fome) falam mais alto e ele acaba por sucumbir ao trabalho no jornal para garantir sua subsistência. O tema, a propósito, é um tanto recorrente na ficção brasileira do início do século XX.

No romance de Coelho Netto, o grande benfeitor de Anselmo era José do Patrocínio, redator do jornal *Cidade do Rio* e que contratou o jovem escritor por simpatizar-se com ele logo no primeiro encontro, principalmente pelo seu vigor na luta abolicionista. Esse episódio, também tomado diretamente da experiência biográfica do autor, traz outro aspecto importante relacionado às experiências no meio jornalístico: a profissionalização do literato através de seus trabalhos na imprensa; prova de que o jornal assumia cada vez mais o espírito empresarial face às novas relações econômicas que se estabelecem com grande força, principalmente depois da instauração da República. Remunerar o literato pelo seu trabalho foi uma das práticas que José do Patrocínio implementou no jornalismo já na primeira fase da República (MARTINS, 2001).

Apesar das dificuldades pessoais enfrentadas pelo escritor, as estreitas relações que Coelho Netto mantinha na capital do país favoreceram a constituição do C.C.L.A. Isto podemos perceber por intermédio de uma consulta ao quadro de sócios correspondentes do qual constavam nomes como os de Olavo Bilac, Aluísio Azevedo, José do Patrocínio e do maestro Alberto Nepomuceno, que, a propósito, compôs com Coelho Netto a peça *A Pastoral*, encenada em Campinas no ano de 1903.

²⁷ Jornalista e fundador do jornal *O Combate* juntamente com Olavo Bilac. O jornal, através das colunas de Malet e Bilac, fez oposição ao governo de Floriano Peixoto e, conseqüentemente, os jornalistas foram perseguidos pelo governo.

Durante o período em que morou em Campinas, Coelho Netto foi também protagonista de um episódio envolvendo Euclides da Cunha, em momento próximo ao aparecimento de sua obra máxima, *Os Sertões*. Euclides da Cunha visitou Campinas, em 1901, por intermédio de um convite feito por César Bierrenbach e José de Campos Novaes. O interesse do autor era um encontro com Coelho Netto, posto desejasse sua opinião a respeito do livro que pretendia publicar. Antes que avistasse com o escritor, ouvira de alguém, decerto em tom espirituoso, que se Coelho Netto se levantasse para fumar seria um sinal de desinteresse. Durante o encontro, realmente se deu o episódio. Coelho Netto levantou-se para fumar, conquanto fosse seu hábito, sobretudo quando uma leitura lhe parecesse atraente. Ao voltar, não encontrou mais Euclides da Cunha, que havia se retirado da casa, decerto indignado. Supostamente, e pouco tempo depois, o mal entendido se desfez e os dois escritores se reconciliaram. (COELHO NETTO, 1942).

À frente dos projetos ligados à literatura e artes da Instituição, em sua breve passagem pelo C.C.L.A., Coelho Netto propôs que fossem oferecidas aulas gratuitas de música, desenho linear, estética e canto coral, e que, no futuro, fosse verificada a possibilidade da criação da Escola de Belas Artes²⁸. Todavia, esses projetos do escritor não vingaram.

²⁸ Ata de reunião, 08/03/1902.

Capítulo II

1.1. Bibliotecas.

A projeção imagética de uma biblioteca talvez nos venha, em primeira mão, constituída pela idéia de um repositório de conhecimentos. Contudo, como indica a própria etimologia do vocábulo, a biblioteca é um “lugar onde se guardam livros”, conforme anota o dicionário *Aurélio*. Como nos informa o *Dicionário Houaiss*, de acordo com a matriz grega, temos: *biblion* (livro) + *téké* (caixa ou depósito). Jorge Luís Borges, em “A Biblioteca de Babel”, projetou literariamente uma imagem magnífica para a classificação do espaço: “o universo (que outros chamam de biblioteca) compõem-se de um número indefinido e, talvez infinito, de galerias hexagonais...” (BORGES, 2000: 516). Todavia, o que realmente foi sedimentado pela tradição histórica, cujo arquétipo mais expressivo se encontra na lendária Biblioteca de Alexandria, é a biblioteca como um espaço onde se acumulam livros que representam, na verdade, a reunião de todos os saberes que o homem produziu, materializado na forma de manuscritos e dispostos em um único lugar. Assim sendo, a biblioteca representaria o próprio universo humano, construído ao longo de sua história. Olgária Matos, em texto aqui já citado, assim cristaliza essa impressão arquetípica da Biblioteca de Alexandria:

Livro e biblioteca dizem respeito à criação de um espaço comum para a apreensão e preservação da memória escrita, das aventuras do pensamento e de suas experiências. Seu arquétipo: a Biblioteca de Alexandria, cuja finalidade era menos a difusão filantrópica e educativa do saber na sociedade e mais reunir, como um tesouro, todos os escritos do mundo conhecido, no coração mesmo do palácio do rei, palácio (e biblioteca) ocupando um bairro inteiro. Rolos de *papyrus* ocupavam as “estantes”, acessíveis a uma elite de doutos e letrados que lêem, conversam, trabalham e, eventualmente, ensinam nas galerias e salas adjacentes. A exemplaridade da Biblioteca de Alexandria, de acordo com Christian Jacob, reside menos na monumentalidade arquitetural que na decisão, tanto política como intelectual, de reunir em um mesmo espaço todos os livros do mundo, presentes ou pretéritos, gregos e bárbaros. (MATOS, 2006: 7)

Esse espaço configurado como lugar de memória, na acepção de Pierre Nora, será repositório do patrimônio intelectual e cultural da humanidade, permitindo uma relação dinâmica que coloca em movimento o conhecimento e o pensamento. A biblioteca pressupõe uma relação entre os leitores e livros e a produção de sentidos a partir da leitura (GOULEMONT, 2001). Essa interação estabelece uma noção que irá muito além de um simples “depósito de livros”, permitindo pensar numa circulação de saberes e, também, uma produção de saberes a partir do conhecimento preservado. A biblioteca é um espaço de diálogo com o passado e, ao mesmo tempo, a possibilidade de criação e inovação dos saberes. Essa noção ganha um sentido maior quando se pensa nas bibliotecas das sociedades modernas, sua organização e funcionamento, voltados para a coletividade, a fim de garantir a plena circulação do conhecimento.

O desenvolvimento da organização das bibliotecas foi lento e gradual, e concomitante às mudanças que operaram nas sociedades ao longo da história, ainda que, é necessário lembrar, as bibliotecas tenham já existência muito antes do surgimento do livro impresso. Classificadas como “minerais”, havia na Antiguidade as bibliotecas que reuniam as tablitas de argila; posteriormente, com surgimento de outros materiais para a escrita, as mesmas passaram a armazenar os rolos de papiro (a biblioteca “vegetal”) e os pergaminhos (biblioteca “animal”), segundo a curiosa forma de classificação algo corrente, apesar de estranha (MARTINS, 2002).

Como é sabido, o livro no formato que hoje conhecemos, tem sua origem no século XV, graças à invenção do tipo móvel e a impressão de Gutenberg (1398-1468). A invenção claramente significou um dos marcos da civilização moderna. Com a evolução da imprensa e a ampla circulação do livro impresso, as sociedades se tornaram cada vez mais autônomas, apoiadas na cultura dos objetos impressos. Atualmente a biblioteca reúne coleções que armazenam informações em variados tipos de materiais, não somente os impressos, mas também materiais digitalizados — que compõem o acervo das bibliotecas virtuais —, além de acervos iconográficos de filmes, mapas, materiais audiovisuais, etc.

Como já foi dito, a inscrição arquetípica das bibliotecas ainda se encontra na mais antiga das bibliotecas, que foi a de Alexandria, na Antiguidade, criada no século III a.C.. Considerada a maior e a mais rica do período, seu acervo talvez tenha alcançado 700

mil volumes. Criada no reinado de Ptolomeu II, segundo sucessor de Alexandre Magno, e instalada nas dependências do museu, próximo ao palácio real, a Biblioteca de Alexandria projetou-se de forma lendária no curso dos séculos, inclusive, ou sobretudo, no imaginário das pessoas. Todavia, o real papel exercido pela Biblioteca no mundo Antigo possui um sentido prático de experiência histórica e humana, certamente muito superior à sua projeção lendária, como nos lembra Olgária Matos:

A Biblioteca de Alexandria também institui uma nova relação entre espaço e tempo, abolindo a distância do passado para propor em uma mesma esfera de conservação todos os escritos dos homens, as marcas de seu pensamento, de sua sabedoria e imaginação. A cidade se espelha na Biblioteca e esta na cidade, tanto que os nomes dos cinco bairros de Alexandria começavam pelas cinco letras do alfabeto grego — Alfa, Beta, Gama, Delta, Epsilon. A cidade da Biblioteca dava-se a ler como um abecedário onde um erudito identificou uma mensagem: *Alexandros Basileu Genos Dios Ektisen (polinamiméton)*, ou, *o Rei Alexandre, da raça de Zeus, fundou [uma cidade inimitável]*.

A ausência de uma memória local encontrava na Biblioteca uma reparação simbólica, atraiu todos os eruditos e pensadores do mundo antigo, dando a reconhecer melhor sua função principal: a *paidéia*, a cultura como elemento federativo e constituidor da identidade helênica, substituindo antigas figuras da solidariedade, antes ligadas ao civismo, à família e ao território. (MATOS, 2006: 8)

Outro fato interessante que deve ser anotado em relação à Biblioteca de Alexandria foi a organização do acervo realizada por um dos primeiros bibliotecários, o poeta Calímaco (305-240 a.C.).

Calímaco empreendeu a tarefa de recensar o gigantesco acervo e formulou as *Tábuas dos autores que ilustraram em todos os aspectos da cultura e suas escritas* (compostas por 120 rolos), ofertando-as como um guia bibliográfico para orientar as pesquisas dos hóspedes da Biblioteca (BARATIN, JACOB, 2006). A organização das *Tábuas* proposta por Calímaco era uma divisão do acervo em estantes e mesas (*pinakoi*, cf. Manguel) e ordenadas em oito classes: teatro, oratória, poesia, lírica, legislação, medicina, história, filosofia e miscelânea. Essa divisão em mesas e estantes recupera uma forma de organização de inspiração aristotélica, em que o leitor deve “associar a lembrança de uma

leitura a um dos armários e, no interior destes, a uma prateleira precisa” (JACOB, 2006: 59)

Na verdade a noção de lugar ou *tópos* de Aristóteles embasava essa divisão proposta por Calímaco; além disso, a disposição dos autores nas prateleiras deveria obedecer a uma ordem segundo o alfabeto. A catalogação segundo a ordem alfabética tem sua origem neste trabalho de Calímaco, outros bibliotecários a seguiram e o critério, como sabemos, permanece até os dias de hoje.

Somente após o Renascimento as bibliotecas assumem a característica de locais públicos. Na Idade Média, o poder eclesiástico impunha uma rigorosa seleção dos livros, e somente aqueles autorizados tornavam-se objeto de trabalho dos copistas, no intuito de serem divulgados e, em circunstâncias específica, vendidos. Em regra, apenas as pessoas ligadas às ordens religiosas poderiam ter acesso aos originais, o que impunha ao livro uma condição simbólica de objeto de segredo, ou mesmo o estereótipo de “elemento carregado de poderes maléficos para os não-iniciados” (MARTINS, 2002: 95), o que indicava que deveriam ser manuseados sob a chancela dos “conhecimentos exorcismatórios” (MARTINS, 2002: 95).

No interior das abadias, uma das tarefas dos monges era produzir cópias dos manuscritos autorizados pela ordem eclesiástica. A figura do copista — que existia já desde a Antiguidade, mas com a finalidade mais de multiplicar o acervo da biblioteca que propriamente outros interesses ²⁹ — ocuparia também neste cenário uma posição cercada de interesse, cisma e admiração.

Nos mosteiros, a produção de cópias também permitiu uma evolução do formato dos livros. Os rolos de pergaminhos ou papiro foram substituídos pelo códex, formato mais ou menos análogo aos dos livros que conhecemos hoje, embora em proporções distintas. As cópias dos manuscritos eram feitas manualmente em folhas de pergaminho – inicialmente foi utilizado o papiro, mas em função da fragilidade do material adotou-se o papel de origem animal –, dispostas em camadas e costuradas lateralmente. Com o tempo, essas “edições” passam a ser ricamente ornamentadas, com encadernações luxuosas e ilustrações

²⁹ No reinado de Ptolomeu II os copistas deviam reproduzir todo manuscrito que chegava à cidade pelos navios, muitas vezes os originais ficavam na biblioteca, não por desatenção, mas não havia nenhum constrangimento de devolver a cópia para o dono.

nas capas e no interior do volume. As *iluminuras* adornavam ricamente o livro e, além de representar em episódios específicos do texto, apresentavam uma versão segundo os preceitos da Igreja.

As encadernações foram uma herança dos bizantinos e até o século XIV eram comuns as encadernações em ourivesaria ricamente produzidas em ouro e marfim, com pedras preciosas incrustadas na capa. Essa técnica era utilizada para os “livros de Igreja” que, em geral, eram colocados no altar para os cultos religiosos. Porém, em função do desgaste que esses livros sofriam com o tempo, adotou-se a substituição das pedras preciosas e dos ricos metais por couro ou veludo.

Entre todas as ordens eclesiásticas da Idade Média, a dos beneditinos destacou-se pelo trabalho impecável dos monges copistas, cuja admirável competência artística punha-se ao lado das notáveis faculdades intelectuais. Sob esse prisma, a atividade de copista ganhava dimensão mais apurada que aquela reservada à simples tarefa de reprodução, figurando também como método de estudo, através do qual os conhecimentos livrescos eram ampliados. Copiando e estudando as obras da literatura clássica pagã, o trabalho de reprodução sistematizava-se como minucioso exercício de aprendizagem. Tal prática garantia que as reproduções fossem corretas e precisas, permitindo ainda a conservação de várias obras da literatura clássica, que se tornariam repositório fundamental de inspiração para o Renascimento. (MARTINS, 2002)

Os monges irlandeses desempenharam papel distintivo na difusão da cultura, fundando, na Europa, abadias que abrigavam magníficos acervos bibliográficos, como ocorreu com a de Luxeuil, na França, de Bobbio, na Itália e de Saint-Gall, na Suíça. A Biblioteca Vaticana data do século XIV, com o Papa Bonifácio VIII (1294-1303), mas há evidências de que havia um arquivo e biblioteca já no século IV³⁰. Somente no século XV seria transferida para a sede pontifícia. Na Europa as grandes bibliotecas, como da França e Itália, herdaram parte desse acervo monástico que sobreviveu às guerras e às destruições de outras ordens.

Podemos considerar, a princípio, um processo de laicização das bibliotecas — no sentido da maior aproximação dos leigos aos saberes livrescos, aos livros —, especialmente

³⁰ Site <http://www.vaticanlibrary.va>

no momento marcado pelas profundas transformações do Renascimento.³¹ Entretanto, não devemos definir este processo como uma única visão — no sentido de entender o Renascimento como o momento em que o livro e o saber letrado ganharam a convivência dos leigos, retirados do exclusivismo dos padres do ambiente monástico —, mas seria correto admitir que, ao longo do período humanista, a circulação dos saberes livrescos e do próprio livro como objeto acessível, deu-se de forma mais franqueada. Contudo, o próprio termo Humanismo é, conforme Israel Révah (1976), indicador de alguma controvérsia (sobretudo em função de seu alcance “não homogêneo”); ele pode ser entendido como caracterizador de um período no qual as condições históricas, sobretudo com o desenvolvimento da economia mercantil, favoreceram amplamente a difusão dos saberes livrescos entre os leigos. Como lembra o autor, não somente o espírito de época, mas, fundamentalmente, as bibliotecas e a circulação dos livros, contribuíram energicamente para tanto.

Com efeito, a procura de manuscritos em bibliotecas particulares e conventuais, torna-se uma paixão para os moços estudiosos de 1400, que vão aumentar substancialmente o fundo já conhecido dos textos antigos e colecionam tudo quanto sobre eles logram encontrar. Começam então a surgir em quantidade cada vez maior comentários sobre os autores e notas gramaticais, destinadas a servir uma mais ampla compreensão do texto. (RÉVAH, 1976: 431)

Cabe notar que o processo de laicização das práticas de leitura e dos saberes livrescos, e, como consequência, também do livro e das bibliotecas, não deve ser atribuído exclusivamente ao advento do mercantilismo (embora tenha contribuído para tanto), nem mesmo ser caracterizado como exclusividade da Renascença. Conquanto se considere o pressuposto de que o Renascimento tenha emergido em oposição à Idade Média, como repositório da cultura greco-romana, é necessário considerar que tanto a recomposição dessa ascendência como o enraizamento da herança clássica no Ocidente vinham de longe. Existem pensadores que consideram a existência de vários “renascimentos” ao longo da

³¹ Ainda que este trabalho não esteja voltado à análise de aspectos específicos da História, cabe, ainda que muito pontual, alguma consideração a respeito do processo de laicização da cultura, e das bibliotecas, no Ocidente.

Idade Média, a contar desde o quinto ou sexto século do medievo. Nesse sentido, o estudo de Ernest Curtius (1984), aponta que a Antiguidade está enraizada no medievo, e de forma absolutamente entranhada, especialmente a partir dos séculos V e VI; presença que, se dá “como recepção e como transmutação”.

A Antigüidade está presente na Idade Média como recepção e como transmutação. Esta transmutação pode adotar formas muitas distintas: pode significar empobrecimento, embrutecimento, atrofia, mal entendido, porém pode ser também um afã erudito de recolher matéria-prima (a enciclopédia de Santo Isidoro e a de Rábano Mauro), um diligente bê-a-bá, uma cópia minuciosa dos modelos formais, uma adaptação dos conteúdos culturais, uma entusiasmada projeção sentimental. Aí é que se dão todas as etapas e todas de adoção, que ao fim do século XII culminam na livre aptidão dos modelos venerados: assim foi alcançada a maturidade. (CURTIUS, 1984: 39)

Curtius lembra, igualmente, que por volta dos 400, Macróbio e Sêrvio se dedicaram à tarefa da interpretação medieval de Virgílio. Também o século V abrigará, através (talvez) do cartaginês Marciano Capella, o escrito que se tornaria uma das grandes influências de toda a Idade Média, o seu *Manual das Sete Artes Liberais*. O aristocrata e político Casiodoro (490-583), fundador do monastério *Vivarium*, constitui obra que seria um importante “elo da cadeia da tradição medieval” (cf. Curtius), a exemplo de Marciano Capella, Casiodoro, em sua obra mais conhecida (*Institutiones*), dedica-se ao estudo das artes liberais. Três séculos depois, Alcuíno de York se valerá da obra de Casiodoro para fundar, em 792, o palácio-escola.

Erudito Cristão do medievo, Alcuíno nasceu em Yorkshire em 735 e morreu em 801. Educado na Escola Catedralítica de York com mestres discípulos de Breda, transferiu-se para a Corte de Carlos Magno em 781, sendo conselheiro do Rei Carlos Magno para assuntos de Religião e de Ensino e, depois, nomeado abade de Saint-Martin de Tours. Ali, em 796, estabeleceu uma importante escola-biblioteca e dirigiu um grupo de eruditos responsáveis pela revisão dos textos da *Vulgata*.

Foi através de Alcuíno de York que o Império Carolíngio conheceu seu primeiro sistema de educação, o qual poderíamos, dentro dos moldes da sociedade medieval, chamar de extensivo à nobreza e não somente ao clero. Antes disso, não houve naquela sociedade

nada que se parecesse com a idéia de Educação como um bem acessível até mesmo às classes consideradas mais prestigiosas. No geral, antes do século VIII, salvo as cortes teutônicas como a dos visigodos e dos francos (que eram os únicos refúgios do espírito e da literatura de Roma), a cultura intelectual era um privilégio dos prelados do clero. Alcuíno foi quem fundou, em 782, o palácio-escola Aix-la-Chapelle, onde eram ensinadas as *Sete Artes Liberais*, segundo o sistema educacional de Cassiodorus.

No decorrer do período que antecipa o humanismo e o Renascimento quinhentista, outros aspectos importantes contribuiriam decisivamente para a sedimentação do interesse pelo saber letrado, pela difusão do pensamento erudito, pela irradiação da arte e da literatura. Tanto a fundação das primeiras universidades, na França e na Itália, quanto o que poderíamos entender como “as tendências democráticas, que haviam destruído o feudalismo [e que determinariam] a criação de uma cultura laica”, e, também, a dilatação dos espaços de práticas e aquisição dos saberes, se prolongou ao longo dos séculos. Com alguns Estados nacionais europeus consolidados, fenômenos como a transmigração de jovens estudantes burgueses são importantes para a compreensão dessa maior democratização dos saberes. Há registros do fenômeno, anotados por Révah em relação aos portugueses nos quatrocentos:

Os primeiros contatos entre portugueses e italianos datam do século XII, quando os navegadores venezianos faziam escala em Lisboa na sua rota para Flandres. As relações culturais com a Itália datam de Quatrocentos, daí advindo a [...] primeira experiência com o Humanismo, particularmente no último quartel do século. Já por conta própria, já como bolseiros de El-Rei escolares portugueses seguiram de perto a renovação cultural que inaugurava a idade moderna e participam ativamente na formação do espírito humanístico. No reinado de D. João II é grande a emigração escolar para Bolonha, Siena, Florença, Ferrara e Pádua. Bolonha e Siena são, porém, as Universidades preferidas. Entre 1470-95 conta-se mais de uma trintena de escolares portugueses em Siena. (RÉVAH, 1976: 431-432)

No século XVI, as bibliotecas universitárias, vindas já do século XIII, em sua origem representavam uma forma de prolongamento das atividades livrescas existentes nas ordens eclesiais. Localizadas ao redor das universidades, tinham, no geral, acervos constituídos a partir de doações do próprio clero. Há, também, o aumento do número de

trabalhadores para a produção do livro, aumento que incorporou os leigos, entre estes os escribas (copistas) e os miniaturistas (que reproduziam letras e figuras em miniatura que ornamentavam o livro), além do trabalho dos artesãos na produção do livro. Esse aspecto modifica significativamente o mercado de livros, incorporando também a clientela laica na figura dos estudantes das universidades. Em relação ao público que freqüentava as bibliotecas universitárias, existiam regras que deveriam ser seguidas, como podemos ver no regulamento da Biblioteca da Universidade de Paris:

- I – Nenhum membro da sociedade entrará na biblioteca sem beca ou boné;
- II – É proibida a entrada às crianças e aos iletrados;
- III – Se pessoas recomendáveis e instruídas solicitarem a entrada, um dos membros da sociedade deverá servir de introdutor, mas os seus criados permanecerão do lado de fora;
- IV – Cada membro conservará a sua chave da biblioteca com todo o cuidado e não poderá emprestá-la a ninguém;
- V – Em tempo algum será permitido trazer à biblioteca fogo ou luz;
- VI – Nenhum volume será retirado da biblioteca sem o consentimento da sociedade;
- VII – Antes de colocar o volume na estante, para a leitura, deve-se começar a limpá-lo do pó; deve-se manuseá-lo com cuidado e depois recolocá-lo fechado no seu lugar;
- VIII – É proibido escrever nos volumes, fazer-lhes rasuras ou dobrar-lhes as folhas;
- IX – Que se escreva ou que se leia, não se deve interromper ninguém, seja conversando, seja andando;
- X – Tanto quanto possível, o silêncio deve reinar na biblioteca, como um lugar augusto e sagrado. (Apud Maritns, 2002:90-19)

A história das bibliotecas, desde o período humanista e o Renascimento, será marcada por quatro características distintivas: a crescente laicização; a democratização em relação aos bens da cultura livresca; a especialização; e a socialização. As bibliotecas acompanharam as mudanças ocorridas na sociedade, transformações que operaram na transição do feudalismo para o capitalismo. O Humanismo, no Renascimento, permitiu que o racionalismo e o conhecimento científico ocupassem espaço nos domínios intelectuais e culturais, desmistificando a imposição de caráter divino que o poder eclesiástico difundiu durante parte da Idade Média. Também as monarquias de caráter divino haviam respondido

com presteza à nova ordem econômica e política, fomentando clima propenso para as transformações. O livro desvincilhava-se de seu antigo caráter sagrado e secreto para se transformar em instrumento de conhecimento e trabalho, posto ao alcance de um número muito maior de pessoas. Dessa forma a biblioteca “passa a gozar, nos tempos modernos, do estatuto de instituição leiga e civil, pública e aberta, tendo seu fim em si mesma e respondendo a necessidades inteiramente novas”.(MARTINS, 2002: 323)

Entretanto essas mudanças operaram de forma lenta e gradual. Ou seja, a biblioteca pública será uma instituição consolidada apenas mais adiante. Contudo, o fato não anula a crescente democratização das bibliotecas permitindo a renovação dos seus frequentadores e um importante processo de socialização do livro. A especialização foi igualmente um processo decorrente dessas transformações circunscrita no racionalismo e no cientificismo que aprofundava e multiplicava o conhecimento.

1.2. As bibliotecas modernas.

As bibliotecas modernas atendem a variados tipos de público, tanto aquele que procura uma leitura agradável e recreativa até os profissionais da pesquisa e estudiosos de áreas específicas. As bibliotecas universitárias conservam ainda o caráter de especificidade, pois são direcionadas a uma frequência quase sempre dominada pela comunidade interna das universidades, decerto mais por um protocolo de hábito que propriamente por um código institucional.

As bibliotecas cuja natureza é especificamente pública são instituições que devem atender um público diversificado, embora mantenham também papel fundamental na conservação de fundos de coleções de obras raras. Entre as bibliotecas modernas, podemos citar a Biblioteca Nacional da França, instituição que se consagrou, ao longo dos anos, como um dos mais expressivos centros de conservação e acúmulo de obras. Uma das “mais antigas” entre as das grandes bibliotecas “modernas” abriga acervo de extraordinária significação. De seu patrimônio constam várias coleções datadas de seis ou sete séculos, principalmente, as coleções reais. A Biblioteca Nacional da França surgiu da fusão da Biblioteca Nacional de Paris e da Biblioteca da França, em 1994, durante o governo

François Mitterrand. Seu acervo é estimado em treze milhões de livros e 350 mil volumes encadernados de manuscritos além de mapas, moedas, registros sonoros. É também, em nossos tempos de modernidade eletrônica, famosa por sua biblioteca digital Gallica. Pela rede mundial de computadores o Portal Gallica permite acesso imediato a um admirável acervo de títulos, no qual figuram edições dos mais importantes autores da literatura francesa e universal.

Outro exemplo suficiente de instituição que aglutina o passado e o presente, sob a chancela de lugar de memória e conhecimento, está na Inglaterra, na British Library, onde estão acomodados 150 milhões de itens, em diversos idiomas, disponibilizados para o público em 625 km de estantes. A sede da biblioteca foi fundada em 1973 e mantém a sala circular do British Museum construída em 1753. Igualmente, é digna de lembrança a Biblioteca do Congresso, nos Estados Unidos, fundada em 1800, quando a capital americana foi transferida de Filadélfia para Washington. Atualmente disponibiliza para o público 144 milhões de itens, em 470 idiomas. A coleção de livros de Thomas Jefferson está conservada no acervo da Biblioteca do Congresso.

Na Itália, a Biblioteca Vaticana preserva-se com enorme força simbólica, tanto no imaginário de cidadãos de todo o mundo, quanto no valor de seu patrimônio. Nota relevante está no fato de haver editado as *Normas para a Catalogação de Impressos*, ainda na década de 1930, e que foram adotadas por diversas bibliotecas no mundo, inclusive no Brasil. Essas *Normas* surgiram com a reforma da Biblioteca Vaticana em 1928 (e que durou até 1930), durante o papado de Pio X, e envolveu vários bibliotecários americanos e italianos. O trabalho resultou na elaboração das *Normas*, dada a insuficiência de regras para catalogação do acervo. (MARTINS, 2002)

Na Alemanha a Biblioteca de Berlim é a maior do país. Foi fundada em 1661, e, após a Primeira Guerra Mundial, foi denominada de Biblioteca do Estado Prussiano. Possui atualmente 10 milhões de volumes e uma coleção de raridades como um grande conjunto de incunábulo (primeiras edições da imprensa). Durante o período da Segunda Guerra Mundial, o acervo foi escondido em 30 monastérios, castelos e minas abandonadas. Nos anos que se seguiram ao conflito, grande parte do patrimônio foi recuperada. No pós-guerra, a Biblioteca do Estado Prussiano ficou nos domínios do território alemão Oriental

e, com a reunificação da Alemanha em 1990, o governo traçou um plano de reunificação das bibliotecas do país. Houve a criação de três grandes centros: a Biblioteca Estadual de Berlim (Berlim), a Biblioteca Alemã (Frankfurt e Leipzig) e a Biblioteca Estadual da Bavária (Munique).

Na América Latina as maiores bibliotecas encontram-se no Brasil e na Argentina. A Biblioteca Nacional da Argentina foi criada em 1810, em Buenos Aires, mas seu acervo nunca atingiu grandes proporções. A importância do acervo está na incorporação das bibliotecas particulares como do bispo Azamor (1773-1796), a biblioteca do Colégio São Carlos (1776) e as bibliotecas particulares de alguns de seus reitores. A Biblioteca Nacional de Buenos Aires foi dirigida pelo escritor e poeta Jorge Luis Borges durante o regime militar de 1955, que depôs Juan Domingo Perón. Na época, Borges fundou a Escola Nacional de Bibliotecários e seu primeiro curso funcionou a partir de 1957, dando-se a regulamentação em 1964.

1.3. As bibliotecas brasileiras.

Na história das bibliotecas no Brasil a grande referência é a instalação da Biblioteca Real no Rio de Janeiro em 1811, atualmente Fundação Biblioteca Nacional, que ganhou vida com a transferência do fundo de coleções da biblioteca de D. João VI, quando a Família Real Portuguesa veio para o Brasil em 1808. Sua importância está na riqueza de seu acervo e no fato de ser a primeira biblioteca pública do país. Entretanto, devemos considerar, para que se possa compreender a evolução das bibliotecas brasileiras e, também, a história dos livros no Brasil, o período que antecede a vinda da Família Real ao Brasil.

Na fase inicial da colonização, ou na América Portuguesa, é de crer que não houvesse livros em circulação. Os registros sobre livros e bibliotecas (livrarias, como eram denominadas) podem ser observados somente a partir da segunda metade do século XVI, período em que há a efetivação da colonização com a instalação do Governo Geral na Bahia em 1549, possibilitando o surgimento de uma vida social, política e econômica.

Outro fato relevante foi a vinda dos jesuítas que foram os principais responsáveis pela instrução no país até o século XVIII; a Companhia de Jesus fundou vários colégios, não só na Bahia como em outras capitanias. Segundo estudo de Rubens Borba de Moraes (1979) foram nesses colégios que se constituíram as primeiras bibliotecas do Brasil e, com o apoio do Governo Geral da Bahia, foram trazidos de Portugal vários livros que serviriam para a instrução dos meninos da Colônia, como livros que aprimoravam o ensino dos mestres jesuítas. No Colégio da Bahia havia, até o final do século XVI, uma sala destinada somente aos livros, o que leva a supor, em termos quantitativos, algo pelo menos razoável. No Rio de Janeiro, o colégio dos jesuítas recebeu uma grande doação de livros do Visitador Eclesiástico Bartolomeu Simões Pereira, que deixou metade de sua biblioteca particular para a instituição, após sua morte em 1601.

Em outras capitanias onde funcionavam colégios jesuítas houve a mesma formação. Até o final do século XVII, o Colégio Santo Alexandre do Pará possuía em sua biblioteca mais de 2.000 volumes, e o Colégio da Vigia, também no Pará, contava com 1.010 volumes na biblioteca. A estimativa de livros nas bibliotecas do Maranhão e Pará aproxima-se de 12.000 volumes nesse período (LEITE, 1938/1950 apud MORAES, 1979: 4). O Colégio do Rio de Janeiro possuía 5.434 livros até meados do século XVIII. Dentre as bibliotecas que se formaram até o século XVII, a maior foi do Colégio da Bahia que contava com 15.000 volumes. Fato merecedor de nota é que as bibliotecas eram freqüentadas não só pelos padres e alunos, mas, também, por pessoas que requisitassem uma consulta.

As bibliotecas eram organizadas pelos próprios jesuítas. Parece certo que não havia uma norma rígida de organização do acervo, mas considera-se que Padre Antonio da Costa, em Salvador, foi o primeiro bibliotecário a elaborar a catalogação de todo o acervo do Colégio da Bahia. Dos registros dos livros constavam o autor e a matéria de cada volume. Padre Antonio Vieira contribuiu muito na história das bibliotecas no Brasil, pois, a seu pedido, foi responsável pelas bibliotecas de todos os conventos por onde passou.

As bibliotecas dos jesuítas eram ricas tanto pela quantidade de livros como pela qualidade dos mesmos. As responsabilidades que os padres assumiram no ensino exigiram que as bibliotecas dispusessem de livros que atendessem as necessidades de ensino para as

primeiras letras como, também, para os cursos de Filosofia. Os cursos ministrados nos colégios eram considerados de excelência, permitindo aos filhos de famílias abastadas que terminassem seus estudos nas universidades de Portugal, fato que oferecia oportunidade a alguns alunos brasileiros de cursar até mesmo universidades da Itália ou na França. Em relação ao ensino do curso de Filosofia, ocorreu um fato interessante em 1662. A Câmara de Salvador enviou ao governo português uma petição no sentido de equiparar os cursos do Colégio da Bahia aos da Universidade de Évora e de Coimbra. O governo português obviamente negou o pedido para manter os laços de dependência da Colônia.

Depois da expulsão da Companhia de Jesus o destino das bibliotecas dos colégios foi de abandono. Segundo Moraes (1979) os acervos que constituíram as bibliotecas foram abandonados; uma parte foi devolvida à Igreja, uma outra remetida a Portugal, mas grande parte foi destruída, “roubada ou vendida como papel velho para embrulho” (MORAES, 1979: 6). Em Salvador uma pequena parte do acervo foi salva e restaurada, posteriormente, foi incorporada ao acervo da Biblioteca Pública da Bahia, fundada em 1811.

No Rio de Janeiro o acervo da biblioteca ficou abandonado até 1775, quando o desembargador Manuel Francisco da Silva e Veiga ordenou que se fizesse o inventário e a avaliação das obras. As obras de “Doutrina e disciplina eclesiástica” deveriam ser entregues ao bispo da Diocese; o restante deveria ser entregue ao desembargador João Antonio Sater de Mendonça e para pessoas que pudessem conservá-las. Os livros proibidos pela Igreja deveriam ser remetidos ao Juiz da Inconfidência de Lisboa.

No Brasil Colonial havia padres de outras ordens religiosas, como a dos franciscanos, dos beneditinos e dos carmelitas. Essas ordens criaram colégios para instrução de primeiras letras e ensino secundário, além disso, mantinham cursos superiores para a formação de frades. Da mesma forma que os jesuítas, essas ordens exerceram papel importante na educação da população, especialmente, os franciscanos que inovaram na Província do Rio de Janeiro em 1776, adotando as reformas de Pombal. As mudanças incluíram o ensino de teorias filosóficas do Iluminismo, assim como o estudo experimental das ciências.

As escolas dos conventos mantinham bibliotecas que eram enriquecidas com a compra de livros e doações que recebiam, principalmente, de autoridades eclesiásticas. A

biblioteca do colégio beneditino no Rio de Janeiro figura como uma das mais ricas nesse período, recebendo doações de numerosos livros e investindo na manutenção do mobiliário e conservação do acervo. O já citado Moraes relata que Frei Gaspar da Madre de Deus, historiador e abade do mosteiro do Rio de Janeiro, reformou a biblioteca, adquiriu novos livros e chegou a contratar um livreiro com alto salário para restaurar o acervo danificado. Este livreiro ensinou o ofício a um escravo para que o mesmo pudesse prosseguir no trabalho de conservação da biblioteca.

A ordem franciscana contribuiu para a formação de algumas e boas bibliotecas. Em São Paulo, havia duas bibliotecas importantes: a do Convento de Itanhaém e a do Convento de São Francisco. Esta última recebeu doações importantes como a do bispo de Funchal, D. Luís Rodrigues Vilarés em 1810. Outra biblioteca de igual importância era a da Cúria de São Paulo, constando em seu acervo os livros da biblioteca particular de D. Frei Manoel da Ressurreição, bispo da Província de 1774 a 1789, este o ano de sua morte. A biblioteca da Cúria funcionou até 1824, quando o Governador da Província Lucas Antonio Monteiro de Barros comprou a biblioteca. Ele também adquiriu a biblioteca do Convento de São Francisco, sendo sua intenção reunir as bibliotecas para transformá-las numa biblioteca pública da Província. A biblioteca serviria à população e, também, aos estudantes da futura universidade. Porém, o projeto da construção da universidade não vingou, embora houvesse tramitado na Assembléia Constituinte de 1824. Note-se que a intenção resultou apenas na criação de um curso de Direito em São Paulo. Os acervos reunidos na aquisição de Lucas Antonio Monteiro de Barros formaram a biblioteca do curso de Direito, instalado no Convento de São Francisco, onde passou a funcionar em 1828.

Embora a técnica de imprensa já existisse no século XVI, no Brasil colonial a circulação de livros era ainda rara e o livro tinha alto valor. Era hábito que os cidadãos de posse arrolassem entre seus bens os livros que possuíam. Através de inventários, temos notícias da existência de algumas bibliotecas particulares, mesmo que com reduzido número de livros, já entre os séculos XVI e XVII. No século XVII, por exemplo, havia apenas 15 proprietários que possuíam livros (VILLALTA,1997), a maioria obras

devocionais. Esse quadro se modifica no século XVIII, quando há o aumento do número de bibliotecas particulares em função do maior desenvolvimento das cidades.

Em Minas Gerais, nessa época a província mais rica da colônia, fortuna oriunda da mineração de ouro e diamantes, há registros de várias bibliotecas particulares de altos magistrados, médicos, advogados, militares e outros profissionais liberais, como também de mestres de ofício, muitos formados na Universidade de Coimbra. No movimento da Inconfidência Mineira (1789) o governo confiscou todos os bens dos conjurados. O inventário desse confisco consta dos Autos da Devassa e nos apresenta as bibliotecas dos poetas que fizeram parte do levante. Cláudio Manoel da Costa era dono de 383 volumes, entre livros de Direito, Literatura e Filosofia. Camões, Quevedo e Calderon de La Barca eram autores presentes na coleção. Tomás Antonio Gonzaga possuía 83 volumes e Alvarenga Peixoto 17 volumes. No inventário consta ainda a biblioteca do coronel Francisco de Oliveira Lopes com 84 volumes e do cônego Luís Vieira da Silva, certamente a maior de todas com 800 volumes.³²

No Rio de Janeiro devemos anotar a biblioteca do poeta Manoel Inácio da Silva Alvarenga que contava com 1576 volumes, destes 687 eram de Direito e o restante de obras diversas. Há uma variedade de obras em sua coleção que inclui livros proibidos pela censura, figurando autores como Voltaire e Diderot. Sua formação em Direito na Universidade de Coimbra e a experiência em Portugal favoreceu tanto sua a formação erudita quanto a constituição de preciosa biblioteca particular. Vivendo no Rio de Janeiro, Silva Alvarenga fez parte da Sociedade Literária que, originariamente, foi a Academia Científica (1771-1779), onde muitos profissionais formados pela Universidade de Coimbra se reuniam. Em 1794 o conde de Resende mandou fechar a Sociedade e seus bens foram confiscados.

³² Mereceu estudo por Eduardo Frieiro – *O diabo na livraria do cônego* (1946), citação de Rubens Borba de Moraes em *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*, 1979, pag 27

1.4. A Biblioteca Nacional.

A Biblioteca Nacional foi a primeira biblioteca pública do país e todo o acervo original constituía a Real Biblioteca Portuguesa, trazida para o Brasil por ocasião da transferência da Família Real, em 1808. A fundação da Biblioteca Real, como foi denominada inicialmente, foi em 1811, a 13 de maio, data de aniversário do Príncipe Regente D. Pedro³³. A primeira sede localizava-se no edifício do Hospital da Ordem Terceira do Carmo, próximo ao Palácio Real. Para a instituição, D. João VI nomeou dois bibliotecários: Frei Gregório José Viegas e o padre Joaquim Damaso. Ambos trabalharam na Biblioteca Real até o retorno da Família Real para Portugal em 1821, somente o padre Dâmaso retornou em 1822, pois não aderiu à Independência do Brasil.

Apesar do retorno de D. João VI o acervo da Biblioteca Real foi mantido, apenas os manuscritos da Coroa Portuguesa foram enviados para Portugal. Em 1825, Portugal reconhece a Independência do Brasil através do Tratado, acordo mediado pelo governo inglês, no qual o Brasil deveria pagar dois milhões de libras esterlinas como indenização pelos bens deixados aqui pela Coroa Portuguesa, entre eles estava o acervo da Biblioteca Real.

O acervo da Real Biblioteca Portuguesa foi reconstituído, pois a rica coleção inicial foi consumida pelo incêndio no terremoto de 1755, quando Lisboa foi destruída. A Real Biblioteca foi criada por decreto em 1775, por D. Jose I, e contava, basicamente, com doações e compras de livros. Uma boa parte dos livros que formaram a Real Biblioteca vinha dos confiscos da Mesa Censória, inclusive os livros que foram confiscados dos jesuítas no período pombalino. Este acervo constituiu a Real Biblioteca Portuguesa e a Biblioteca do Infantado, coleção destinada à instrução dos príncipes herdeiros. (SCHWARCZ, 2002: 136-137)

Entre as doações que a Real Biblioteca Portuguesa recebeu consta a biblioteca particular de Diogo Barbosa Machado, abade de Santo Adrião de Sever. O Abade de Sever foi escritor e bibliógrafo, e, entre suas obras, inclui-se a *Bibliotheca Lusitana*, primeira obra bibliográfica de Portugal. A coleção de Barbosa Machado era composta por três grupos:

³³ A Biblioteca Real só foi aberta ao público em 1814.

obras de autores clássicos e outros; uma coleção de folhetos e peças avulsas encadernadas em 85 volumes; e a coleção de retratos. A coleção de livros contava 5764 volumes, dentre os quais constavam autores clássicos portugueses e espanhóis, edições de autores latinos e obras religiosas. (MORAES, 1979)

A coleção de folhetos é a mais interessante, pois o abade recolheu centenas de folhetos que, juntos, reúnem quase dois séculos da história de Portugal e de suas colônias. A coleção de retratos é igualmente preciosa. São oito tomos de encadernações que o abade classificou em: “Pontífices e Soberanos e Eclesiásticos e Seculares”; “Pontífices e Cardeais e Bispos”; “Reis e Príncipes e Varões”; “Varões Portugueses Insignes na Campanha e Gabinetes”; “Varões portugueses Insignes em Artes e Ciências” e “Retratos de Reis, Rainhas e Príncipes de Portugal”, num total de 1980 estampas. (SCHWARCZ, 2002: 144) Todas essas coleções de folhetos e estampas eram submetidas a um curioso e quase lúdico hábito de Barbosa Machado em recortar e colar as matérias para ordenar e classificar à sua maneira, embora tivesse suficientes conhecimentos a respeito da catalogação de obras. Barbosa Machado acrescentava molduras em retratos de personalidades de outros impressos, fazia anotações nos folhetos, recortava as margens dos impressos para que pudesse encadernar todos num mesmo formato. Recortava figuras ou ilustrações de um livro e colava nos folhetos de determinado assunto, assim como várias estampas foram retidas de livros e coladas em papel em branco. Não obstante essas intervenção personalíssima, as coleções permanecem valiosas e compõem uma importante fonte documental. (MORAES, 1979: 83)

As curiosidades que cercam o acervo da Real Biblioteca Portuguesa foram conservadas na Biblioteca Real e seu acervo foi constantemente enriquecido após sua instalação. A instalação da Impressão Régia, logo após a chegada de D. João VI, foi um grande impulso para o aumento do acervo da Biblioteca Real, havendo mesmo uma determinação da Coroa de que um exemplar de cada livro impresso fosse destinado à Biblioteca Real. Esta prática foi denominada “depósito legal”. Em 1812 o depósito legal se estendeu às oficinas tipográficas de Portugal. O número de livros acomodados na Biblioteca Real em 1814 chegava a 60 mil volumes.

O primeiro estatuto da Biblioteca Real foi elaborado em 1821 e publicado pela Impressão Régia. O estatuto previa todas as funções e normas de funcionamento da Biblioteca Real e o controle do acervo era feito em livros de registros, chamados Índices e divididos para cada finalidade. Constavam, por exemplo, no Índice Geral Alfabético todas as obras da Biblioteca Real. Entre o quadro de funcionários haveria um livreiro encadernador, responsável pela conservação das obras; e um responsável pela Biblioteca, o que seria hoje o diretor, era chamado de prefeito. Há artigos do Estatuto curiosos, com recomendações que mais se parecem com ordens reais:

XXIV – Todos os Empregados em a Bibliotheca assistirão pontualmente todos os dias em as quatro horas da manhã, e á tarde das quatro horas por diante ate anoitecer, avizando hum pouco antes a gente de fora para que se retire, para que com maiz desembaraço recolhõa aos seus ligares os livros que servirão, e fechem as janellas.

XXV – Todos os Empregados evitarão quanto lhe for possível vezitas que os distrahão da obrigação de que estão responsáveis á Bibliotheca, e se algumas forem indispensáveis cuidarão em as tomar, aonde não sirvão de distracção a quem estuda, e avizarão algum companheiro que faça as suas vezes, se estavão em occupação que exija tal prevenção.

XXVI – Não se abrirá a Bibliotheca fora das horas em que se costuma abrir para o estudo; mas querendo succeder que alguma pessoa de consideração dezeje, e peça que quer ver a Bibliotheca mesmo em dia feriado, o Prefeito o não negará.

XXVII – Sempre que para o serviço das Pessoas Reaes se for buscar á Bibliotheca alguma obra se entregará logo fazendo-se assento da Pessoa Real para que foi, e de quem a levou.(Estatuto da Bibliotheca Real apud MORAES, 1979)

Depois da Independência do Brasil, a Biblioteca Real passou a ser a Biblioteca Nacional, e seu patrimônio continuou a crescer durante o Império e República. Atualmente conta com cerca de nove milhões de itens disponibilizados ao público. A Fundação Biblioteca Nacional é composta pela Biblioteca Nacional, sua subordinada a Biblioteca Euclides da Cunha e o Instituto do Livro, que possui a Biblioteca Demonstrativa, em Brasília. Essa formação se deu em 2004.

A prática do depósito legal foi institucionalizada em decreto de 1847 e, posteriormente, revisada em 1907, esses dispositivos legais garantem à Biblioteca Nacional

a remessa de obras publicadas no país, assegurando o registro e a guarda da produção intelectual do Brasil.

1.5. Biblioteca Pública da Bahia.

Na Bahia foi fundada a segunda biblioteca pública do país em 1811. A iniciativa foi de Pedro Gomes Ferrão de Castelo Branco, um rico senhor de engenho, que queria construir uma biblioteca pública para auxiliar instrução do povo. A biblioteca foi organizada pela iniciativa particular reunindo cidadãos que contribuíram para a manutenção do acervo. Em 1811, o conde de Arcos então Governador da Bahia, aprovou o projeto de Pedro Gomes para a constituição da biblioteca. A Biblioteca Pública da Bahia foi inaugurada em 13 de maio de 1811, entretanto a Biblioteca só pode ser instalada em agosto do mesmo ano, após reforma do antigo Colégio dos Jesuítas.

Nesse período, Santos Marrocos, funcionário da Biblioteca Real do Rio de Janeiro, propôs que fosse enviado para a biblioteca da Bahia as edições em duplicidade que havia no acervo da Biblioteca Real, assim foi determinado por D. João VI. O acervo da Biblioteca pública da Bahia foi enriquecido com as remessas de livros da Biblioteca Real.

Em 1912, Salvador sofre bombardeios das forças militares do Governo Federal em função da crise política que se instalou na Bahia (o Governo da Bahia não aderiu à República). Como consequência desses bombardeios a Biblioteca Pública foi incendiada e seu acervo destruído.

1.6. Biblioteca Mario de Andrade.

A Biblioteca Mario de Andrade foi fundada em 1925 como Biblioteca Municipal de São Paulo, seu acervo constitui um dos mais importantes do país. Seu patrono Mário de Andrade esteve à frente do Departamento de Cultura do Município de São Paulo entre 1935 e 1938, nessa época dirigiu uma política de difusão e construção de bibliotecas populares

no município, pois militava pela promoção da prática de leitura como uma das formas de solucionar os graves problemas da educação em nosso país.

Em 1937 a Biblioteca Mário de Andrade incorporou o acervo da Biblioteca Pública do Estado de São Paulo, desde então passou a receber importantes colaborações, citando algumas: a biblioteca particular de Paulo Prado, escritor e organizador da Semana de Arte Moderna, as bibliotecas de Otto Maria Carpeaux, do escritor Paulo Duarte, do médico e pesquisador da esquistossomose Pirajá da Silva e, ainda, a biblioteca de Félix Pacheco, que foi escritor, senador da República e Ministro das Relações Exteriores.

Em 1945, sob a direção do crítico de arte e literatura Sergio Milliet, foi inaugurada a Secção de Artes que reúne coleções importantes de livros, reproduções artísticas e revistas.

Capítulo III

1.1. A “utopia se torna realidade”.

A Biblioteca Cesar Bierrenbach foi oficialmente constituída no ano de 1908, sete anos após da fundação do C.C.L.A. Os primeiros títulos, como mencionado, vieram de doações de sócios e de colaboradores, prática que se estendeu pelas décadas subseqüentes à fundação, e esta forma de constituição do acervo cristalizou-se ao longo dos anos como a principal fonte formadora do patrimônio.

Nos primeiros anos não havia um espaço exclusivo para a Biblioteca, pois o Centro se encontrava sediado no salão nobre do Club Campineiro, situado à Rua Barão de Jaguará, na área central da cidade³⁴. No entanto, as doações iniciadas em abril de 1902, tornaram-se tão constantes que, em pouco tempo, houve a necessidade de se criar uma sala de leitura para que os associados pudessem desfrutar do acervo. O espaço do salão nobre era pomposo e foi decorado com objetos que os sócios ofereciam para a sala de leitura (pintura e gravuras, estantes, cinzeiros, globo terrestre etc).³⁵ No relatório de atividades do primeiro ano de funcionamento, o secretário da Instituição atestava: “então começaram os hábitos de frequência à nossa séde e nossa bibliotheca, á leitura de nossos jornaes de revistas e á constância de nossos trabalhos.... A *utopia* se tornara realidade”.³⁶

Nesse período houve uma cotização entre os sócios para aquisição de mobiliário para a sala de leitura, montante que atingiu o total de 115 mil réis.³⁷ Os sócios que mais contribuíram para a doação foram: Alexandre Krug, César Bierrenbach, Ângelo Simões, José de Campos Novaes, entre outros.

Todavia, o espaço dedicado à Biblioteca somente se tornaria uma realidade efetiva em 1908, quando o C.C.L.A. constituiu sua primeira sede própria, num prédio construído

³⁴ Consta nas atas desse período o local onde eram realizadas as reuniões e assembléias do C.C.L.A.. A *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes* publicava como endereço para correspondência o mesmo do Club Campineiro.

³⁵ Cf. “Donativos para as colleções, salão de leitura e museu” publicado na *Revista do Centro de Ciência, Letras e Artes de Campinas*, em 31/10/1903. Anexo nº 1

³⁶ *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, 1º Relatório Anual de atividades, 1902.

³⁷ “Relação de contribuições para a aquisição de mobiliário para a sala de leitura em 1902”, publicado na *Revista do Centro de Ciência, Letras e Artes de Campinas*, em 31/10/1903.

especificamente para abrigá-la, na esquina da Rua Conceição com a Av. Francisco Glycério, um ponto nobre de localização. A construção do primeiro edifício do C.C.L.A. somente se tornou possível mediante as contribuições dos sócios, montante que alcançou algo próximo a 1 conto de réis para cada associado.³⁸ O total da contribuição para a aquisição do terreno da nova sede foi de 15 contos de réis e o projeto de construção ficou a cargo do engenheiro José Piffer.³⁹

A nova sede foi inaugurada no dia 31 de outubro de 1908, num majestoso prédio de dois pavimentos. Sobretudo pela imponência do edifício, e, igualmente, pela extensão da área utilizada, a construção da sede denotava a capacidade de realização dos dirigentes e associados. Na nova sede havia uma sala de leitura e uma de estudos, nas quais estava disposto o acervo da Biblioteca em estantes feita em madeira, com portas de vidro e detalhes de apurado gosto.⁴⁰ O ambiente imponente e sóbrio, a decoração, a extensão do acervo emprestavam à Biblioteca um ar solene, bem diferente dos modelos atuais, inclusive da própria sede do C.C.L.A., com estantes de livros abertas para circulação e consulta, separadas do espaço para estudos. O nome da Biblioteca constituiu homenagem ao sócio fundador que, além de figura importante para a existência e promoção do C.C.L.A., especialmente da Biblioteca e Museu, houvera incorporado talvez como nenhum outro o conjunto de aspirações que animaram os primeiros passos da Associação. Bierrenbach morrera precocemente, aos 35 anos, em 1907 e não pôde presenciar a inauguração da primeira sede da qual foi principal articulador e, talvez, o mecenas mais constante⁴¹.

Bacharel formado pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1892, Bierrenbach que, como sabemos, foi também docente no *Gymnásio de Campinas* — na cadeira de *História Universal* —, no conjunto de suas atitudes e crenças, personificou, com enorme

³⁸ Esse dinheiro foi inicialmente aplicado em ações da Companhia Mogyana de Estrada de Ferro e, posteriormente, utilizado na compra do terreno e construção do prédio. Não se pode afirmar com certeza de que esse montante foi suficiente para a construção da sede ou se a associação necessitou de novos recursos.

³⁹ Ver foto no anexo nº 5.

⁴⁰ *Idem*.

⁴¹ Cesar Bierrenbach foi um dos maiores colaboradores do Centro, principalmente, doações financeiras. Patrocinou, segundo atas de reuniões, pelo menos 3 edições da *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes*, contribuiu para a compra de mobiliário para a biblioteca, cotizou com 1 conto de réis para a construção da nova sede; sua mãe Dna Maria Clementina C. Bueno Bierrenbach também contribuiu com 1 conto de réis para a nova sede.

propriedade, os ânimos e perspectivas que conduziram tanto a militância intelectual quanto o ideário político que comandou e aglutinou as elites letradas na Campinas de seu tempo. A escolha de seu nome para a Biblioteca talvez figure como síntese simbólica.

Oriundo de família pioneira no setor industrial de Campinas trouxe da convivência doméstica a direção de espírito tão marcadamente incorporada pela Instituição que ajudou a fundar e que, posteriormente, homenagearia sua memória. Pelos empreendimentos que governava, a família Bierrenbach foi, sem dúvida, responsável por boa parte das ações que orientaram as transformações vividas por Campinas na virada do século, especialmente no que diz respeito aos rumos da produção local. Foram os Bierrenbach os primeiros empreendedores a introduzir a máquina a vapor no processo de produção industrial, fabricando, inicialmente, maquinário agrícola e, posteriormente, chapéus.

João Cesar Bierrenbach descendia, pelo lado materno, de família tradicional de Campinas e, pelo paterno, de imigrantes alemães. O avô veio para o Brasil em 1829, juntamente com a comitiva da futura Imperatriz, Amélia de Leuchtenberg, da Áustria. Famoso pela oratória, era freqüentemente requisitado a pronunciar discurso em ocasiões solenes. Em 1903, em evento importante ocorrido na Capital da República — o III Congresso Latino-Americano no Rio de Janeiro —, Cesar Bierrenbach recebeu elogios de políticos e da imprensa pelo seu discurso. Fato curioso, é que fora o orador requisitado em situação inusitada: o Barão do Rio Branco sentindo que seu discurso não produzira o efeito desejado enviou-lhe um bilhete com os seguintes dizeres: “Toma a palavra e salva a situação”. Assim o tribuno campineiro, como lembrou Cid Prado em conferência no C.C.L.A., “se levantou, tomou a palavra e comoveu a platéia” (PRADO, 1944).

Amigo do maestro Carlos Gomes, Bierrenbach muito se esforçou para que Campinas prestasse homenagem ao compositor após seu falecimento.

Carlos Gomes falecera em Belém do Pará, em 1896. Na verdade, foi no Estado que o maestro encontrou, em seu retorno ao Brasil, amparo e consolação, sobretudo de amigos fiéis, dentre os quais o governador Lauro Sodré, que o assistiu com desvelo na fase final de sua vida. Quando voltou ao Brasil, já na República, o maestro encontrava-se doente, magoado e deprimido, desgostoso de críticas que lhe eram dirigidas. Talvez não fosse voz unânime, porém, muitos o consideravam diminuído em seu amor a pátria, principalmente

pela estreita relação de amizade que tivera com o Imperador D. Pedro II, que havia sido, por longo tempo, seu grande protetor. Fato concreto, foi pelas mãos do Monarca que Carlos Gomes recebeu uma bolsa de estudos na Europa, iniciando assim sua carreira internacional.

O corpo de Carlos Gomes foi trazido para Campinas onde ocuparia o monumento-túmulo em sua homenagem. Posteriormente, o Presidente da República Campos Salles, em decreto, autorizou uma pensão que deveria ser paga pelo governo aos filhos de Carlos Gomes que viviam em Milão. Pouco antes de sua morte o maestro escrevera uma carta ao amigo Cesar Bierrenbach, no mais das vezes seu sincero defensor:

Peço-te seres interprete de minha profunda gratidão perante nossos conterrâneos, pelas manifestações de afeto que por teu intermédio recebo no leito da dor, provocando lágrimas que se vertem, mas não se descrevem. A primeiro de novembro, sendo férias aqui, embarcarei para o Rio, S. Paulo e terra natal. Abraça-te com Mamãe-Campinas. Tónico.⁴²

No Rio de Janeiro, no correr da cerimônia de traslado do corpo do compositor, Cesar Bierrenbach fez, em nome da cidade de Campinas, um discurso emocionado e foi elogiado por José do Patrocínio no seu jornal *Cidade do Rio*: “Não se pode descrever o discurso do jovem campineiro, pela perfeição da forma, pela profundidade dos conceitos. Falou em nome de sua terra, o que quer dizer, falou com todo o coração.” (PRADO, 1944)

Na época da inauguração do monumento, César Bierrenbach empreendeu a formação do Arquivo Carlos Gomes, defendendo a idéia de que esse Arquivo deveria fazer parte do acervo da associação.⁴³ Em pouco tempo o Arquivo reuniria um grande número de documentos, manuscritos, partituras e autógrafos do maestro. Atualmente o acervo desse Arquivo constitui o Museu Carlos Gomes.

No C.C.L.A. Cesar Bierrenbach sempre combateu pela defesa dos objetivos que nortearam a sua fundação, principalmente em função de sua formação clássica, e também por acreditar que as ciências eram o verdadeiro conhecimento para a evolução da

⁴² Carta de Carlos Gomes publicada em PRADO, Cid. A Eloquência de Cesar Bierrenbach. *Conferência realizada no Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, em 2 de julho de 1944.

⁴³ *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes*, ano III, nº 2, 30/04/1904.

humanidade. Como lente de História Universal no Gymnásio de Campinas, suas aulas eram carregadas de discurso eloqüente, como exigia a boa Retórica.

César Bierrenbach foi o que talvez, e paradoxalmente, pudéssemos considerar um “conservador progressista”. No seu entendimento, o empenho na formação da Biblioteca e do Museu de Ciências Naturais reclamava maior atenção, até mesmo em detrimento da formação de uma Escola de Belas Artes, como foi proposto por Coelho Netto. A essas preocupações de Cesar Bierrenbach houve imediata compreensão, sendo os acervos da Biblioteca e do Museu constituídos rapidamente, através de numerosa quantidade de doações. Para se ter uma idéia, o acervo da Biblioteca, já em seu primeiro ano, chegou a mil títulos⁴⁴, entre revistas, jornais e livros. Numa segunda listagem, do ano de 1906, o número subiu para quase 6.000.⁴⁵

Os responsáveis pelos cuidados do acervo da Biblioteca inicialmente foram os sócios João Bueno Monteiro⁴⁶ — bibliotecário — e Antônio José Pereira, que era guarda-livros⁴⁷. Este último participou da Comissão de Sindicância, vindo a falecer durante seus trabalhos em 15 de setembro de 1906. Foram Antônio José e Álvaro Miller, diretores da Comissão para a Biblioteca e Museu, que organizaram o primeiro espaço para a sala de leitura, ainda no Club Campineiro⁴⁸. Já o associado João Bueno de Monteiro, que participou como sócio desde a fundação do Centro, foi o organizador e catalogador do acervo no ano de 1906.⁴⁹ Podemos considerar que esta foi primeira sistematização do patrimônio, já que, do período anterior, há somente notícias vagas a respeito de Livros de Registro de Doações, dos quais apenas um foi localizado.

A Biblioteca oferecia aos estudantes da cidade — a chamada “mocidade estudantil” — grande incentivo para que freqüentassem o espaço de leitura; podendo os mesmos

⁴⁴ Relatório do 1º ano do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, 31/10/1902. Relatório elaborado por César Bierrenbach, 1º secretário.

⁴⁵ Catálogo Geral das obras existentes na Biblioteca, publicado na *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, em 31/12/1906.

⁴⁶ Referencia sobre João Bueno Monteiro, está na ata da sessão solene de 02/2/1904, em homenagem às vítimas do incêndio do couraçado Aquidaban.

⁴⁷ Os dados foram retirados da *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, na relação dos membros das comissões e a Lista dos Sócios do C.C.L.A.

⁴⁸ Relatório Anual de Atividades, 31/10/1906, publicado na *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, em 31/12/1906.

⁴⁹ Relatório Anual de Atividades, 31/10/1906, publicado na *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, em 31/12/1906.

usufruírem do acervo sem custo algum, mediante somente a apresentação de um sócio da Instituição.

1.2. O acervo.

Os registros de circulação de livros dos primeiros anos de atividades da Biblioteca César Bierrenbach já se perderam no tempo; porém, podemos supor a inexistência de um registro mais sistemático ou detalhado dessa circulação, talvez em função das condições transitórias das instalações. Contudo, é possível um cálculo de probabilidades que forneça um desenho geral dessa movimentação, especialmente pela existência de um censo de 1907 publicado no Relatório Anual do C.C.L.A.. A frequência mensal da Biblioteca girava em torno de 520 pessoas associadas à Instituição, com média diária de 17,3 presenças. Já a frequência do público geral atingia 117 pessoas ao mês, portanto uma média próxima a 4 ou 5 pessoas ao dia. No período registrado, o número de obras retiradas pelos sócios correspondeu a 318 títulos. Podemos inferir que somente os sócios teriam direito à retirada de livros, sendo ao público permitida a consulta da obra na Biblioteca. Não é possível saber com exatidão se esses números são absolutos; ou seja, se houve a frequência de 520 indivíduos associados ou se houve 520 consultas ao longo do mês, várias dessas realizadas por um só visitante. Dessa dança de números, a conclusão mais segura apenas aponta para o aumento do número de associados — entre 1904 e 1905, embora tenha havido uma queda do número de associados chegando a 172 sócios —, sintoma claro de que a instalação da Biblioteca em uma sede adequada e convidativa pelo que tinha de imponente, muito contribuíra para uma maior aproximação da sociedade municipal, à Biblioteca e ao próprio C.C.L.A.

Além dos atrativos proporcionados com a mudança para a sede própria, colaborou também para uma maior visibilidade do Centro e da Biblioteca a intensa campanha de adesão de novos sócios promovida entre 1904 e 1905. Embora não haja registros precisos da evolução do quadro societário, pistas bastante seguras conduzem à conclusão de que tanto a adesão de novos associados quanto a frequência dos não-sócios aumentou significativamente por volta de 1907, esses números de consultas registradas seriam apenas

um indicativo. Levando-se em conta, por exemplo, um acervo de cerca de 6 mil volumes, os números referentes à circulação e consulta são, de fato, reduzidos. Esse confronto de dados leva a algumas possibilidades, dentre elas o fato da Biblioteca produzir mais efeito como lugar de convívio social, do que resultado de suas aspirações primárias como lugar de memória. Enfim, talvez a Biblioteca fosse utilizada pelos sócios como um lugar de leituras mais ou menos fortuitas ou diletantes, sobretudo a leitura de jornais e revistas, hábito que parece ter sido sedimentado dentro da Instituição ao longo dos anos, do que propriamente como um lugar de oferta e consumo de saberes letrados.

Em outra estatística não tão distanciada no tempo, a de 1910, consta uma frequência média de 570 associados e por volta de 300 freqüentadores sem o vínculo de sócio. Na circulação de livros, o número de retiradas de obras pelos sócios atingia 342 obras. Contudo, as novas cifras traziam algo de surpreendente, uma vez levadas em consideração as estatísticas anteriores: a quantidade de livros consultados pelo público chegou a 3240 livros, assim distribuídos — 2831 títulos em português, 333 em francês, 33 em inglês, 25 em italiano, 11 em alemão e 7 em espanhol. Entre os temas consultados temos: 2733 em prosa de ficção, 288 de leitura (?) e geografia, 100 em assuntos gerais, 42 em comércio e indústria, 38 de ficção em verso, 34 em ciências naturais e exatas e, por fim, 17 sobre belas artes. A frequência média diária do público externo era de 10 pessoas ao dia. As consultas ao acervo, nesse período, correspondem, em números absolutos, a quase um terço do acervo existente, cerca de 10 mil volumes. Levando-se em consideração as consultas efetuadas pelo público externo, a conclusão é de que cada leitor que se encaixa neste perfil tem acesso, em média, a 10 livros. Dois dados já referidos, quando cruzados, e uma vez subordinados a essa nova circunstância vivida pela Biblioteca, chamarão a atenção: 1º) boa parte dos volumes requisitados enquadra-se no gênero “Literatura”; 2º) somente os sócios podiam retirar livros da Biblioteca. Podemos supor que a Biblioteca alcançara a condição também de lugar de leitura (ou de “sala de leitura”) não somente entre os associados, mas também entre uma parcela da população letrada.⁵⁰

⁵⁰ A população na época era cerca de 60 mil pessoas, a frequência das consultas não produz um efeito muito significativo, mas se comparado aos dados da população alfabetizada, talvez tivéssemos uma consistência maior para análise.

Provavelmente que outras ações contribuíram para esse diálogo, se não pleno, pelo menos bem sucedido entre a população e os livros. O aumento do número de obras consultadas certamente remete à melhoria das condições do acervo, sobretudo no que diz respeito à organização. Possivelmente, a primeira catalogação das obras, ocorrida em 1906, promovera frutos, facilitando o acesso e, também, a oferta. Além disso, devemos lembrar que a excelência do ensino e aumento no número de escolas da cidade, promoviam, o aumento de pessoas alfabetizadas e, igualmente, favorecimento do acesso ao livro. Seria, da mesma forma, relevante lembrar que o comércio de livros intensificava-se cada vez mais nesse período, o aumento no número de tipografias, livreiros e livrarias fomentava e facilitava a circulação de livros. Entre as livrarias existentes na cidade havia a Casa do Livro Azul e a Casa Genoud, ambas fundadas no final do século XIX e se tornaram importantes casas de comércio livreiro da região.

Cabe notar que uma imprevista, porém valorosa contribuição, ocorrida em 1908, veio enriquecer o patrimônio cultural da Biblioteca Cesar Bierrenbach. Naquele ano, por decreto da Câmara Municipal da cidade, o acervo pertencente à Biblioteca Municipal de Campinas, que funcionava na Escola Correia de Mello⁵¹, foi integralmente transferido para o C.C.L.A., a título de doação. Segundo consta, o patrimônio compreendia 1640 volumes, entre livros editados em língua portuguesa e francesa, além de publicações oficiais, relatórios e folhetos. Relativamente a este acervo, cabe lembrar que o próprio histórico de sua formação é pouco comum, especialmente porque diz respeito ao patrimônio público originário do Gabinete de Leitura de Campinas, extinto em 1891.

Em 1865, por determinação do Imperador D. Pedro II, criou-se o Gabinete de Leitura de Campinas. Em 1873 o acervo do Gabinete contava com mais de mil volumes, patrimônio que foi elevado para 2500 títulos duas décadas após a fundação da instituição. (MARTINS, 1990) Já na República, no ano de 1891, o Gabinete de Leitura de Campinas foi incorporado ao patrimônio do município, com um acervo de aproximadamente 2000 volumes. A transferência para a Escola Correia de Mello não tardou e o patrimônio do

⁵¹ A escola Correa de Mello foi fundada em 1880 e extinta em 1962. O nome da escola foi em homenagem ao botânico Joaquim Correa de Mello, personagem ilustre da cidade e que, por seus estudos, mereceu encontro com D. Pedro II, por ocasião de sua visita em Campinas.

antigo Gabinete⁵² ali ficou instalado de 1892 a 1896, sob administração da Intendência Municipal (LAPA, 2008). Essa incorporação resultou no acervo da Biblioteca Municipal, extinta em 1908, através da determinação da Câmara Municipal, e cujo espólio foi integralmente transferido ao C.C.L.A. Segundo registro em ata do Centro datada de 1914, o patrimônio foi reconduzido ao poder municipal que, posteriormente, o transferiu para a Cadeia Pública, ficando, a partir de então, obscuro o seu destino.

De qualquer forma, o grande número de obras que compõe o acervo da Biblioteca até 1908 indica o prestígio que a instituição desfrutava nesse período. Graças aos sócios, e principalmente às suas relações no meio intelectual e político, as doações eram, de fato, numerosas e constantes. A investigação e estudo do acervo nesse período de formação merece atenção pela qualidade das obras e publicações, pois grande parte é constituída de edições do final do século XIX. Além disso, há os impressos e livros que se constituem numa importante fonte de pesquisa acadêmica, especialmente os jornais e revistas.

O patrimônio da Biblioteca Cesar Bierrenbach oferta a imagem de uma biblioteca universal, na qual podemos encontrar obras que contemplam diferentes áreas do conhecimento reunidas num só lugar; um lugar de livros e memória. Contudo devemos anotar que a motivação que suscita a reunião de saberes cristalizados na Biblioteca, relaciona-se com o ideário republicano e, subjetivamente, com as aspirações da burguesia em ascensão, inspiradas nos princípios liberais e positivistas. Assim, sob os mesmos princípios que orientavam a educação formal, o conhecimento enciclopédico ganhou importância na formação do homem racional e humanista, acima de tudo cidadão ilustrado e, em última instância, o homem urbano. O desenvolvimento da cidade exigiu a transformação daqueles costumes retirados e a vivência em grupos gregários — como as associações recreativas, científicas ou culturais que existiam nesse período —, numa maneira de dar forma e lugar à convivência social, facilitando a educação necessária para esse novo homem urbano.

A proliferação de associações que promoviam atividades culturais na cidade de Campinas foi, de fato, surpreendente a partir de meados do século XIX. Até o final do século XIX, mais de 50 associações foram fundadas na cidade, sendo que muitas

⁵² O anexo nº 5 há a listagem das obras que compunham o acervo do Gabinete de Leitura de Campinas.

mantinham bibliotecas para seus associados, como é o caso da biblioteca do Club Republicano (Club Campineiro), cujo acervo comportou 5000 volumes, e também o Club McHardy, com 6000 volumes. Cabe também recuperar a existência de duas bibliotecas fundadas pelos maçons — a primeira, em 1884, e que possuía 2000 volumes; e outra, em 1886, chegando a abrigar 3000 volumes. (LAPA, 2008:147). Portanto, não é de surpreender o esforço do Centro de Ciências Letras e Artes em constituir um acervo que chegasse a números próximos, já que boa parte dos sócios da Instituição pertencia à Loja Maçônica Independência, fundada em 1867.

Podemos considerar que, em Campinas, a atenção em constituir bibliotecas autônomas em diversas associações define um lugar de letramento, assim como uma prática de leitura abrangente. Essa prática de leitura, podemos supor, seria uma prática de leitura compartilhada em grupos conformados pela posição social, idade, sexo, profissão etc. A Biblioteca César Bierrenbach foi um espaço definido, a princípio, pelo interesse das ciências e do conhecimento científico, mas tornou-se, com o tempo, um lugar de leitura, especialmente, para seus associados e simpatizantes.

O registro das primeiras doações para o acervo da Biblioteca César Bierrenbach constou em Ata da sessão ordinária de 19 de abril de 1902, na qual estão relacionados livros, jornais, revistas e boletins de instituições. Nesses registros encontraremos o jornal *Commercio de Campinas* (vários números); os *Boletins de Agricultura* (2^a e 3^a série); a *Revista Brasil-Portugal*; o jornal *Trabalho* (Araras); o jornal *Novidades* (São Paulo); o jornal *Verdade e Luz* (São Paulo); a *Revista do Gremio Literário da Bahia* (4 primeiros volumes); o *Die Physiologie der Liebe* (1 volume); a coleção dos *Relatórios dos Trabalhos Agrícolas*; o *Navegação aérea de 1709 a 1901*; os livros *Education*, de Jean Jacques Rousseau, *Contrat Social*, J. J. Rousseau e *Cultura dos Campos*, de Assis Brasil. Nos primeiros tempos as doações eram ofertadas apenas pelos sócios efetivos. Com a admissão dos sócios correspondentes as doações vieram de vários lugares do país e muito dos correspondentes enviavam suas doações em agradecimento ao convite da Instituição.

Com já foi referido, o número de doações de jornais e revistas à Biblioteca tornou-se costumeiro. A circulação de periódicos impressos ganhou grande força na virada do século, tanto em função do desenvolvimento das cidades e da indústria como também pela

ingerência do governo republicano, especialmente a partir de Campos Salles, dando grandes incentivos aos jornais, inclusive em espécie, beneficiando os que se alinhavam ao governo (SODRÉ, 1999). Vale lembrar também que a imprensa, a partir de um processo de profissionalização, torna-se uma empresa capitalista ativa e com razoável sistema logístico. Nos jornais, desde a venda de grandes espaços para a publicidade — proporcionando o giro de capital que mantém a empresa e os funcionários — até a distribuição ampliada pela revolução nos transportes (a utilização da rede ferroviária garantindo maior alcance das publicações), há um contínuo sistema de profissionalização da atividade empresarial. Nessa esteira, no início do século XX, os periódicos impressos, especialmente as revistas, tornaram-se meios de grande circulação entre o público, principalmente a elite.

As revistas também serão fontes de entretenimento e cultura, já que traziam notícias e informações de rápida leitura, enriquecidas pelas ilustrações e com a vantagem de um menor custo em relação ao livro. Normalmente voltadas a vários campos temáticos — além das tradicionais revistas literárias que foram, durante muito tempo, o refúgio dos literatos, havia as revistas científicas, de moda e esportes —, atingiam um público cada vez mais volumoso e diversificado. Assim como os jornais, as revistas ofertavam grandes espaços para a publicidade. Um exemplo curioso desse pendor comercial do veículo impresso está em uma revista intitulada *A Novidade* (1905), na qual encontramos todo tipo de publicidade, até mesmo um bizarro “comércio de formigas” (MARTINS, 2001).

Certamente, que este grande apelo de novidades atingia associações e grêmios de leitura. A Biblioteca Cesar Bierrenbach não fugia à regra. No período das primeiras doações feitas ao Centro, o próprio Cesar Bierrenbach propõe a assinatura de jornais e revistas pela Instituição, como podemos ver em uma ata de reunião ordinária de 1902:

Cesar Bierrenbach pede a palavra para propor que o Centro adote a resolução de serem imediatamente assignadas revistas scientificas, adquirindo-se também jornaes para que os sócios tenham no salão social não só alguma leitura aproveitável como também a recompensa pratica às suas contribuições.⁵³

⁵³ Ata de sessão da reunião ordinária de 26/4/1902.

O acervo de revistas e jornais da Biblioteca Cesar Bierrenbach foi significativamente ampliado com a publicação da *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes*, que permitiu um intercâmbio com publicações de outras instituições. No final do ano de 1903 havia no C.C.L.A. mais de 40 títulos de revistas recebidas do Brasil e do exterior,⁵⁴ entre elas a *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro*, fundada em 1895. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro surgiu a partir da experiência de um grupo de médicos que fundou a *Revista Médica* em 1889. Não obstante a duração de apenas um ano, esse periódico é considerado a primeira revista de periodicidade mensal no Brasil (MARTINS, 2001).

Do referido acervo de revistas consta ainda a *Revista Médica do Paraná*, o *Jornal da Ordem Médica do Rio de Janeiro* e a *Revista Médica de São Paulo*, esta última ocupando lugar de destaque, sobretudo em razão dos esforços de seus integrantes na fundação da Escola de Farmácia de São Paulo, em 1898. Um fator para que as publicações médicas em São Paulo não tivessem o almejado destaque estava no fato de que o estado ainda não abrigava uma faculdade de medicina. A Faculdade de Medicina de São Paulo seria criada apenas em 1912, funcionando, inicialmente, na Escola Politécnica de São Paulo. Apesar dos esforços de associações de médicos, a faculdade só pôde ser criada quando houve intervenções do poder público.

Outro título importante entre as revistas que constam do acervo da Biblioteca César Bierrenbach é a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, fundada em 1895, mesmo ano de criação do Instituto. Essa publicação foi de grande importância como meio de divulgação dos trabalhos dos intelectuais e pesquisadores paulistas nas áreas de História e Geografia, equiparando-se à *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. É também desse período a *Revista do Museu Paulista*, cuja coleção também consta do patrimônio da Biblioteca Cesar Bierrenbach. Esta revista, ao lado da publicada pelo *Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, foi precursora no gênero de revistas institucionais. Em ambas encontramos as rubricas de intelectuais e pesquisadores de São Paulo, todos de muito prestígio e renome, o que aumentava sempre a credibilidade desses

⁵⁴ “Lista de Revistas recebidas em permuta”, publicada na *Revista do Centro de Ciências, Letras e artes de Campinas*, em 31/10/1903.

periódicos entre as comunidades intelectuais e política. Sua pauta visava preferencialmente os estudos etnológicos e etnográficos, privilegiando as ciências naturais. Nela estiveram pesquisadores especialistas nas ciências naturais, como Orville Derby, Theodoro Sampaio e Benedito Calixto; todos eles sócios correspondentes do C.C.L.A. e colaboradores da *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes*.

Ao lado dos periódicos de formato mais definido, há também entre as coleções mais destacadas da hemeroteca do C.C.L.A. formas um pouco menos ortodoxas de impressos circulantes, e que acabaram se transformando em publicações dotadas de originalidade e relativa importância. Os imigrantes que se tinham estabelecido em Campinas e São Paulo, por exemplo, não raro se organizavam em comunidades e publicavam seus próprios periódicos. Alguns deles o Centro de Ciências, Letras e Artes procurava manter em seu acervo. Destacamos, entre esses, edições como a do jornal *Fanfulla* — da comunidade italiana —, fundado em 1893 como semanário domingueiro e, posteriormente (SODRÉ, 1999), transformado em diário. Ao longo de sua circulação, a *Fanfulla* esteve sob a direção de Vitalino Rotellini. Outro diário também disponível no Centro é o alemão *Deutscher Zeitung* (SODRE, 1999), surgido em 1897 e comandado por W. Lahfeld. Ao lado desses títulos, está também a *Tribuna Italiana de São Paulo, La Sentinella Italiana*⁵⁵, este último produzido pela comunidade italiana de Campinas, e o *Le Journal Français du Brésil*, de São Paulo.

As doações de jornais foram uma constante, conquanto o C.C.L.A. também se preocupasse em manter a variedade e atualidade da hemeroteca mantendo assinatura regular de várias publicações. Entres estes, podemos destacar o *Correio Paulistano* de São Paulo, o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, *O Paiz*, também do Rio de Janeiro. Tanto a *Gazeta de Notícias* quanto *O Paiz* circulavam desde o Império e neles também encontraremos nomes importantes do cenário intelectual, sobretudo homens de letras.(SODRE, 1999)

Mantendo a tradição de muitas bibliotecas, encontramos no acervo da Cesar Bierrenbach demonstrações de proximidade entre autores e a Instituição. Na coleção de

⁵⁵ “Lista de Revistas recebidas em permuta”, publicada na *Revista do Centro de Ciências, Letras e artes de Campinas*, em 31/10/1903.

livros, por exemplo, muitos são os exemplares ofertados à Instituição pelas mãos de seus autores, dos quais consta, como era praxe, o autógrafo do autor, muitas vezes chancelando os votos de estima pela Associação. Dentre estes devemos destacar obras como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; *A Cidade de Campinas em 1901* (um almanack editado pelo jornalista Leopoldo Amaral); *O Romanceiro*, de Coelho Netto (além de conferências do autor); *A Antropologia no Estado de São Paulo*, de H. Ilhering, fundador da *Revista do Museu Paulista*; além de autores do Uruguai, Portugal e Chile.(anexo nº 3)

O naturalista Barbosa Rodriguez figura como caso à parte, já que enriqueceu o acervo com várias obras: *Les Noces del Palmiers*, *L'Uirarey ou Curare*, *Mirtacées du Paraguay*.⁵⁶ Sua monumental obra *Sertum Palmarum* foi doada à Biblioteca César Bierrenbach pelas mãos de Campos Salles, na época Presidente da República. Barbosa Rodriguez foi um importante estudioso que fez um minucioso trabalho sobre a flora da Floresta Amazônica, tendo, para tanto, abandonado a atividade de professor no Rio de Janeiro para se instalar na selva. Além de registros sobre a flora, atividade característica dos grandes naturalistas europeus que realizaram expedições pelo Brasil sobretudo no século XIX, Barbosa Rodrigues pesquisou e escreveu sobre a etnologia e a etnografia de algumas tribos de índios da região. Cabe lembrar que a obra do pesquisador se transformou em referência capital para o escritor Mário de Andrade na construção do romance *Macunaíma*, especialmente no que diz respeito à *Poranduba amazonense* (1890) e ao *O muiiraquitã e os ídolos simbólicos* (1889), ambos de Barbosa Rodrigues.

As grandes livrarias de São Paulo e do Rio de Janeiro contribuíam sobremaneira para a atualização e ampliação do patrimônio cultural da Biblioteca Cesar Bierrenbach. Há, por exemplo, registros nos quais consta que a Casa Garroux oferecera 58 volumes de obras diversas ao C.C.L.A. Da Casa Laemmert veio contribuição mais modesta, de apenas 8 volumes. Contudo, sempre será necessário reiterar a atenção doméstica da Casa Genoud em relação ao C.C.L.A., já, inclusive, referida anteriormente.⁵⁷ As doações vindas de Pedro Genoud sempre figuram entre as maiores e mais constantes. Uma das mais pródigas somou 406 volumes, dentre os quais 232 obras da coleção da *Bibliothèque Nationale* e 174 de

⁵⁶ Vide anexo nº3

⁵⁷ Vide anexo nº 2

obras diversas. Como fiz anotar, por sua cortês atenção ao Centro, Genoud foi eleito sócio benemérito da instituição.

Nas doações vindas dos próprios sócios, Coelho Netto figura com destaque, foi doador de mais de 130 volumes, 36 desses referindo-se a obras literárias. Há, entre esses títulos, a doação de um autógrafo de Leopoldo Miguez, de quem o escritor era admirador. Compositor do Hino da Proclamação da República, Miguez tinha o apreço dos republicanos. A propósito, sempre houve entre eles a intenção de que a composição se tornasse o Hino Nacional Brasileiro, aspiração que não foi adiante por ter esbarrado na negativa do Marechal Deodoro.

Embora mais empenhado em contribuir mais para a estrutura da Instituição, César Bierrenbach também figura entre os enriquecedores do acervo. De sua oferta provém, por exemplo, um *fac-símile* da *Declaração da Independência dos Estados Unidos* (1736) e mais de 30 obras diversas. Ressalte-se, entre todos os sócios, José de Campos Novaes, com mais de 140 títulos ofertados e várias coleções completas de revistas como *American Review*, *La scena illustrata*, *L'Art du Théâtre*.⁵⁸

Há também, no acervo da César Bierrenbach, o registro de importantes contribuições do poder público, sobretudo no que diz respeito a inúmeros documentos oficiais encaminhados por órgãos oficiais como ministérios e secretarias do governo. A frequência das doações nos leva a acreditar que, na administração de Campos Salles, essa relação esteve quase que como regra. O próprio Presidente ofereceu documentos e mapas sobre a questão da Guiana Francesa que, juntos, compõem um total de 153 volumes.⁵⁹ Também há, por intermédio de Campos Salles, a doação do projeto do *Código Civil*, perfazendo 8 volumes. Outra oferta de valor foi a coleção completa da obra de Carl Friedrich Phillip von Martius, a *Flora Brasiliensis*, em 18 volumes e que foi enviada pela Secretaria da Viação da União, por ordem de Campos Salles.⁶⁰ A coleção é uma das mais significativas contribuições no mapeamento da flora brasileira. Nesse aspecto, a importância histórico-documental do C.C.L.A. e da Biblioteca Cesar Bierrenbach se afirma

⁵⁸ Anexo nº 2

⁵⁹ Anexo nº2

⁶⁰ Anexo nº 2

graças a essas contribuições que, não por acaso, foram realizadas pelos colaboradores da Instituição.

Os documentos oficiais doados pelos Ministérios do Governo ao longo desse período chegam a quase uma centena de relatórios, havendo ainda registros relacionados às Secretarias do Estado de São Paulo e do Arquivo Público de São Paulo.⁶¹ O próprio diretor do Arquivo Público de São Paulo, A. de Toledo Piza, sócio correspondente do C.C.L.A., encarregou-se da oferta de mais 200 documentos daquela instituição. Entre essas doações, uma, em especial, causou polêmica e algum debate acirrado nas reuniões do C.C.L.A.: o documento, referente ao volume XI dos *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo* de 27 de maio de 1774, contradizendo a versão oficial da fundação da cidade de Campinas, a Villa de São Carlos.

Na versão oficial consta que Barreto Leme foi o fundador da Villa de São Carlos, e, também, como doador das terras que deram origem à cidade. Porém, os anexos dos *Documentos Interessantes (...)* lança uma contradita em relação à questão das terras doadas. Segundo apontam, as terras onde se localizava a Villa de São Carlos, na verdade, haviam sido cedidas pelo então governador, Dom Antonio de Souza Botelho Mouram, retirando assim a Barreto Leme, de venerável memória em Campinas, a honraria de pioneiro do município.

Como era de se esperar, o assunto resultou em várias reuniões dos sócios, visando a superação da querela. Evidentemente enérgico, quando não incendiários, os debates não chegaram a conclusões efetivas, a não ser a cisão entre os sócios que acreditavam na veracidade do documento apresentado e aqueles que preferiam a versão oficial. Estrategicamente, a Associação preferiu não levar adiante a discussão, desestimulando a possibilidade de desavenças não somente internas como paralelas. Como a administração local apoiava a Instituição permanentemente, certamente não seria de bom tino alimentar questões que pudessem arranhar as tradições da cidade.

⁶¹ Anexo nº 2

Capítulo IV

1.1. Considerações Finais.

A fundação do Centro de Ciências, Letras e Artes se configurou como um espaço de difusão das ciências e das artes na cidade de Campinas, calcado, principalmente, no ideário republicano e positivista na primeira fase da República no Brasil. O panorama nacional contribuiu em grande medida para sua fundação, uma vez que Campinas, aos poucos, tornara-se uma espécie de centro tecnológico do país.

O ideário republicano de inspiração positivista baseava-se nos princípios de liberdade de direitos dos homens, entretanto, há que se ressaltar que esse ideal referia-se às liberdades do direito à propriedade, de ir e vir, de opinião e religião (CARVALHO, 2008). Esses postulados atendiam as demandas do homem privado e de uma sociedade, ainda herdeira de tradições monarquistas, porém conduzida pela ordem republicana. A implementação de outro regime político abria uma nova perspectiva para a sociedade no sentido de promover o progresso e garantir as liberdades individuais. Dessa forma, o Estado se fortalece na medida em que administra e intervém para preservar as iniciativas privadas que, em última instância, são os interesses particulares. As inspirações positivistas serviam como suportes para a implantação da República na medida em que colocam as ciências como força motriz do desenvolvimento e do progresso — cabe lembrar que os republicanos postulavam a educação e as ciências como áreas essenciais para o progresso da Nação.

Em Campinas o progresso foi baseado nessas duas vertentes: a educação e o desenvolvimento das ciências. As escolas com ensino de excelência que a cidade mantinha foram um dos principais elementos para a almejada modernidade, além disso, havia a Estação Agrônômica que figurava como grande centro de estudos na área da agricultura. A fundação do C.C.L.A. aconteceu nessa esteira de transformações, respaldado pela intelectualidade local que se mobilizou para que a instituição se fortalecesse como um centro das ciências e cultura. Os barões do café, industriais, profissionais liberais, prósperos comerciantes da cidade e professores do *Gymnásio de Campinas* compunham o grupo fundador da associação e conseguiram significativa participação de intelectuais, políticos e

pesquisadores importantes no cenário nacional. Entre os sócios correspondentes figuravam nomes como Euclides da Cunha, o naturalista Barbosa Rodrigues, Machado de Assis, Olavo Bilac, o fundador da Estação Agronômica L. Daefert, o médico Nina Rodrigues, pesquisadores como Orville Derby, Benedito Calixto e Theodoro Sampaio, H. Ilhering, fundador da *Revista do Museu Paulista* etc.

Passado o grande entusiasmo que marcaram os primeiros anos do C.C.L.A. com grandes eventos e celebrações — como os festejos da visita de Santos Dumont, lançamento da pedra fundamental do monumento à Carlos Gomes, festejos de comemoração ao centenário do nascimento de Victor Hugo etc. — a rotina e os eventos acomodaram-se ao círculo de acontecimentos local, mas sem deixar de valorizar os princípios republicanos que nortearam a sua fundação. Nesse sentido, devemos lembrar-nos de Michel de Certeau (1987) e sua concepção de “ciência prática do singular”, observando uma trajetória de um grupo que aos poucos assume representações e sentidos próprios num movimento de ressignificação dos valores dominantes cultivados por esse conjunto de pessoas. O propósito inicial de projetar o Centro como uma associação de importância no cenário nacional acaba por sucumbir aos apelos da vida cotidiana local: cede lugar ao direcionamento de suas atividades ao círculo da intelectualidade e elite local. Com o passar do tempo a associação privilegiou as comemorações e festas para a sociedade campinense, principalmente, a elite local com o intuito de incentivar a participação de senhores e senhoras da sociedade que não eram fervorosos apreciadores da discussão científica. De fato, nos últimos anos do primeiro decênio da *Revista do Cento de Ciências, Letras e Artes* observamos a rarefação na publicação das teses científicas e o aumento de textos literários e artísticos.

O propósito inicial da formação da Biblioteca Cesar Bierrenbach foi de reunir os saberes fundamentais das ciências como forma de ilustração dos sócios do C.C.L.A.. A reunião do acervo constituiu-se, essencialmente, de doações de sócios efetivos e correspondentes, além de admiradores e colaboradores da Instituição. Em pouco tempo o acervo tornou-se expressivo tanto pelo número de volumes reunidos como pela variedade de títulos de revistas e jornais. Nesse sentido, a biblioteca supõe um “lugar de memória” (NORA, 1993) onde se reúnem todos os saberes que o homem produziu.

Entretanto, é preciso refletir sobre o momento no qual o Brasil vivia após a proclamação da República. Havia um grande empenho entre os republicanos em redirecionar os rumos da nação, implementando reformas políticas e sociais que sedimentassem as diretrizes do novo regime. No plano mais subjetivo, houve, igualmente, esforços no sentido de materializar os valores republicanos criando símbolos que identificariam o movimento de proclamação da República. Os heróis da República como o Marechal Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant e José Bonifácio incorporavam e materializavam os princípios republicanos. Esse ideário deveria ser, em larga escala, difundido entre a população para o sucesso da implantação da República. Segundo José M. Carvalho, em *A formação das almas*, o processo de sedimentação do novo regime realizou-se através da edificação de novos heróis e símbolos que incorporassem os ideais republicanos.

Heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São por isso instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico.. (CARVALHO, 1990, p. 55)

Segundo o autor, durante os primeiros anos da República, o inconfidente Tiradentes também surge como um ícone do heroísmo dos novos tempos. A mitificação em torno da figura de Tiradentes atendia às demandas de legitimação do governo republicano, muito mais que o proclamador da República Marechal Deodoro. Tiradentes simbolizava o mártir que se sacrificou por uma causa libertária, mesclada de um heroísmo em nome da liberdade e uma mitificação religiosa na medida em que, como Jesus Cristo, assumiu a culpa e perdoou seu carrasco. Essa mitificação de Tiradentes foi um dos elementos essenciais para compor um ideário, no plano mais subjetivo, da nova República: “Tiradentes era sinônimo de radicalismo republicano. Como tal, sua figura opunha-se com força ao símbolo monárquico representado na estátua de Pedro I e se aproximava do florianismo.” (CARVALHO, 1990, p. 69).

Observando esses movimentos dos primeiros anos da República, não se pode deixar de refletir sobre o momento de transformações pelo qual a sociedade brasileira atravessava. A circulação de idéias que compunham o ideário republicano percorria um itinerário de simbologias criadas, ou melhor, fabricadas que objetivavam criar uma identificação da população com o republicanismo.

Acerca desse aspecto, devemos refletir sobre a construção de lugar de memória que o C.C.L.A. esforçou-se para realização, principalmente, na Biblioteca Cesar Bierrenbach e, da mesma forma, no Museu Carlos Gomes, inicialmente denominado Arquivo Carlos Gomes. Qual seria a memória a ser preservada, segundo os ideais republicanos? Na Biblioteca Cesar Bierrenbach quais os saberes que deveriam ser reunidos para compor um lugar de memória dos republicanos da cidade de Campinas?

Entre as doações que a Biblioteca Cesar Bierrenbach recebeu nos primeiros anos da associação encontramos documentos e relatórios oficiais da administração de Campos Salles e Secretarias do Governo Federal. Podemos supor, de imediato, uma disposição para reunir acervo que compunha uma memória oficial do governo Campos Salles. No acervo encontramos documentos e relatórios oficiais que foram doados pelo diretor do Arquivo Público de São Paulo, Toledo Piza, que, igualmente, compartilhava do círculo republicano paulista. Podemos questionar se haveria uma disposição de localizar no C.C.L.A., um lugar de memória dos republicanos? São questões que merecem uma atenção maior na medida em que podemos observar mais detidamente os documentos reunidos no acervo da Biblioteca Cesar Bierrenbach e, talvez, questionar acerca das razões que motivaram as doações dessa natureza. Não se pode deixar de observar que, hoje, essas coleções de documentos, revistas e obras que vieram de instituições públicas como Secretarias do Governo, Arquivos Públicos formam uma fonte documental importante, que merece atenção e cuidado na preservação e disponibilidade para comunidade e, também, para a comunidade científica.

De outro lado, as doações de sócios e colaboradores da Instituição para o acervo da Biblioteca, que foram inúmeras, são, na verdade, a principal fonte de formação de seu acervo. Entre elas existem aquelas que representam uma forma de agradecimento ao C.C.L.A. pelo convite feito para participar da associação, na grande maioria, são de sócios

correspondentes. Outras vieram de sócios efetivos que desejavam enriquecer a coleção. Não se pode deixar de anotar que essas ofertas, em boa parte, proporcionaram uma rica coleção de obras impressas para a Biblioteca, embora essa prática não obedecesse a critérios específicos estabelecidos pela instituição. Na realidade o que se observa é que essas doações foram feitas segundo critérios particulares e variados.

A prática de doação para o acervo das bibliotecas não é recente, muito pelo contrário. Como podemos observar, desde o Brasil Colonial, esta foi a principal fonte de constituição de coleções das bibliotecas. O sentido que permeia essa prática estaria voltado para uma consagração e preservação de uma memória que, a princípio, estabelece uma memória considerada oficial. Contudo, devemos observar que as várias coleções doadas para a Biblioteca Cesar Bierrenbach, muitas vezes, faziam parte de bibliotecas particulares, o que denota a preservação, igualmente, dessas memórias particulares. Numa observação informal, podemos encontrar a materialidade dessas memórias nas anotações deixadas nas margens das páginas do livro, nas dedicatórias e mesmo nos objetos e manipulações de toda sorte – recorte, desenhos, traços etc. – que foram incorporados ao livro.

Pensando na proposição sobre o que representaria uma biblioteca, em seu sentido mais geral, como um lugar de memória e ao mesmo tempo, na especificidade de uma biblioteca como a Cesar Bierrenbach, não seria temerário dizer que acervos dessa natureza podem ajudar a compor um testemunho da história da cidade de Campinas, assim como, da história da circulação de livros e de letramento. Seria oportuno lembrar, novamente, Michel de Certeau (1987), no sentido de observar a cultura dominante que se impõe para todos e que se transforma nas “táticas astutas” de um grupo de pessoas de uma associação como o C.C.L.A..

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Sergio. *Aprendizes do poder. O Bacharelismo liberal na política brasileira*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988
- AMARAL, Leopoldo. *A cidade de Campinas em 1900*. Campinas: Typographia a vapor, Casa do Livro Azul, 1899.
- ANDRADE, Mario de. Bibliotecas Populares. *In: Revista do Livro – Órgão do Instituto Nacional do Livro*. Ministério da Educação e Cultura, nº 5, ano II, março de 1957.
- BARATIN, Marc; JACOB, Christian (dir.), *O Poder das Bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- BARRETO, Paulo S., *O caracol e o caramujo: artistas & Cia na cidade*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do Capitalismo (Obras escolhidas; v. 3)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- BRESCIANI, Maria Stella. Liberalismo: ideologia e controle social (Um estudo sobre São Paulo de 1850 a 1920). Dissertação de Doutorado. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, 1976.
- _____; NAXARA (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- BORGES, Jorge Luís. A biblioteca de Babel. *In: Obras Completas, Volume 1*. São Paulo: Editora Globo, 2000.
- BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CAMPOS SALLES, Manoel F. de. “A instrução pública em Campinas”. *In: LISBOA, Jose Maria (org.). Almanack de Campinas para o ano de 1871*. Campinas: Typografia da Gazeta de Campinas, 1870.

- _____. Discurso de inauguração do Colégio Culto à Ciência (1874). In: PAULA, Carlos Francisco de. *Monografia Histórica do Colégio Culto à Ciência*. Campinas: 1946.
- CARDOSO, Sergio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto (org). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CARVALHO, Jose M. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- CERTEAU, Michel de. *A Cultura no plural*. Campinas: Editora Papirus, 1995.
- _____, *A invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996
- _____, *A Invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.
- _____, *A ordem dos livros: entre leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII*. Brasília DF: Editora da UnB, 1994.
- COELHO NETTO, H. M.de. *A Conquista*. Porto: Léo & Irmão Editores, 1921.
- COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1942.
- COSTA, Marisa Vorraber. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*, Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CURTIUS, Ernest. *Literatura Europea Y Edad Media Latina*. México, Argentina, Brasil: Fondo de Cultura Economica, 1984.
- FAUSTO, Boris (dir.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil, Tomo III, 1º volume, 1989.
- GALZERANI, Maria Carolina Bovério. *O almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880*. Dissertação de Doutorado,

Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

GOMES, Denise Pedroso. *O Departamento Municipal de Cultura de São Paulo (1935-1938): políticas de criação de bibliotecas e democratização da leitura*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica (São Paulo), 2008.

GOULEMONT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (dir.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2ª edição, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Editor Vértice, 1990.

JACOB, CHRISTIAN, Ler para escrever, In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (dir.), *O Poder das Bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

LAPA, Jose R. do Amaral. *A cidade: os cantos e os antros: Campinas 1850-1900*. São Paulo/Campinas: EDUSP/Editora da Unicamp, 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
 _____; CHARTIER, Roger; REVELL, Jacques (dir). *A Nova História*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 4ª edição, 1988.

MARTINS, Ana Luiza. *Gabinete de Leitura da Província de São Paulo: a pluralidade de um espaço esquecido (1847-1890)*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, 1990.

_____. *Revista em Revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Editora Ática, 3ª edição, 2002.

MAZZOLA, G. O. BORGES, L. C. R. *Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas – C.C.L.A. ano 101*. Campinas: Editora Komed, 2002.

- MORAES, Rubens Borba de. *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.
- MATOS, Olgária. *Reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2006.
- NORA, Pierre. Entre História e Memória: a problemática dos lugares. *In: Projeto História, Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, nº 10, dezembro de 1993.
- REIS, Jose Carlos. *Annales: a renovação da história*. Ouro Preto: Editora da Universidade Federal de Ouro Preto, 1996.
- RÉVAH, Israel S. Humanismo (verbetes). *In: PRADO COELHO, Jacinto (org.). Dicionário de Literatura*. Porto: Figueirinhas, 1976.
- SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, Jose C.; SANFELICE, Jose Luis (orgs.). *Historia e História da Educação – o debate teórico-metodológico atual*. Campinas: Editora Autores Associados, Coleção Educação Contemporânea, 2000.
- SCHWARCZ, Lilia M.; AZEVEDO, Paulo C.; COSTA, Ângela M. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: Língua, Instrução e Leitura. *In: SOUZA, Laura de Mello (org.) e NOVAIS, Fernando A. (dir.), História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SITES

<http://www.bl.uk>, acesso em 12/01/2011, às 15hs.

<http://www.bnf.fr>, acesso em 12/01/2011, às 14hs.

<http://www.vaticanlibrary.va>, acesso em 11/01/2011, às 10hs.

OUTRAS FONTES

ATAS DAS REUNIÕES do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas,
1901-1906.

Jornal Cidade de Campinas. Campinas: novembro de 1901.

LISBOA, Jose Maria (org.). *Almanack de Campinas para ao ano de 1871*.
Campinas: Typografia da Gazeta de Campinas, 1870.

PAULA, Carlos Francisco de. *Monografia Histórica do Colégio Culto à
Ciência*. Campinas: 1946.

PRADO, Cid. A Eloquência de Cesar Bierrenbach. *Conferência realizada no
Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, em 2 de julho de 1944.

RELATÓRIO ANUAL DE ATIVIDADES do Centro de Ciências, Letras e
Artes de Capinas, 1902-1906.

Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, Campinas 1902-
1908.

ANEXOS

ANEXO Nº 1**DONATIVOS PARA A SALA DE LEITURA E MUSEU**

A. B. de Castro Mendes – encadernações de 4 revistas européias.

A. Norfini – 1 escudo

_____ 1 quadro *Archeologia*

Abilio de Gouveia – 1 quadro de Alexandre Herculano

Aurelio de Figueiredo – 1 quadro *A Pensativa*

Edmundo Krug – 1 pele de giboia.

Estevam Leão Borroul – gravuras de Corrêa de Mello e outros.

_____ original inédito: homenagem que faz ao Capitão Mor João
Francisco de Andrade pela Villa de São Carlos, 1804.

Eduardo Nogueira – collecção de pedras apanhadas em Caldas.

Francisco de Assis Vieira Bueno – 1 mapa mural

_____ 1 globo com a peanha.

Francisco Bueno de Miranda – collecção de lepidopteros e
coleopteros.

Frederico Löbe – 2 quadros: *A Arte e Duque de Caxias*

Gustavo d’Utra – trigo do Egipto cultivado no Instituto Agronômico.

Henrique de Barcellos – exemplar do jornal Imprensa Fluminense de
13 de maio de 1888.

Henrique M Coelho Netto – 1 autógrafo de Leopoldo Miguez.

_____ 1 juramento prestado em 1809 (?)

Instituto Agronomico – 71 specimens de café classificados.

Joao Candido Ferreira – ovos de coruja, exemplares diversos para o
museo.

João Cesar Bueno Bierrenbach – lavas do Vesúvio

_____ fac-símile da declaração da Independência dos Estados
Unidos, 1776.

João Merz – 2 pelles de onça.

José de Campos Novaes – specimens de papel inimitável e do processo de pulvographia de Hercules Florence.

José de Souza Brito – 1 estante.

Lothario Novaes – 1 bromeliacea.

Luis Bueno Miranda – specimens para o museo e 1 arcabuz antigo.

Manoel Ferraz de Campos Salles – álbum oferecido ao Presidente pela comissão bolivio-brasileira demarcadora da nascente do Javary, contendo fotos e rica pasta marroquim.

Mauro Teixeira – café maragogype

_____ 20 animaes em álcool.

Paulo Munis – a tribuna que pertenceu ao Gremmio Commercial.

Pedro Genoud – 1 mapa da América do Sul.

Sampaio Peixoto – 1 quadro de Victor Hugo

Raphael Duarte – 1 S. Café

_____ 4 cinzeiros

ANEXO Nº 2

DONATIVOS PARA A BIBLIOTECA

(1903 a 1907)

A de Carvalho – Kolekto Esperanta-Aprobita, de Dr Zamenhof.

_____ *Vocabuleire Français-Esperanto*, par Th Cart.

A Gazeau – 20 vols.

A Toledo Piza (diretor do Archivo Público SP) – 216 vols.

Abelardo Pompeo – 18 vols.

_____ 41 vols. sobre agricultura

Abilio Alvaro Miller – Les Nouvelles Illustrée, n.º 1 a 95

_____ *Natura ed Arte*, n.º 23 e 24, anno XII, n.º 5,11,14,19,20,23 e
24._____ *Mercure de France*, n.º 169 a 204.

_____ 9 vols. de obras diversas.

Adolpho Botelho de Abreu Sampaio – Documentos interessantes para a História
e Costumes de S. Paulo, 7 vols.

_____ 41 vols. obras diversas

Adriano Nicacio – 1 vol.

Alberto Nepomuceno (RJ) – *Duas Canções*, 1 exemplar_____ *Duas poesias de Luiz Guimarães Filho*, 1 exemplar_____ *Duas poesias de C. Magalhães de Azevedo*, 1 exemplar_____ *Trovas*, 1 exemplarAlfredo de Toledo – *O Capitão Torquato de Toledo*

Alfredo Pery – Pan-americanismo, de Arthur Orlando

_____ Projecto do Código Civil Brasileiro

_____ *Gazeta Jurídica*, n.º 4, 1906_____ *Revista do Direito*, n.º 1,2 e 3, 1906_____ *Antigo Vernáculo*, de Silvio de Almeida.

- _____ *Paginas Esquecidas*, de Alvaro Guerra.
- Augusto Heiner – *Guerra Plantarum*, Carolli V. Linne, edição de 1764.
- _____ *Mechanica e Geometria*, 2 vols.
- Anesio Azambuja & Cia – *Genealogia de Manoel Ferraz de Campos Salles*.
- Angelo Simões – 3 vols.
- Annibal Vieira Bueno – 7 vols.
- Antônio Borges de Sampaio – 1 almanack;
- _____ *Juizo da imprensa de Uberaba sobre a cultura da Boa Esperança*;
- _____ 1 relatório
- Antônio Barbosa do Amaral – *A Escravidão*
- _____ *Travail et Liberté*
- Antônio José Pereira – *O Pátria*, polyantés em homenagem à officialidade da
canhoeira Pátria, quando esteve em Campinas
- Antonio Medeiros – coleção do *Jornal dos Agricultores*
- Armando Grell – *John Bull's Daughters*, Max Orell.
- _____ *Theatre complet par Alexandre Dumas*.
- _____ *Von Wegesrande von G. Nissen*
- _____ *Arte nova para conservar a vista*, Dr J. H. R. Parise.
- Arthur F. Guimarães – 1 almanack
- Arthur Teixeira de Camargo – 43 vols. de Victor Hugo;
- _____ 1 coleção de *Revue deux Mondes*
(continuação Anexo nº 2)
- Arthur Teixeira de Camargo - 1 coleção de *Novelle Revue*.
- B. Portier – *Carté Diabolque*, n.º 8, 2 fasc.
- Barão de Studart – 2 vols.
- Barão de S. Joaquim (Paris) – *Vida Parlamentar*, A Pereira Rebouças
- _____ *As considerações sobre o presente e o futuro de Portugal*, D.
G. Nogueira Soares.
- _____ *Chimica Agricola*, J. Ignácio Ferreira Lapa.

- _____ *D. Pedro II – Empereur du Brésil*, B. Moussée.
- _____ Relatório acerca de alguns estabelecimentos de Beneficência
- _____ Noticesur la vie et les oeuvres de M. Ambroise Thomas par
M. le C. , de Henri de la Borde.
- Benedicto Octavio – 6 vols. de obras diversas.
- Bento Cunha – *La seconde Femme*, E Marlitt, 2 vols.
- Biblioteca Pública Pelotense - Annaes da Biblioteca Pública Pelotense, 1905
- Brasilio Machado – 1 vol.
- Câmara Municipal de Campinas – Leis, resoluções e provimentos promulgados
durante o ano de 1905.
- Câmara Municipal de Porto Feliz – Breves considerações sobre o Ramal de
Porto Feliz.
- Camilo Vanzolini – *Il Chiroteri trovati finora in Liguria*, Giacomo Doria.
- Candido Ferreira S de Camargo – 17 vols.
- _____ *Alice*, Dna Luiza F de Camargo Pacheco.
- Candido Gomide – 2 vols.
- Carlos Nürck – 1 exemplar de Julino Kart
- Carlos Stevenson – *The History of Freemasonry*, 4 vols. endacernados
- Casa Garroux – 58 vols.
- Casa Laemmert – 8 vols.
- Chateaubriand de Mello – 2 vols.
- Comissão Geográfica e Geológica de S. Paulo – Ensaio para uma synonymia
dos nomes populares das plantas indígenas do Estado de São Paulo,
Gustavo Edwall.
- _____ Dados climatológicos , boletim n.º 18
- _____ Dados climatológicos de 1903.
- _____ *Exploração dos rios Feio e Aguapehy*.
- _____ Serviços Meteorológicos, boletim n.º 20.
- _____ *Exploração do Rio Tietê*.
- _____ Serviços Meteorológicos, boletim n.º 21.

- Companhia Typographica Brasileira – 1 almanack
 Daefert – 4 fasc.
 Deoclecio de Lemos – 24 vols. de obras e revistas diversas.
 Domingos Luiz Netto (Paris) – 71 vols. de obras diversas encadernadas.
 Domingos Paulino – *Almanacco del Fanfulla*, de 1906.
 _____ *Almanacco del Fanfulla*, 1907
 Ed Wagner – 1 vol.
 Edmundo Krug – 1 vol.
 Eduardo Ferreira Cardozo – Discours prononcé par M. de Piza a S.E.M. le
 Général Roca.
 Eduardo Gonçalves & Cia – coleção da Revista Ilustração Brasileira
 Eduardo Lisboa – fasc. Da Sociedade de Geographia e Officina de La Paz
 Elisiário Alvaro Filho – 16 vols. didáticos
 Empresa Telephonica Campineira – Relatório da empresa.
 Ernesto Luiz de Oliveira – *La machine animale*, de E J Marey
 _____ *La Synthese Chimique*, M Berthelot.
 _____ *La Theorie Athomique*, A Wurtz
 _____ *Astronomie Spherique*, Ossian Bonnet.
 Estanislau Barbosa – 1 vol.
 Estevam Bourroul – 1 vol.
 Everardo V. Pereira de Souza – 26 vols. sobre agricultura.
 Eurico Bellasalma – *Il Faro*, n.º 3 e 4, 1907.
 F. Cardona – coleção de jornais rio-grandense do sul.
 Floriano de Campos – vários exemplares de revistas.
 Floriano de Campos Filho – 1 vol.
 _____ *Genealogia Paulista*, 4 vols.
 Francisco de A Vieira Bueno – coleção 89 vols.
 _____ Dictionary of the English Language, N. Webster
 _____ O Corsário, poema de Lord Byron, versão do Barão de
 Paranapiacaba

- Francisco J. Motta – Uma folhinha para 1906.
- Francisco Ferreira Passos – *O Rio de Janeiro*
- Francisco Homem de Mello – *Storia della Arte Christiana nei primi otto secoli della chiesa*, P. Raffeli Garrucci, 6 vols.
- Gabriel de Piza – Revue Scientifique, ano 1903
 _____ Revue Occidentale, ano 1903
- Giácomo Doria (marquez) (Genova) - 34 obras diversas.
 _____ Ter lettere autografe di Cristoforo Colombo, conservate nel Palazzo Municipale di Genova.
 _____ Catalogo delle Opere componenti la Raccolta Colombiana della Civica Biblioteca Berio di Genova.
- Giuseppe Gramegna – *Suonetti Eterni*.
- Godofredo Geiser – uma folhinha para 1906
- Godofredo de Pádua e Castro – revistas e obras, 10 vols.:
 _____ Natura ed Arte
 _____ Revue Universelle Illustrée
 _____ Les Anales politique et Literaires
 _____ Munde Moderne
 _____ Lecture pour tous
 _____ Romanan Romanesque
- Governo do Estado do Maranhão – 1 mensagem, “O estado do Maranhão em 1896”
 _____ Leis, pareceres do Congresso do Estado
 _____ Regulamentos e decizões do Estado, 25 fascículos.
- Guilherme Roterberg Filho – Hortus Fluminense, de J. Barboza Rodriguez.
- Gustavo Adolpho e Castro – coleção do Jornal dos Agricultores
 _____ 20 relatórios da Companhia Mogyana, 1883-1893
 _____ *Mont’Alverne*, 1 vol.
- Gustavo D’Utra – 7 fasc.
 _____ *Fenação e Ensilhagem do milho*. Emilio Castello Junior.

H. de Carvalho – *Résistance des materiaux*.

Heitor de Carvalho – Curso de *Geografia*, Alfredo Casson

_____ *Cornelii Nepotis Ópera*.

(continuação Anexo nº 2)

Henrique de Barcellos – 9 vols.

_____ coleção do jornal abolicionista, A Redenção

_____ 2 exemplares do jornal A Liberdade.

Henrique Maximiliano de Coelho Netto – 103 vols.

_____ 36 vols. de literatura.

Hildebrando de A Pontes – Revista Jesus Christo, n.º 1.

Intendência Municipal de Campinas – *Chronologia Paulista*, leis e relatórios.

Isolino de Andrade – *Anno Christão*, padre Croisiet, 1796 a 1826, 18 vols.
encadern.

J F da Silveira Bulcão – folhetos diversos.

J L de Castro Dias – 38 vols.

Jambeiro Costa – 207 vols. da coleção de Victor Hugo, brasileira.

João Cesar B. Bierrenbach – *O Dr Rodrigues Alves - seu governo*

_____ Catálogo da Exposição de História Natural do Brasil na
Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 3 vols.

_____ 30 vols

João E S Aranha – coleção do Anuário científico de Figuier de 1857-1880, 23
vols.

João Martins – The New Brasil, 1 vol.

João Nogueira Ferraz Filho – 3 vols.

João de S. Campos Júnior – Revista da Semana, n.º 356.

_____ O Malho, n.º 234.

João von Atzinger – 1 vol.

Joaquim Alves Pereira da Silva – História da fundação do Império.

Joaquim José de Carvalho – *A vida e Dissertatio circa animae naturam*,
Lindolpho Esteves, publicadas e comentada por J J de Carvalho.

Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva – *Dr Vicente Machado e Defeza do coronel João Francisco de Pereira de Souza*

_____ *Curytiba, Histórico da sub fundação*, Romario Martins

_____ *Ação originária de reivindicação do Paraná.*, 1 vol.

_____ *O que é o Paraná*, Monteiro Martins.

_____ *Estudo sobre a constituição geológica do município de Curityba*, de Benedicto J. dos Santos.

Joaquim Murtinho – 2 relatórios do Ministério da Fazenda federal de 1901.

Jorge de Miranda – 5 vols.

José de Campos Novaes – 20 vols

_____ *Assinaturas de revistas: L'Art du Théâtre*, junho/1902 a junho/1904

_____ *Deutsch Rundschau*, dez/1903 a dez/1904

_____ *La scena illustrata*, junho/1902 a junho/1904

_____ *Die Woche*, jan/1903 a jan/1904

_____ *Moderne Kunst*, junho/1902 a junho/1904

_____ *American Review*, junho/1902 a junho/1904

_____ *La Caricature*, junho/1902 a junho/1904

_____ 45 vols. de coleções e revistas – *Revista Nuova Antologia*.

_____ *Annaes do Parlamento Brasileiro, Câmara dos Deputados*, 1828

_____ 93 vols. de obras diversas.

_____ 21 vols. de obras diversas.

_____ 31 vols. de obras diversas.

José Luiz Gonçalves d'Oliveira – 5 vols. de obras diversas.

José de Souza Brito – 3 vols.

(continuação Anexo nº 2)

Jose de Souza Brito - *Os Mosquitos do Pará*

_____ 51 vols. de obras e revistas médicas

_____ *Álbum Imperial*, 3 vols.

_____ Guida Ufficiale da Esposizione di Milano.

_____ *Almanack Laemmert*, 1901-1902, volume cartonado.

_____ *Pindorama*, de Xavier Marques.

_____ 35 vols. de obras diversas.

_____ *Exploração dos Rios Feio e Aguapehy*

_____ *Exploração do Rio Tietê*.

_____ Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, 7 números.

José Ignacio Garmendia (general) (B. Aires) – Recensement general de la ville de Buenos Ayres.

_____ Catálogo da Bibliotheca do Museo Mitre.

José Teixeira Nogueira – 2 vols.

Josino de Salles – 6 almanacks

Julio de Mello – 20 almanacks diversos

L. Giovanetti – *La figlia de Jorio*

Leopoldo de Freitas – 25 vols. diversos.

Liga Paulista de Prophylaxia Moral e Sanitária (SP) – *Alcoolismo e Siphilis*, Claudio de Souza e Bueno de Miranda.

Livraria Garnier (RJ) – Almanack Garnier, 1907, 1 exemplar cartonado.

Lothario Novaes – 10 vols.

_____ *A Felicidade*, de H P Eschich

Luiz A. de Lemos – *Christo é tudo*

Luiz A de Pontes Barboza – Les martyrs du mariage, E. Richebourg

Luiz Rosa – coleção Revista Brasileira

M. Otto e R Neumann (Hamburgo) – *Estudo sobre a febre amarella no Brasil*, trabalho tropical de Hamburgo.

Manoel de Assis Vieira Bueno – 37 vols. e relatórios

- _____ coleção do Diário Oficial da União, 1903-1904.
 _____ 406 vols. de obras diversas (doação da família)
- Manoel Ferraz de Campos Salles – coleção do Instituto Histórico do RJ
 _____ Memórias e mapas sobre a questão da Guiana Franceza, 153 vols.
- _____ Projecto do Código Civil, 8 vols.
 _____ Annaes da Bibliotheca e Archivo Público do Pará, 5 vols.
- Marino Motta – *Don Quichote de la Mancha*, Miguel de Cervantes Saavedra, 2 vols. encadernados.
- _____ *Amor de Perdição*, Camilo Castelo Branco, volume encadernado.
- Martim Francisco – exemplares da Revue Scientifique
 Martinho L. de Mesquita – *Imitação de Christo*, Thomas Kempis.
 Ministério da Fazenda da União – relatórios, 9 vols.
 Ministério da Guerra da União – relatórios, 10 vols.
 Ministério da Industria, Viação e Obras Públicas – relatório, 10 vols.
 Ministério da Justiça e do Interior da União – relatórios, 12 vols.
 Ministério da Marinha – relatórios, 13 vols.
 Ministério das Relações Exteriores – relatórios, 15 vols.

(continuação Anexo nº 2)

- Ministério del Colonizacion y Agricultura – Estudios sobre la climatologia de La Paz, Vistor E Marchand
 Moisés Montt – obras chilenas, 27 vols.
 Museu Goeldi de História Natural e Etnographia (Para) – Relação das publicações científicas feitas pelo Museu, durante 1894 a 1904
 _____ *Chelonios do Brasil*, Emilio Goeldi
 _____ um folheto sobre as vespidas sociaes do Para, Adolpho Ducke, 1º suplemento.

- Museo Nacional de Buenos Ayres – Annaes do Museo Nacional
- Museo Nacional de Montevideo (Uruguay) – Annaes do Museo Nacional, 1906.
- Museo Nacional (Rio de Janeiro) – Archivos do Museo Nacional, 15 vols.
- Nicolau Mascia – *La pêle mêle*, n.º 1 a 19, 12 année, Paris.
- _____ 4 exemplares de revistas diversas.
- Octacilio de Camargo – 1 vol.
- Octavio de Freitas – 1 vol.
- Octavio Mendonça – vários exemplares
- Octaviano Pereira Guimarães – 1 vol.
- Orozimbo Maia – *IL Brasile e glí italiani*.
- Paula Guimarães – Annaes da Câmara dos Deputados Federaes, 114 vols.
- Pedro Gazza – *Thelegrafe Marconi*, 1 vol.
- Pedro Genoud – 174 vols. diversos, 232 vols. da coleção da Bibliothéque Nationale
- Pedro Vanni – 16 revistas diversas.
- Plutarcho S. Cayubi – 1 vol.
- _____ 19 vols. de obras didáticas
- R P Castro – *El viejo*, de Marie Lionnet.
- Raul Amaral – 2 vols. sobre o Paraná.
- Real Academia de Ciências e Artes (Espanha) – Año Academico de 1906 e 1907.
- Redação do “Mercúrio” (Madrid) – *Comunicaciones Internacionales de España*, Jose Puigdollers y Maciá.
- Redação de “O Malho” – Portugal Contemporâneo, de A Forjaz
- _____ 2 exemplares de O Malho
- _____ 2 exemplares Tico-Tico
- _____ Leitura para Todos, 1 exemplar
- Repartição de Estatística e Archivo do Estado de São Paulo – Statistical and descriptive Statement-specially organized in homage of the Hon. Elihu

Root, Secretary of State and Foreign Affairs of the USA on visit to São Paulo.

Rodolpho Procopio – 1 folhinha de 1906

Sebastião Campos – 13 vols.

Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Públicas do Estado de S. Paulo –
Notas sobre as plantas exóticas introduzidas no Estado de S. Paulo, por
Alberto Löfgren.

Secretaria da Agricultura Paulista – 7 publicações

Secretaria da Viação da União (por ordem de Campos Salles) – exemplares da
Flora _____ Brasiliense de von Martius, 18 vols.

Secretaria do Interior da Bahia – 1 mensagem, 2 relatórios

Secretaria do Senado - coleção dos Anais do Senado, 56 vols.

Silio Boccanera – Revista Biographica da Bahia, n.º 4, 1905

Sociedade de Agricultura do Estado de S. Paulo – 27 vols. de obras diversas.

Sociedade Amiga dos Pobres – relatório, um exemplar
(continuação Anexo nº 2)

Sociedade Beneficente Mutua da Corporação dos Guardas da Alfândega
(Santos) – Estatutos da sociedade.

Sociedade Brasileira para Animação da Agricultura (Paris) – relatório da
Sociedade.

_____ *A questão caprina*, José Crepin.

_____ Relatório da Sociedade, 1905-1906.

Sociedade de Geografia de Lisboa – 46 vols. de obras diversas.

Sociedade Nacional de Agricultura – 29 fasc.

_____ 4 exemplares diversos.

_____ Projecto e Parecer sobre a criação do Ministério da
Agricultura I. e Commercio apresentado ao Congresso Nacional pelo Dep.
Ignácio Tosta.

_____ Projecto de organização da Cooperativa Nacional dos
Agricultores do Brasil.

Sociedade Nacional de Agricultura do Rio Janeiro – Exemplar dos Estatutos,
dos Regulamentos.

_____ *Quatro importantes leguminosas forrageiras fertilisadoras do
solo*

_____ *Cultura dos Campos*, volume encadernado.

_____ Annaes do Congresso Nacional de Agricultura, 1º vol., 1906.

Sven Nielsen – 3 vols.

T. Costa – *Limites do Paraná*, folheto

Theodor Alexander – *Melche praktische redentung*.

Thomaz Alves Filho – coleção de volumes de sciencias e litteratura.

Tobias Rabello – 40 vols. de revistas scientificas.

Torlogo O'Connor de C. Dauntre (comendador) – 77 vols. de obras diversas.

Visconde de San Valentim – 1 volume.

ANEXO Nº 3

OBRAS OFERECIDAS PELOS AUTORES

De 1902 a 1906

ACEVEDO, M Otero (Argentina) – *Lombroso y el Espiritualismo*_____ *Fakirismo y Ciencia*_____ *Los Fantasma, apuntes para la Psicologia del Porvenir*AGUIAR, Jose L. da Costa (bispo do Amazonas) – *Christu Muhença*
(Doutrina christã, cathecismo em língua indígena)ALMEIDA, Presciliana Duarte de – *Sombrasm um exemplar.*ALVES, Arlindo Roberto – *Milagres do Amor*AMARAL, Leopoldo – *A cidade de Campinas, almanack*AMBRUST, Gustavo – *Hydrotherapia nas moléstias agudas infecciosas, these*
inaugural.ANDRADE, Francisco de Campos – *João Ramalho, 1 vol*ARTAGÃO, Mario de – *Musica Sacra e Psalterios*BAYLINA, Ignácio R. – *Patologia de las enfermedades epilépticas y mentales*BALLIVAN, M N (La Paz) – *Sinopsis e Estadístico y geographia de la*
Republica de la Bolivia, tomo I e II._____ *Lecturas Agricolas*_____ *Memoria que presenta el Ministro de Colonias y Agricultura a*
la Legislatura ordinária em 1905_____ *Annexos a la Memoria que presenta el Ministro de Colonias y*
*Agriculturapresentado al Congresso Ordinário de 1905.*BARÃO DO RIO BRANCO - 6 vols. *Defeza dos territorios das Missões*BARRETO, Antonio de Barros – *A Historia da terra, conferencia*BEHRING, Francisco – *O Estado Maior e os serviços cartographicos do Estado*
de São Paulo, 1 fasc.

- _____ Modernos processos de levantamentos cartographicos, 1 fasc.
- BERNACCHI, Augusto – *Meios para debelar as crises no Brazil.*
- BEVILACQUE, Amelia de F. (PE) – *Aspectos* .
- BEVILACQUE, Clovis (PE) – Unidade de Direito Processual.
- BOAVENTURA, S. (visconde) (Portugal) – *Impressões Estheticas.*
- BIERRENBACH, Cesar B – Manifesto em favor da Independência de Cuba -
SP 1896.
- BOCAGE, Conselheiro Barbosa du – *Les antilopes d'Angola*
_____ Catálogo de suas publicações científicas
- BOCCANERA JR, Silio – 2 exemplares de composições dramáticas
_____ Theatro brasileiro letras e artes na Bahia – conferencia.
- BRITO, Alfredo – Discurso pronunciado na Faculdade de Medicina da Bahia no
atto da collação de grau aos doutorandos de 1906.
- BRITO, J. Souza – *Magnetismo animal* – monografia
- BUENO, Francisco de A Viera – *Evangelina* de Longfellow (tradução) e sua
auto-biografia
- BUSTO, A Rodriguez del (Cordoba) – Peligros Americanos, critica de Ciencia
Política
_____ Calor y Lenguaje
_____ Origenes y Desenvolvimento de la Especie Humana.
- BUSTO, A. Rodriguez Del - Apuntes para la Historia de la Legislacion, Carta
2ª - A los Señores Codificadores.
_____ El sistema del Gobierno dual del Argentina y su origenes
- CAMARA, Antonio Alves – *O manganêz no Estado da Bahia*
- CAMPOS, Sebastião – *Nuvens Errantes* (poesias)
- CARVALHO, Alfredo de – Notas Dominicais 1816-1817-1818 (traduzidas do
manuscripto frances, inéditas)
_____ *As phrases e palavras, problemas etnológicos*
- CARVALHO, Horácio de – *Navegação Aérea 1709-1901*

- CASTILHO, Francisco Fernandez del (Mexico) – concordancias entre los calendários Nahuhatl y Romanos.
- CASTRO, Julio Cesar – Rumores do silencio – A Expansão, palestras realizadas na Escola de Guerra.
- CALIXTO, Benedicto – algumas notas e informações sobre a situação dos Sambaquis de Itanhaem e de Santos.
- CELSO JR, Afonso – Poesias escolhidas
 _____ *Assassinato de Gentil de Castro*
 _____ Discurso na colação de grau da Faculdade livre.
- COELHO NETTO, H M – O Fogo, conferencia de 16/11/1905, no salão Steiuway, SP
 _____ A Água, conferencia de 11/11/1905, no Instituto Nacional de Música
 _____ *O Romanceiro*, 1 vol.
- COMISSÃO GEOGRAFICA E GEOLOGICA DE S. PAULO – Dados climatológicos (13 vols. de 1899 a 1901)
 _____ Boletins n.º 4,5,7,9 a 14 sobre fauna, flora e mineralogia paulista.
- COUTINHO, Jose Bonifácio de O – O phonógrafo e suas combinações nas relações juridicas
- CUNHA, Euclides da – *Os Sertões (campanha de Canudos)*
- CUNHA, Jose Zeferino da – Apontamentos para a história da revolução de 1835.
 _____ *O Rio Grande* – factos gloriosos do passado e formação do caráter do riograndense
- D'ASSUMPCÃO, Lino de – *Os Martyres*
- D'UTRA, Gustavo – *Coleção de Trabalhos Agrícolas*
 _____ *Relatório annual dos trabalhos agrícolas – 1893-94*
 _____ *Elementos de Agrologia*, fasc. I
 _____ *Cultura das plantas têxteis*, 3 fasc.

_____ Monographias agrícolas

_____ *Cultura do algodoeiro.*

_____ *Canhamo brasileiro.*

D'UTRA, Gustavo; HEMPEL, Adolpho – Praga de Gafanhotos.

DAEFERT - seus estudos da Imperial e Real estação de Agricultura e Chimica
de Vienna

DERBY, Orville – 10 mapas da Comissão Geológica do Estado

_____ A Serra do Espinhaço.

DIAS E ALVES - Guia de Campinas.

DRAENET, Frederico M. – O clima de Campinas. O clima de Parahyba, de
Minas Geraes, do Ceará, do Brasil, de Uberaba, de Juiz de Fora.
Observações meteorológicas, 12 fasc. _____ Apontamentos
sobre a cultura do dividivi.

_____ Práticas de estrumação. /Relatório do engenheiro fiscal do III
districto dos engenheiros centrais da Bahia.

_____ Viticultura e industrias agrícolas e relatório da difusão do
assucar, 6 vol. _____ Noções de Chimica Analítica, 2 vol..

_____ Noções de Phisica Experimental, 1 vol..

_____ *Catecismo de Agricultura pratica*, 2 vol.

DUARTE, Raphael – Campinas de out'ora (coisa de meu tempo), 2 vols., um
encadernado e um brochado.

FERRAZ, Bento – resposta ao folheto “Falsidade do Protestantismo”.

FERREIRA, Carlos – *Feituras e feições*

FIorentini, Alfredo (Itália) – *Servici di Polizia Veterinaria in Milano*

_____ *Sulla aumentata recettività dei bovini, etc.*

_____ *La tuberculose dei bovini, etc.*

FRANCISCO, Martim – *Pátria Morta?* – conferencia

FRANCO, Anália E – A filha do artista

_____ *Novo manual educativo para nossos filhos.*

_____ Relatório de 1905, apresentado à Associação F. Beneficente e
Instrutiva do Estado de São Paulo

_____ *A Égide Materna.*

FRANCO, Manoel Marcellino S – Carcão de pedra em Avaré.

FREIRE, J J Silva – “*O álcool na industria*”, 1 vol.

FREIRE, Victor da S. – *A bibliographia universal e a classificação decimal do
anuariário da Eschola Polithécnica de S. Paulo.*

FREITAS, Leopoldo – *O senador Lacerda Franco*, esboço político.

GALANTE, Raphael (padre) – História do Brasil, 4 vols. encadernados.

_____ História Universal, 1 vols. encadernado.

GARMENDIA, Jose I. (general) – *Album Militar argentino.*

_____ *La campaña de Humaytá.*

GOELDI, Emilio – Boletim do Museo Paraense, 2 vol.

_____ Ensaio sobre Alexandre R Ferreira – *Os mosquitos do Para*
(extracto do Museo Goeldi)

GOMES, Alberto A Magalhães – Memória histórica da Escola de Ouro Preto
(1904-1905)

GOMES, Adolfo Leon (Bogota) – Poesias de Ernesto y Adolfo Leon Gomes

_____ El soldado – drama histórico em três actos

_____ Nuovo estudio del’art.

_____ 737 del Codigo Civil Nacional.

_____ *Sin Nombre*, drama em tres actos y em versos

_____ *Secretos*, versos.

GOULART, Arthur – As crenças, conferencia literária em Tremembé,
01/1/1906

GRAMEGNA, Giuseppe – *Le perfume Vierge.*

_____ *Fragmentos*

GRAMEGNA, GIUSEPPE - Estudos da Sociedade scientifico-artístico literaria
Luiz de Camões, em Nápoles.

- GREENWALT, Mary Hallock – *Pulse and Rhythm*
- GROUSSAE, Paulo (Argentina) – Anales de la Biblioteca, 1905
 _____ *Del Plata al Nicaragua*
 _____ *El viaje intelectual – impresiones de natureza y arte.*
- GURIN, M Pabete – (Santiago) *Poemas del amor y de la muerte*
- GURGEL, Leoncio A – *João Ramalho perante a história*
- ILHERING, H von – *A Antropologia no Estado de São Paulo.*
- JAGUARIBE, Domingos – Estudo de Psychologia Physiológica
 _____ *Radiação dos Effluvios Humanos*
 _____ Instituto Psicho-Physiológico
- KRONE, Richard (SP) - *Die Guarany-Indianer des Aldeamento do Rio Itariri
 im Staate von São Paulo in Brasilien.*
- KRUG, Edmundo – conferencia sobre “Ophir”, no Centro
- LACERDA, Paulo de – Allegações finais, causa commercial
 _____ *Razões na acção entre Ignácio Penteado e a Camara
 Municipal*
- LEAL, Oscar (Lisboa) – *O Parteiro*, novela
 _____ *O Manoel de Soisa*
 _____ *Do Tejo a Paris*
 _____ *Uma mulher galante*
 _____ *Um marinheiro do século XV*
 _____ *Dentista e dentistas*
 _____ *O Amazonas*
 _____ *Viagem ao Centro do Brasil*
 _____ *Zelia*
 _____ *Viagem à um país de selvagens*
 _____ *Atravez da Europa e da Africa*
 _____ *Viagem às terras Goyanas, Brasil Central.*
 _____ *Contos do meu tempo*
- LEITE, Elpidio – *O capitão Torquato de Toledo*

- LEITE, P. Manfredo – *Educação*, trabalho lido no III Congresso científico latino-americano.
- LEME, Luiz Gonzaga da Silva – *Genealogia Paulistana*, 9 vols.
- LEMOS, Pedro Sanches de – *Notas de viagem em Allemanha, Siussa e França*.
- LIMA, J.F.da Silva – *Sobre alguns casos de lymphagite filariosa*
- LÖEFGREN, Alberto – *A fructicultura na Argentina*
- MACHADO, Alcantara (SP) – *Suicídios na Capital de S. Paulo 1876-1904*.
- MACHADO, Brasílio – *A instabilidade da família brasileira perante o projecto do Código Civil*
 _____ *O declínio de direito*
 _____ *Obras avulsas*.
- MAGALHÃES SOBRINHO, Couto de – *Os Guayanás*, reedição
- MARCONDES, Cônego de Araújo – *discurso ao conferir-se grau aos bacharéis no Collégio diocesano em 1903*
- MARCONDES, Victruvio – *Musa Selvagem*
 _____ *Quadros Agrestes*
- MARRON, Manoel Miranda (Mexico) – *El sol, la temperatura y l lluvia*, 1 folh.
- MEDINA, E. Diez de – *Delírio de um louco*, poemeto Martha
- MELLO, Chateaubriand de (Floresta de Leões, Pernambuco) – *O Leão da Floresta*
- MINISTRO DE COLNIZACION Y AGRICULTURA (La Paz) – *Anexos à la memória que presenta el Ministro de Colonizacion y Agricultura al Congresso Ordinário de 1906*.
- MIRANDA, Bueno – *diversos fascículos sobre medicina*
- MIRANDA, Octavio Chagas de (padre) – *D. João Nery – Pouso Alegre*, polianthéa
- MONTEVERDE, Juan (Montevideo) – *La actual escuela de Artes y Officios y la Escuela Politécnica Proyectada*
 _____ *Puerto de Montevideo*
 _____ *Apuntes sobre la Teoria de las Determinantes*

- _____ Saneamentos em Montevideo
- MONTEIRO, João – parecer sobre o projecto de Sodré e Leôncio de Carvalho-
Univ. do RJ
- MOTTA, João – *O portuguez fallado no Brazil*
- NEUMANN, Otto – Vorläufiger Bericht über die Reise nach Brasilien zum
Studium des Gelbfieber
- NOBREGA, Arthur Raggio – *A acentuação do A*, 2 vols
- NOVAES, J. Campos – Origens chaldeanas do judaísmo
_____ Viação Férrea de Oeste e Sul do Brasil
- _____ *Theoria fisiológica da secagem do café* /Os criptogramas
das videiras _____ Biographia de Corrêa de Mello (publ. no
Diário de Campinas 16/4/1899)
- _____ *Chemin de Fer de Ceinture de la ville Saint Paul*
- OCTAVIO, Benedicto – Conferencias sobre Henrique VIII a a reforma na
Inglaterra.
- OLIVEIRA, Luiz Ernesto de – *A Igreja Romana*
_____ *Horas Eucharisticas*
- PACHECO, Luisa de Camargo – *Alice* – romance
- PALMA, Ricardo (Peru) – *Ricuerdos de España*.
_____ *Tradiciones y Artículos Históricos*
_____ *Papeletas Lexicográficas*
- PASSALACQUA, C – *O Apostolo S. Thomé na America*, conferencia no
Instituto Historico de S Paulo.
- PELAJO SERRANO – Contos sertanejos
- PEREIRA, Baptista – *Eduardo Prado o escriptor e o homem*.
- PEREIRA, Nathaniel – *Elvira, a monja* (drama)
_____ *Pobre Mulher*, drama em 4 actos
_____ *Prece ao Amor*
- PICCAROLO, Antonio – *IL Distretto de Vercelli e il Vercellese*
_____ *Statuto sul pane, del Panne 1262*

- _____ *La Propietá nella Storia e sua influenza sulle forme social*
- _____ *La Bella Galiana, leggenda viterbese*
- PICCIOLI, F (commendatore) (Itália) – *Boschi e Torrenti*
- PINTO, Simões – *Carmina* (versos)
- PIZA, G. de Toledo (Ministro do Brasil em Paris) – *Exposé sur la fèvre jaune dans la Conference Sanitaire Internaciole*, 2 vols.
- _____ Discurso proferido em honra da officialidade do Cruzador-Escola Benjamin Constant.
- POIRER, E. (Chile) – *Quo Vais?* (tradução), 2 vol
- _____ *La Republica de Centro-America*, 1 vol
- _____ *America Literaria*, 1 vol.
- _____ *Alberto Arias Sanches*, 1 vol.
- _____ *German Rieco*, 1 vol.
- _____ *Saudações à esquadra do Brasil* (Chile)
- _____ Discurso pronunciado no III congrsso Latino-americano no RJ, 06/8/1905
- _____ *Hygiene y salibridad en Guatemala*.
- PORTER, Carlos – “*O Museu de Historia Natural de Valparaiso*”, durante o ano de 1902 relatório ao Ministro Sanfuentes, 1 vol.
- PRADO, Lucas do – *O Brasil roubado pelo câmbio* (a Salvação).
- PUJOL, Hyppolyte – *Loisirs* (vers et versions)
- PUPPO, Salles – *Plano da valorização do café*.
- QUEIROZ, João de Almeida – *Ensaio da hygiene da bocca pelas theorias chimica-parasitarias*.
- REGUEIRA, João B. (Recife) – *A Lyrica de Maciel Monteiro*.
- ROCHA, Alfredo – *As Caixas Econômicas*, memória apresentada no Congresso de Expensão Econômica do Rio.
- _____ *As Caixas Econômicas e l crédito agrícola*
- RODRIGUES, João B. de Castro – These defendida em maio de 1905 para doutorado em Direito.

- RODRIGUEZ, Barbosa – *Les Noces des Palmiers*
 _____ *L'Uirarey ou Curare*
 _____ *Myrtacées du Paraguay*]
 _____ Relação dos trabalhos de Barbosa Rodrigues até 1901
- ROMERO, Belisário Dias (La Paz) – *Tiahuanacu*, estudos de pre-historia americana.
- SALLES, M F de Campos – Manifestos e mensagens, discursos, 3 vols
- SAMPAIO, Antonio Borges de – *Sertão da farinha podre*, monographia
- SAMPAIO, Theodoro – *O tupy na geographia nacional*.
- SARMENTO, Luis G. – Relatório sobre a questão de água limpa.
- SCHOONOR, Emilio – Memorial do projecto da estrada de ferro a Matto Grosso e Bilivia,
- SCROSOPPI, Horacio – *Curso elementar de Geographia Geral*.
- SECRETARIA DA AGRICULTURA – Almanack *Lavrador Paulista*, 20 vols.(doação de Julio Brandãp, inspetor paulista)
- SEIDL, R. capitão – *O Duque de Caxias, esboço de sua gloriosa vida*
- SEIXAS, Aristêo – *Noites de luar*
- SENNA, Nelson de – *Santa Efígenia e nossas questões internacionaes*, 2 fol.
 _____ *Serranos Illustres* – esboços biographicos
 _____ *O Estado de Minas na Exposição de São Luiz*.
 _____ *Estudos sobre nossas questões de limites*.
 _____ *Rio Doce*
 _____ *Edade Media*
 _____ *Edade da Pedra*
 _____ *Defesa Crime*
- SILVA, Almeida e (padre) – *O protestantismo e a actualidade*
- SILVA, Marcos Vieira – *Portos-Francos*.
- SILVEIRA, Pedro da – *Serra Negra* (monographia)
- SOLAR, Domingo Amunátegui (Chile) – *Um soldado de la conquista del Chile*

- STVENSON, Carlos W. – Relatório da Locomoção – Companhia Mogyana –
 Descrição das oficinas de Campinas - 1905
- STUDART, Barão – *Dactas e Fatos da História do Ceará*, I e II vol.
 _____ *Notas da História* (parte I e parte II – segunda metade do
 séc. XVIII)
 _____ 1 relação de manuscritos e cópias da biblioteca do Barão de
 Studart
 _____ Catálogo de jornais de grande e pequeno formato.
 _____ Documentos para a história de Martins Soares Moreno.
 _____ Do jornalismo catholico e suas necessidades presente.
- TOLEDO, Alfredo de – uma reivindicação improcedente.
- TOLEDO, Joaquim de – artigo do autor publicado na Tribuna de Santos,
 reprodução do officio do capitão-mor João Francisco de Andrade, contra a
 rebelião da capital em 23 de maio de 1822.
- VALDOI, Eschmer (Paris) – *Les Thribulums Affaisées*, poesies
- VANZOLINI, Camilo – *Curso theorico e practico da língua italiana*
- VEGA, Clemente Barahona (Chile) – *Toques de clarin* (versos)
 _____ Trovas e modinhas brasileiras
 _____ *Juicio crítico de las poesias líricas de D. Leonardo Elis*
 _____ Breves anotaciones históricas y geográficas sobre el Brasil
 _____ El Brasil em la Exposicion de Minería y Metalurgica 1894-
 5.
 _____ *Acaya* – romance indígena del Brasil
 _____ *Felício dos Santos* – version
 _____ *Los cantos del Sabiá, articulos y poesias de los más
 illustres escritores brasileños* – traducion de Leonardo Elis y Baharona
 Veja
 _____ *Faces de la candidatura Puga Borne*
 _____ *De bracha gorda...y flaca* – prosa y verso de antigua i
 fresca data 1884-1904

- _____ Algo sobre la educacion nacional
- _____ Juicios de escritores brasileños sobre literatos i políticos chilenos, reunidos i traducidos.
- _____ La indentificaciones por las impresiones digitables o sea el empleo de la “Dactyloscopia” – Systema Vecetich em Sud-America – traduccion
- _____ El Boletin n.º282, año XV – Buenos Aires
- _____ La Ilustracion, n.º 12, año V, Santiago
- _____ Corona fúnebre del Doctor Adolpho Murillo (1838-1896).
- _____ Dom Clemente Barahona Vega, rasgos biographicos.
- _____ Brocha gorda y.....flaca, 1884.
- VERO, Horácio – Resposta à São Paulo Railway.
- VICTORINO, Carlos - *Santos*
- VIEIRA, Damasceno – *Constellações*, poesias.
- WHITACKER, Firmino (magistrado) – *Jury*
- ZAMA, Cesar – *Traços biographicos e políticos de três grandes oradores da antiguidade.*
- _____ *Os três grandes capitães Cesar, Annibal e Alexandre*
- _____ *Prosadores e poetas latinos*
- _____ *Os Reis de Roma*

ANEXO Nº 4

JORNAIS	REVISTAS	OUTROS
1 – Commercio de Campinas, coleção de 1903	1 – O Monitor (1903)	1 – Boletim de Agricultura do Est. de São Paulo, 1901, II série, n.º 9; 1902, III série, n.º 1 a 12
2 – Correio de Campinas, coleção de 1903	2 – Revista do Museu Paulista, vol. II, III, IV, V	2 – Annuário da Escola Polithécnica de São Paulo, ano III, 1902
3 – Diário de Campinas	3 – Revista Santa Cruz (revista de religião, letras, artes e pedagogia), 1901, vol.. II, n.º 1,2,3, 1902, vol.. II, n.º 4 a 12, vol.. III, n.º 1,2,3, 1903, vol.. III, n.º 4 a 12	3 – Biblioteca da Officina dos Novos (MA)
4 – Estado de São Paulo, coleção de 1º de janeiro a dezembro de 1903.	4 – Revista Médica de São Paulo, ano V, n.º 6,14, 15,17,18,19,20,21,22,23,24; ano VI n.º 1 a 23	4 – Boletin de la Sociedad Nacional de Minería (Chile), ano XIX, n.º 59 a 69, ano XX, n.º 73 a 80L
5 – Commercio de São Paulo, coleção de 1º de janeiro a dezembro de 1903	5 – Revista do Instituto Histórico de São Paulo	5 – Boletin Bibliografico (Argentina)
6 – Correio Paulistano (São Paulo), coleção de 01 de janeiro a dezembro de 1903	6 – Revista do Jardim da Infância de São Paulo	6 – Bulletin of the Wiscosin Natural History Society (USA), vol. II (new series), 1 a 4, vol. III, 1 e 2, ano 3º

7 – Fanfulla (São Paulo), coleção de 01 de janeiro a dezembro de 1903	7 – Revista Agrícola de São Paulo, anno I, n.º 7, anno III, 1903, n.º 91 a 98 e 100 e 101	7 – Monthly Bulletin of the International Bureau of the American Republics (USA), vol. XIV, n.º 1 a 6, vol. XV, n.º 1 a 5
8 – Diário Popular (São Paulo), coleção de 01 de janeiro a dezembro de 1903	8 – Revista Farmacêutica de São Paulo, anno V, n.º 6,14,15,17 a 24, anno VI, n.º 1 a 12.	8 – Proceedings of the American Academy of Sciences (USA)
9 – Tribuna Italiana (São Paulo), coleção de 01 de janeiro a dezembro de 1903	9 – Revista da Faculdade de Direito de São Paulo, ano X - 1902	9 – Proceedings of American Society of Civil Engineers (USA), vol. XXIX, n.º 1 a 9
10 – Germania (São Paulo), coleção de 01 de janeiro a dezembro de 1903	10 – Revista do Ensino (Professorado de S. Paulo), anno II, n.º 2,3,4	10 – Boletim da Sociedade Geográfica de Lisboa (Portugal), XIX série, n.º 1 a 12, XX serie, n.º 1 a 12, XXI serie, n.º 1 a 7
11 – Le Messager de St. Paul (São Paulo), coleção de 01 de janeiro a dezembro de 1903	11 – Revista Farmacêutica e Odontológica de S. Paulo	11 – Bolletin de la Real Academia de Ciencias y Artes (Espanha)
12 – O Rebate (São Paulo), coleção de 01 de janeiro a dezembro de 1903	12 – Revista do Arquivo Público Mineiro (Belo Horizonte-MG), ano VII, fasc I a IV, ano VIII, fasc. I e II	12 – Bolletino Sallesiano (Italia)
13 – Commercio de Amparo (Amparo-SP), ano 1903	13 – Revista de Legislação (RJ), ano I, fasc. I e II, ano 1902, fasc. I a VI, 1903, fasc. I, parte 1,2,3, fasc. II, parte 1, 2, 3, fasc. IV a IX	13 – Atti della Società Italiana di Scienze Naturali i del Museo Civico de la Storia Naturale

14 – A Comarca (Mogy-Mirim-SP), ano 1903	14 – Revista Militar (RJ), ano IV, n.º 1 a 12, ano V, n.º 1 a 10	14 – Bulletin de la Societé d'Études Coloniales (Belgica)
15 – Tribuna de Santos (Santos-SP)	15 – Revista do Instituto Histórico do Rio de Janeiro (RJ)	15 – Boletim da Secretaria de Agricultura, Viação, Industria e Obras Publicas da Bahia (BA)
16 – Jornal do Brasil (RJ), coleção de 1903	16 – Revista do Clube de Engenharia (RJ), IV série, n.º 1 a 7	16 – Boletim da Museu Paraense de História Natural e Etnographia (PA)
17 – A Notícia (RJ)	17 – Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia (RJ), ano 1902, n.º 2 a 12, ano 1903, n.º 1 a 7	17 – Memorandum de Zoologia, de C. Porter (Chile), entrega I e II
18 – Jornal da Ordem Médica Brasileira (RJ), ano I, n.º 1,2,3,5,7, ano II, n.º 1 a 12	18 – Revista da Academia Cearense (CE), tomo II, VI	18 – Anales de a Sociedad Cientifica Argentina (Argentina), tomo LV, entrega V e VI, tomo LVI, entrega I a IV
19 – Monasschrift des Deutsch-Brazilischen Vereins (Alemanha)	19 – Revista trimestral do Instituto do Ceará (CE), tomo XVI e XVII	19 – Boletin del Instituto Fisico-Geografico (Costa Rica), ano 1901, n.º 1 a 12, ano 1902, n.º 13 a 23, ano 1903, n.º 25 , 26
20 – La Sentinella Italiana (Campinas-SP), coleção de 1903	20 – Revista do Grêmio Literário (BA), coleção do ano I e do ano II	20 – Proceedings of the Washington Academy of Science (USA), vol. V. pp. 39 to 229
21 – Gymnásio de Campinas (orgam do Club do Dr Cesário Motta), coleção de 1903	21 – A Escola, Revista oficial de ensino (PA), n.º 26 a 33, n.º 36,37, 41,42	21 – Boletin de la Real Academia de la Historia (Espanha), tomo XLII,

		cuadernos 1 a 6, tomo XLIII, cuadernos 1 a 5
22 – O Tiête (São Paulo)	22 – Revista Médica de Curytiba (PR)	22 – Bolletino Salesiano (Italia)
23 – Verdade e Luz (São Paulo), coleção de 01 de janeiro a dezembro de 1903	23 – América Literária (Chile)	23 – Atti della Real Accademia Lucchese di Scienza, Lettere ed Arti (Italia)
24 – Gazeta de Itapira (São Paulo), ano 1903	24 – Revista de Marina do Chile (Chile), tomo XXXIII, n.º 197, tomo XXXIV, n.º 198, hasta 203, tomo XXXV, n.º 203 a 206	24 – William and Norgate's Book Circular
25 – Gazeta de São João da Boa Vista (SP), ano 1903	25 – Revista de Igiene do Chile	25 – Comissão Geologica e Geographica do Estado de São Paulo, “dados climatologicos do estado de São Paulo, 1901”
26 – Jornal de Cajurú (SP), ano 1903	26 – Estudios, Revista (Argentina), n.º 15, 1902	26 – Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas (Estatutos), Campinas.
27 – Cidade do Descalvado (SP), ano 1903	27 – Vida Moderna (Montevideo), tomo VIII, n.º 23 e 24, tomo IX, n.º 25 a 27	27 – Sociedade Artística Beneficente, relatório, Campinas
28 – Le Journal Français du Brésil (SP)	28 – Museum Memoirs (USA)	28 – Boletim do Instituto Agronomico do Estado (Campinas)
29 – O Reformador (RJ)	29 – I e II Museum Memoirs (USA), 3 e 4, não é permuta	29 – A Lavoura, Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira (RJ), 1899, IV, VI, 2ª série; ano

		1900:I, 1ª série, II, 2ª série, III, 2ª série, IV, 28 a 36, suplemento ano V, n.º 1,2,7,8 a 10,ano VI, n.º 1 a 12, ano VII, n.º 1 a 7
30 – Diário de Notícias (BA)	30 – The North American Review (USA), from 548 to 564	30 – Sociedade Nacional de Agricultura (RJ), fasc. 6
31 – The Agricultural Gazette (Australia), vol. XIV, parte 1 a 10	31 – Portugal em Africa, Revista Geográfica (Portugal), IX anno, n.º 101 a 106, 108, X anno, n.º 109 a 118	31 - Sociedade Nacional de Agricultura (RJ), “O café do Brasil”, J.C. Carvalho.
32 – Deutsch-Zeitung (SP), coleção de 01 de janeiro a dezembro de 1903	32 – Brasil-Portugal, Revista Illustrada (Portugal), anno I,II, III,IV e V, n.º 73 a 78, de 81 a 86, de 88 a 94, de 98 a 113, de 115 a 116	32 - Sociedade Nacional de Agricultura (RJ), “O álcool na industria”, J J Silva Freire.
33 – Cidade de Campinas, coleção de 1903	33 – Mercurio, Revista Commercial (Espanha)	33 – Bibliotheca Publica Pelotense (RS), reedição do poema Uruguay
34 – Os Novos (Campinas), coleção de 1903	34 – La Renaissance Latine (França)	34 – Boletim da Sociedade de Agricultura (BA), vol. I, n.º 1 e 2, vol. II, n.º 2 a 4
35 – O Baluarte (Campinas)	35 – L’Italie Illustreé, Revue du Monde Latin (França)	35 – Boletim do Museu Paraense (Museu Goeldi) (PA), vol. III, n.º 3 e 4
36 – Cidade de Santos (Santos), II semestre de 1903	36 – La Revue Occidentale (França)	36 – Memórias do Museu Paraense, I Escavações archeologicas em 1895, I parte

		(PA)
37 – Diário de Santos (Santos), II semestre de 1903	37 – Deutsch-Export-Revue (Alemanha)	37 – Archivos de Criminolojia, Medicina Legal y Psiquiatria (Argentina), ano I, n.º 6, ano II, n.º 5
38 – Jornal dos Agricultores (RJ), ano II, n.º 1,2,3	38 – Rivista di Storia Antica (Itália)	38 – “O museo de Valparaiso, dueante o anno de 1902”, memória do Prof. Porter
39 – Jornal do Commercio (RJ), não é permuta	39 – Studies from the Institute Medical Research-Federated Malay States (Cingapura)	39 – Boletin de la Oficina Nacional de Inmigracion, Estadística y propaganda geográfica (Bolivia), ano I, n.º 4 a 7, n.º 11, 12
40 – Gazeta de Noticias (RJ), não é permuta	40 – Revista da Sociedade de Etnographia e Civilisação dos Índios de São Paulo (SP), vol. 1, n.º 1	40 – Ministerio de Hacienda y Industria, “Ley de Minas” (Bolivia), 4 fasc., “Estadistica Mineira”, “Industria de la Goma elastica”, “El territorio nacional de las colonias”, “Informes del diretor de la Oficina Nacional”
41 –	41 – Revista Acadêmica Militar (RJ), ano I, n.º 1 a 7	41 – Boletin de la Sociedad de Geografia de La Paz (Bolivia), ano I, n.º 1, ano II, n.º 12 a 17
42 - O Paiz (RJ), não é permuta	42 – Revista do Instituto Archeologico e Geografico (PE), vol. X, n.º 57 e 58	42 – Facultad de Derecho de Guatemala, discurso em el cuarto centenário de America, Jáureguy (Guatemala)
43 – Correio da manhã (RJ)	43 – Revista Chilena de	43 – Boletin del Instituto

	Historia Natural (Chile)	Geologico de Mexico (Mexico), n.º 16
44 – Correio Catholico (Uberaba-MG)	44 – Revista Nacional (Argentina), tomo XXXV, entrega VI e VI, tomo LVI, entrega I	44 – Boletin de la Sociedad Agricola Mexicana (Mexico), tomo XXVII, n.º 7 a 38
45 - Cidade do Sacramento (Sacramento-MG), coleção de 1903	45 – Revista del Instituto Paraguayo (Paraguai), n.º 39 a 42	45 – Proceeding of the Academy of Natural Sciencies (USA), vol. LIV, part I, II, III
46 – The Nineteenth Century and after (Inglaterra), 299 to 321	46 – L’Ateneu Veneto (Italia)	46 – Bulletin of the American Mseum of Natural History (USA), vol. XVI
	47 – La Rassegna Internazionale (Italia)	47 – List of publication of American Museum of Natural history (USA), from V to XVI
	48 – Paulopolis (revista de artes, sciencias e letras), n.º 1,2,3 (SP)	48 – Annual report of presdient of American Museum of Natural history (USA), 1902
	49 – Vida Mental (SP), anno I, n.º 1	49 - Missouri Botanical Garden (USA), 30º annual report, 1902
	50 – Via Láctea (SP), anno I, n.º 1,2,3	50 - Field Columbian Meuseum (USA), botanical, série 69, vol.III, n.º 1, fasc. I
	51 - Echo Phonografico (SP), anno II, n.º 19	51 - Field Columbian Meuseum (USA), report serie 70, vol. II, n.º 2, 1901-1902
	52 – Capital Paulista (SP), anno I, n.º 2	52 - New-York State Museum (USA), 53, anual report, 1899-1901

	53 – Revista de São Paulo, anno I, n.º 1 a 24	53 – U S Department of Agriculture bureau of plant industry, bulletin 30 e 31 (december, 1902), 28 (january, 1903)
	54 – Brasil Forense (RJ), 1903, n.º II, IV	54 - U S Department of Agriculture bureau of forestry, n.º 35
	55 – Revista Militar (da Revue Militaire) “A influencia das armas modernas sobre a ofensiva e defensiva” (RJ), não é permuta	55 – Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes (Esoanha), vol. II, n.º 5, vol. IV, n.º 29 a 36
	56 – Ao Lucem (revista litero-científica) (BA), ano I, n.º III e IV	56 – Boletim de la Academia Real de Coencias y Artes (Espanha)
	57 – Revista da Academia Pernambucana de Letras (PE), ano I. n.º 1 a 6	
	58 Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife (PE), ano X e XI	
	59 – Revista Pernambucana (PE), ano I, n.º 11	
	60 – “Revista Acadêmica”, do Instituto Clovis Bevilacqua, 2º fasc.	
	61 – Os Novos (MA), ano III, n.º 1 a 6	

	62 – “Brasil-Chile”, homenaje de la Revista de Marina (Chile)	
	63 – El Ateneo (Peru), tomo VI, n.º 28 a 29	
	64 – Literatura y Arte, ano IV, n.º 6, ano V, n.º 1 e 2	
	65 – Ateneo de Guatemala (Guatemala), série 1ª, n.º 1	
	66 – El Instituto Nacional (Guatemala), tomo II, n.º 2	
	67 – Memorias y Revista de la Sociedad Científica “Antonio Alzate”(Mexico), tomo XIII, n.º 5,6, tomo XVII, n.º 4 a 6, tomo VIII, n.º 1, 2, tomo XIX, n.º1	
	68 – The Wiscosin Archeologist (Wiscosin Nat.Hist. Sciencie) (USA), vol. II, n.º 1	
	69 – Transaction of the Kansas Academy of Science, vol. XVIII	
	70 – “O Archeologo Portuguez” (Portugal), vol. VIII, n.º 5 e 6	
	71 – A Chronica (Portugal), IV anno, n.º 91 a 94, 96	
	72 – El Mercurio (revista	

	ibero-americana) (Espanha), año III, n.º 13 a 19, 21 a 23	
	73 - D. Quixote (RJ), não é permuta	

ANEXO Nº 5

Fotos do acervo iconográfico do C.C.L.A..



Primeira Sede Social



Biblioteca - Sala de Leitura



Biblioteca - Sala de estudos



Auditório

Projeto da Sede Social - Eng. José Piffer



Pavimento térreo



Pavimento superior



Rua Francisco Glicério



Rua Conceição



Cerimônia de colocação da Pedra Fundamental



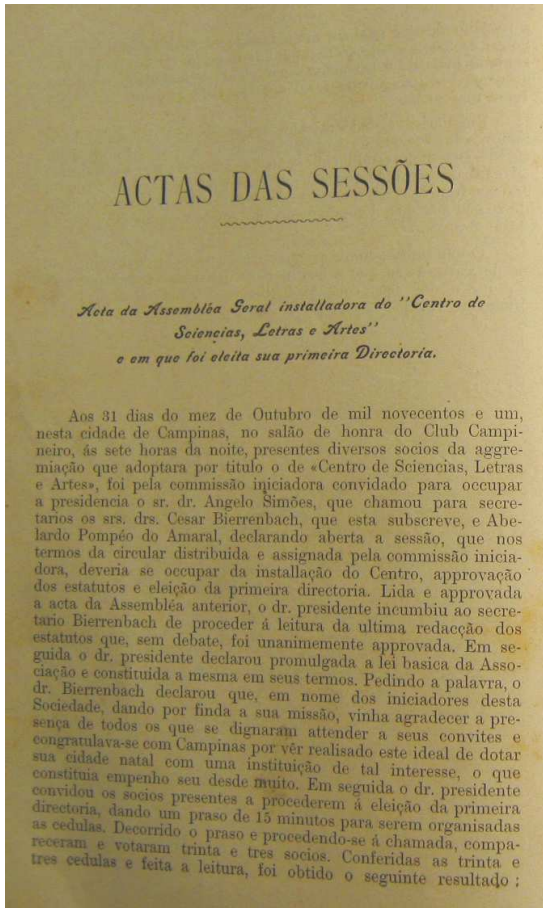
Santos Dumont e Cesar Bierrenbach
na Cerimônia



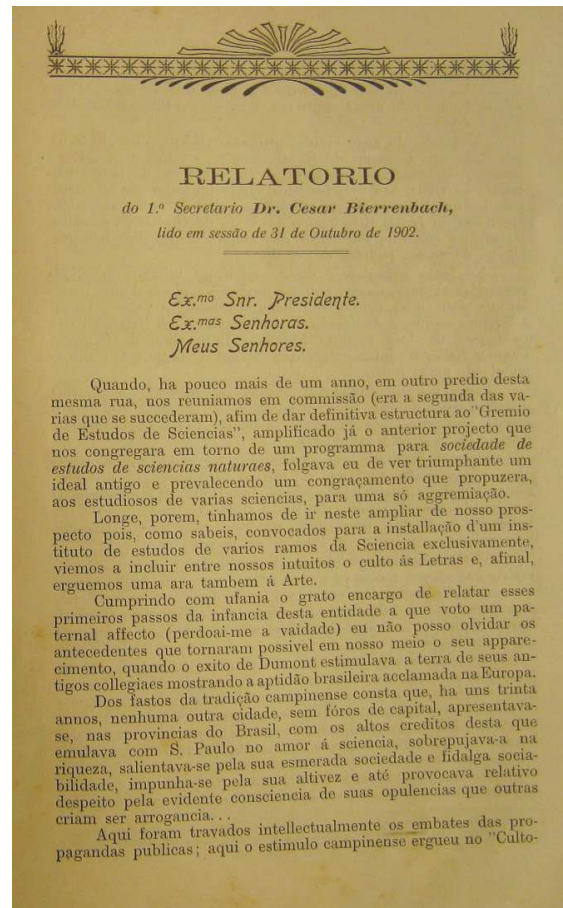
Translado do corpo de Carlos Gomes
para o Monumento

ANEXO Nº 6

Atas das sessões do C.C.L.A..



Ata de inauguração do CCLA

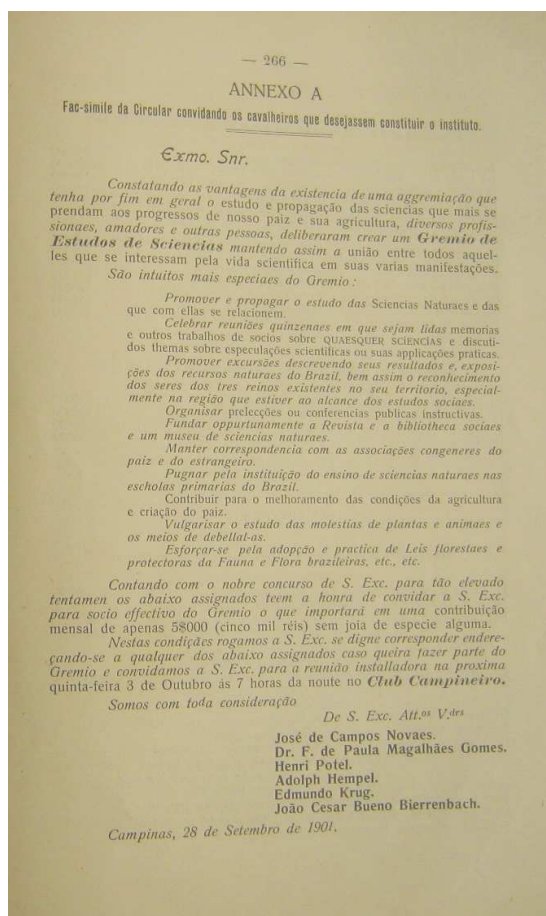


Primeiro Relatório Anual do CCLA

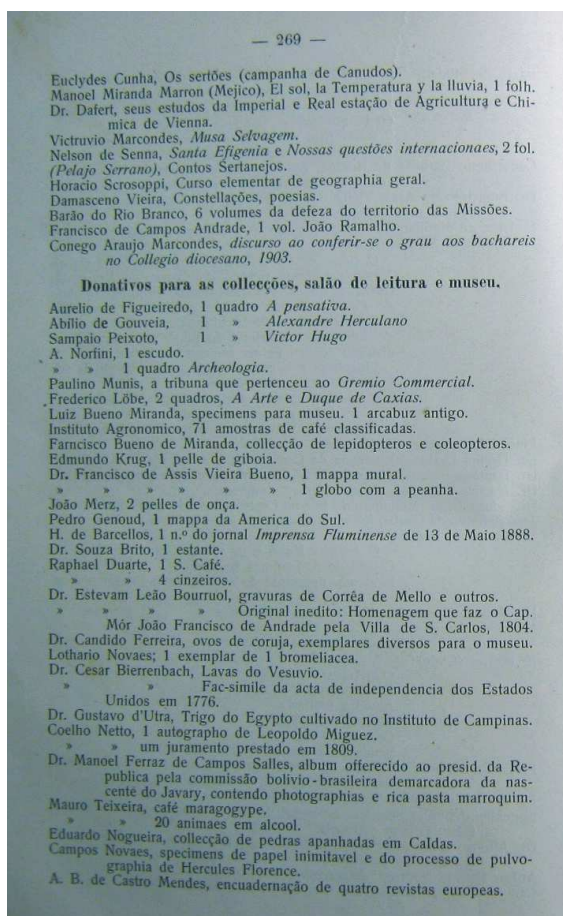
Subscrição para aquisição de mesa, etc. para sala de leitura em 1902

Dr. Cesar Bierrenbach	15\$000	Dr. Alexandre Krug	20\$000
Dr. Aneglo Simões	15\$000	Dr. Amalio da Silva	10\$000
J. Nogueira Ferraz	15\$000	A. Castro Mendes	5\$000
Dr. Campos Novaes	15\$000	Octacilio Camargo	5\$000
Dr. Vieira Bueno	15\$000		

Lista de doações financeiras para aquisição de mobiliário para a sala de leitura



Carta-convite de fundação do CCLA



Lista de donativos para Sala de Leitura e Museu

ANEXO N° 7

Fotos do Catalogo do Gabinete de Leitura Campineiro.

Publicado no Almanak de Campinas para 1872

Organizado e publicado por José Maria Lisboa

GABINETE DE LEITURA CAMPINEIRO CATALOGO

DOS LIVROS EXISTENTES NO MESMO GABINETE

ASSIGNATURA:

Por anno	182000
Por semestre	102000
Por mes	28000

N. B. Não é permitido ao Assignante conservar mais de uma obra em seu poder.

Arlincourt (Visconde de):

—Os annos de uma cadeia, 2 v.

—Os desposados da morte, 1 v.

—Os tres castellos, 2 v.

—A hermanita, 2 v.

—Ida, 2 v.

—Isabella ou a morte e o amor, 2 v.

—Jacques Arceville ou Chronica Flaminga, 2 v.

—O solitario, 2 v.

—Nathalia, 2 v.

—Nodas de sangue, 4 v.

—Os Escolabores, 2 v.

Adagios e proverbios, 1 vol.

Almanak administrativo, mercantil e industrial para 1871, 1 v.

Allemagne, por Guerin, 1 v.

Alzina ou a torre velha do castello de Hildheim, 4 v.

Album do Gremio Literario Portuguez, 1 v. (poesia).

Amenda e Oscar ou a historia da familia Dunrooth, por A. V. de C. Souza, 6 v.

Amantia (Os desterrados ou aventuras de M^oc. Hamilton, 2 v.

Amores de Heloise e Abelard, 1 v.

Amores de Carlos e Clara, 1 v.

André Chénier, por Méry, 1 v.

Annuaire de Tacite, por José Liberato, 2 v.

Annaes de D. João III, por Frei Luiz de Souza, 1 v.

Angelica e Joanninha, por Pignati Lebrun, 2 v.

Armazem de novelas, 1 v.

Archivo Pittoresca, 2 v.

- Astronomie Populaire, par Arago, 4 v.
 Assumpção, poema, por Frei Francisco de São Carlos, 1 v.
 Asie Mineure e Syrie, souvenirs des voyages, par Mme. la Princesse de Belgiojoso, 1 v.
 Assassino (O) ou a torre e a capella, por M. C. d'Oglou, 1 v.
 Aventuras de Estevão Gonçalves ou o rapaz de bom humor, por M. C. Le Sage, 3 v.
 Aventuras de Robinson Crusôe, 6 v.
 Aurora Campineira (jornal), 1 v. encad.
 Almeida Garrett:
 —O Allageme de Santarem, 1 v.
 —O Arco de Sant'Anna, 2 v.
 —O Romanceiro, 3 v.
 —A Sobrinha do Marquez, 1 v.
 Le Batard, par Jules Lacroix, 1 v.
 Beautés de l'histoire de Sicile e de Naples, par Nougaret, 1 v.
 Belisario, por Marmontel, 1 v.
 Biblia Sagrada, por A. Pereira de Figueiredo, 1 v.
 O bom negro ou os libertadores de Herouville, 1 v.
 Os burros ou o reinado da sandice (poema heroi-comico-satyrico), por J. Agostinho de Macedo, 1 v.
 O Brasil historico, por Mello Moraes, 3 v.
 O barão la Gazette, 2 v.
 Camillo Castello Branco:
 —Anathema, 1 v.
 —Memorias do Carcere, 2 v.
 —Mysterios de Lisboa, 2 v.
 —Onde está a felicidade?, 1 v.
 —Um homem de brios, 1 v.
 —O livro negro do padre Diniz, continuação dos Mysterios de Lisboa, 1 v.
 Capitão (O) Rémy, por Elias Berthet, 3 v.
 Captiveiro (O) do trombeta Escollier, por Ernesto Alby, 2 v.
 Castrioto Lusitano ou historia da guerra entre o Brasil e a Hollanda, durante os annos de 1624 e 1654, por Frei Raphael de Jesus, 1 v.
 Café (O) Procope, por Roger de Bouvoir, 1 v.
 Catechisme du sens commun, par l'abbé Rohrbacher, 1 v.
 Castello (O) de Rochecourbe, por Victor du Hamel, 3 v.
 Calabar, historia brasileira do seculo 17°. por José da Silva Mendes Leal Junior, 1 v.
 Caminho do céu, 1 v.
 Celina ou a filha do mysterio, 6 v.
 Cinq-Mars ou a conjuração no reinado de Luiz 13°, por Alfredo de Vigny, 3 v.
 Citador, por Pigault Lebrun, 2 v.

1227

- Gigante (Os) da Beira, por X. de Montejun, 2 v.
 La Contama ou um dia em Irlanda, por Cronc, 1 v.
 Gasp (Peninsular):
 —O bravo, 1 v.
 —O Carrasco, 2 v.
 —O Corsario Vermelho, 2 v.
 —O derradeiro Mulicano, historia acontecida em 1757, 2 v.
 —O espião de alta categoria, 2 v.
 —O espião do campo neutro, 1 v.
 —Leonel Lincoln ou o cetro de Boston, 4 v.
 —O medidor de terrenos, 2 v.
 —O piloto, novella maritima, 4 v.
 —Os puritanos da America ou o valle de Whis, 2 v.
 Les constitutions de tous les peuples, par le comte de Lanjuinais, 2 v.
 Contos do serão, por Leandro de Castilho, 1 v.
 Cours des legislations, par Lermancier, 1 v.
 La contrainde de Saint-Espirit, par Roy-Dussuel, 3 v.
 Compendio da historia portugueza, por Tiburcio Gracioso, 1 v.
 Caralheira (O) de Papellone, 2 v.
 Condessa (A) de Monte-Christo, 1 v.
 Capendu (Ernesto):
 —O palacio de Niorres, 5 v.
 —O rei dos gageiros, 4 v.
 —O tambor da 32ª meia brigada, 7 v.
 Diabo Cão, por M. L. Sage, 2 v.
 Dictionnaire de la conversation et de la lecture, inventaire raisonné des notions générales les plus indispensables à tous, par une société de savants e de gens de lettres, sous la direction de M. Duckett, 16 v.
 Dicionario da lingua portugueza, por Moraes, 2 v.
 Dicionario da lingua portugueza, por Eduardo Faria, 2 v.
 Dicionario Geographico do reino de Portugal, por A. Fernandes Pereira, 1 v.
 • Dicionario de Medicina Popular, por Chernoz, 3 v. 167
 Dictionario Topographico do Imperio do Brasil, por José Saturnino da Costa Pereira, 1 v.
 • Dicionario Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brasil, por Millet de Saint-Adolphe, 2 v.
 D. Jayme ou a dominação de Castella, poema, por Thomaz Ribeiro, 1 v.
 Discours, par Vizemau, 1 v.
 Deux (Os) Bobos, por Paulo Jacob, 2 v.
 Deux (Os) Robinsons ou aventuras de Carlos e Fanny, 3 v.
 Doctrine sociale ou principes universels, par Douin, 1 v.
 La Duchesse de Vallambrai, 2 v.

- Dumas (Alexandre):
- Acté, 2 v.
 - Albina, 1 v.
 - Amaury, 3 v.
 - Apontamentos de Antony, contendo as seguintes novellas: —
Cherubino e Celestino, o Cocheiro de Cabriolé, Branca de
Bouillon, o Bode Mascarado, 1 vol.
 - Arcanio ou a vida de Francisco 1º, romance historico, 2 v.
 - A casa do gelo, 3 v.
 - Catharina Blum, 2 v.
 - O cavalleiro d'Hormontal, 2 v.
 - Cecilia ou o vestido do novado, 2 v.
 - O Conde de Monte-Cristo, romance historico, 4 v.
 - A Condessa de Salisbury ou a instituição da ordem da liga,
romance historico, 2 v.
 - Continuação da Condessa de Salisbury, Eduardo 3º, 2 v.
 - Dama de Monserran, 6 vol.
 - Dramas do mar, 1 v.
 - Dama das perolas, 2 v.
 - Eduardo 3º, 2 v.
 - Uma família romana, 1 v.
 - Fernanda, 2 v.
 - Filha do Regente, 3 v.
 - As generas de Marlborough, episodio da guerra da Vendêa, 4 v.
 - A guerra das mulheres, 1 v.
 - Historia do reinado de Luiz 16º e Maria Antonieta, 3 v.
 - Impressões de vingança, 2 v.
 - Isabel de Baviera, marido de Carlos 6º, 3 v.
 - Joanna de Napoles, rainha de Jerusalem, 2 v.
 - A Marquesa de Branciflora, 1 v.
 - Memorias de José Garibaldi, 3 v.
 - Memorias de um medico (1ª parte) José Balsamo, 4 v.
 - Memorias de um medico (2ª parte) O Collar da Rainha, 2 v.
 - Memorias de um medico (3ª parte) Angelo Pilou, 2 v.
 - Memorias de um medico (4ª parte) A condessa de Charry, 2.
 - Memorias de um medico (5ª parte) O cavalleiro da casa ver-
melha, 6 v.
 - Memorias de um medico (6ª parte) O ultimo rei dos france-
zes, 2 v.
 - Os Medeiros de Paris, 12 v.
 - Mortandade do Medonin, 2 v.
 - Mysterios de Napoles ou uma pesca de rédeas, 1 v.
 - Olympia de Cleres, 3 v.
 - De Paris a Gênes, 2 v.
 - O pastor de Ashbourg, 3 v.
 - Paulina, 2 v.

125

- A princesa de Monaco, 2 v.
- Os quarenta e cinco, 2 v.
- A rainha Margot, 3 v.
- A mesma obra, 1 v.
- Regencia de Luiz 15^o, 4 v.
- O saltador, 3 v.
- Sylvandre, 2 v.
- Os tres mosqueteiros, 3 t.
- A mesma obra em francez, 2 v.
- Tulipa Negra, 2 v.
- Urbano Grandier, 1 v.
- Vinte annos depois, continuação dos Tres Mosqueteiros, 3 v.
- A mesma obra em francez.
- —O visconde de Bragionan, 3 v.
- Duana Filho:
- + —A Dona das Camélias, 1 vol.
- O Romance de uma mulher, 3 v.
- Eloquencia nacional, por Freire de Carvalho, 1 vol.
- Elogio dos reis, por Frei Bernardo de Brito, 1 v.
- Encarnado (O), episodio das guerras civis hespanholas, 4 v.
- Esperia ou o cremiterio de S. Diago, 4 v.
- Escolha de novellas, 3 v.
- Evaristo Theodora ou o castello de Clostern, por Francisco Grimaud, 4 v.
- Etudes historiques, par Chateaubriand, 1 v.
- Etudes philosophiques sur le Christianisme, par Nicolas, 4 v.
- Fantasma (O) branco ou o protector mysterioso, 3 v.
- Filho (O) do barqueiro, por D. Carolina Le Hentz, 2 t.
- Filha (A) incognita, por D. M. Ribeiro do Nascimento, 1 v.
- Florentina e Rosina ou o cepião dos Voges, traduzido por A. C. C. Pinheiro Portado, 2 v.
- Flores da juventude (poesias), por Sanchez da Gama, 1 v.
- Fiorida (A), 1 v.
- Fonte (A) de Santa Catharina, 2 t.
- Freira (A) enterrada viva, por Pinard, 3 v.
- Fevet (Paulo):
- Os Amores de Paris, 3 v.
- Le Bossu, 3 v.
- Filho do diabo, 1 v.
- João Diabo, 2 v.
- Saldo de contas, 1 v.
- Valentines d'El-Rei, 1 v.
- La-Fontaine:
- As duas amigas ou a rata mysteriosa, 1 v.
- A fidalga e o abbeu, 2 v.
- Fabulas, 1 v.

- O homem singular, 3 v.
- O sucesso ou a predestinação, 2 v.
- Galera (A) do senhor de Vivonne, por Amadé de Bést, 1 v.
- Gaiato (O) do Terreiro do Paço ou Gil Brax Portuguez, 4 v.
- Galeria das ordens religiosas e militares, 2 v.
- Genle du Christianisme, par Chateaubriand, 1 v.
- Geologie elementaire, par Liell, 2 v.
- Grinalda (poesia), 1 v.
- Guarany, romance nacional, por José de Alencar, 2 v.
- Guilherme Tell, ou a Suissa libertada, por Floriano, 1 v.
- Guy-Mannering ou o Astrologo, 2 v.
- Herculano (Alexandre):
 - Lendas e narrativas, 2 v.
 - Monge de Cister ou epocha de D. João 1º, 2 v.
- Historia Universal, por Cantu.
- Historia de Affonso Brax, por José da Fonseca, 2 v.
- Historia da America, por Camp, 2 v.
- Historia da Bastilha, por Camillo Leynadier, 3 v.
- Historia do Brasil, por João Armitage, 1 v.
- Historia do Brasil desde o seu descobrimento, por Pedro José de Figueredo, 12 v. (2 vol. Hist.)
- Historia do Brasil, por Abreu e Lima, 1 v.
- Historia de Clara e Harlowe, por Ricardsons, 15 v.
- Historia ecclesiastica, pelo abbade Ducreoy, 11 v.
- Historia de Estevinho Goncalves, por Le-Sage, 3 v.
- Histoire des femmes, par Ernest Legouve, 1 v.
- Histoire Generale, par Levy, 1 v.
- Historia de Monieux Francheville, por Pigault Lebrun, 1 v.
- Historia Portugueza, por Tibureio Craveiro, 1 v.
- Historia da Revolução Franceza, por Thiers, 6 v.
- Historia Universal, por Godofredo Bredow, 15 v.
- Homem (O) da mascara de ferro, por Camillo Leynadier, 1 v.
- Hyssope (O), poema, por Antonio Diniz Cruz e Silva, 1 v.
- Incas (Os) ou a destruição do imperio do Perú, por Marmon-
tel, 2 v.
- Indiana, por George Sand, 1 v.
- Instituições da metaphysica, por Genuense, 1 v.
- Instituições da logica, por Genuense, 1 v.
- Isidoro e Horaida ou os prisioneiros da montanha, 4 v.
- Italiano ou o confessorario dos penitentes negros, por Anna
de Radcliffe, 3 v.
- Jesus-Christa perante o seculo ou triumpho da religião christã,
por Roselly, 1 v.
- Les Jouis dans le chateau de une tante, ou les recreations
de la jeunesse, par M. de Brés, 1 v.
- Judia (A) do Vaticano ou amor e Roma, por Mery, 2 v.

- Julien (O) de Verona ou as sociedades secretas na Italia, por A. Bresciani, 4 v.
 Lady Clara, 1 v.
 Lamparina, lenda, por Saint-Germain, 1 v.
 Leandro ou o pequeno casal no meio dos bosques, por Ducrai-Duruinil, 4 v.
 Leone Leoni, por George Sand, 1 v.
 Livro do povo, por Lammenais, 1 v.
 Luiz de Vinchestre ou o patriota belga, por Tibureio de Fraga, 2 v.
 Macedo (Joaquim Manoel de):
 * —A carteira de meu tio, 1 v.
 * —O Forasteiro, 1 v.
 * —Vicentina, 3 v.
 Marcolpho Maloino, por Ernesto Capendu, 5 v.
 Manuel du Porcelainier, par Boye, 1 v.
 Manuel de Geologie elementaire, par Charles Lyell, 2 v.
 Mathilde do Monte-Carmello, 2 v.
 Martha, por Valrey, 3 v.
 Mandrin, salteador francez, 1 v.
 Maurevert, l'aventurier ou les crimes de la feodalité, par Paul Duplessis, 1 v.
 Malvina, por Mme. Cottair, 4 v.
 Mão do linado, continuação do Conde de Monte-Christo, 2 v.
 Maldito, 3 v.
 Marqueza de Ganges ou heroismo das-mulheres, 2 v.
 Menina das montanhas, por Elias Berthet, 1 v.
 Memoires de la duchesse de Abrantes ou souvenirs historiques sur Napoléon, 3 v.
 Mentor dos meninos, 1 v.
 Medico (O) ou a menina emigrada, par Ducange, 3 v.
 Minhas inspirações (poesias), por Antonio Manoel dos Reis, 1 v.
 Minhas prisões, por Silvio Pellico, 1 v.
 Misterios do Porto, por Conceição, 2 v.
 Misterios de um nascimento ou a velha de Surene, por Victor Ducange, 2 v.
 Misterios de Veneza ou o castello de Trovida, 3 v.
 Misterios das prisões, 2 v.
 Minas de prata, continuação do Guarany, 1 v.
 Motim Litterario, por A. M. do Couto, 4 v.
 Monarchia Lusitana, por Frei Bernardo de Brito, 6 v.
 Moral Universal, pelo barão de Holbach, 3 v.
 Natchez (Os), historia americana, 4 v.
 Noivos (Os), por Alexandre Mansoni, 4 v.
 Noite do Castello, poema, por A. F. de Castilho, 1 v.
 Noites de Young, traduzido por Vicente de Oliveira, 2 v.

- Revue des deux mondes, 103 v.
 S. Clair das ilhas ou os desterrados na ilha da barra, por Mile. de Montelior, 3 v.
 Satyras, por Bocage, 1 v.
 Segredos da geração, por Morel de Rubeupre, 1 v.
 Segredos da natureza, 1 v.
 Segredos das artes, por Bernardo Monton, 1 v.
 Sensitivas (poesias), por Augusto Sarmiento, 1 v.
 Sitio da Rochella ou o infortunio e a consciencia, 2 v.
 Soulié (Frederico):
 —A bananeira ou machinações de um inglez nas Antilhas francezas, 2 v.
 —Conde de Tolasa, 2 v.
 —Conselheiro de Estado, 3 v.
 —De dia para dia, 4 v.
 —Dramas mysteriosos, 6 v.
 —Os Ferreiros, 1 v.
 —Leona, 1 v.
 —Memorias do Diabo, 8 v.
 —Os pretendentes, 1 v.
 Suc (Eugenio):
 —Atar-Gull, 2 v.
 —O aventureiro ou o barba azul, 3 v.
 —Bertha de Plouernel, 2 v.
 —Buena-Dicha, 1 v.
 —O commendador de Malta, 2 v.
 —Os filhos do amor, 1 v.
 —Hercules Valente, aventuras de 1772, 1 v.
 —Hotel Lambert, 3 v.
 —João cavalleiro ou os fanaticos das Cevennas, 4 v.
 —Judeu errante, 4 v.
 —O marquez de Suville, historia do tempo do Imperio, 1 v.
 —Martim o engeitado, ou memorias de um escudeiro, 6 v.
 —Mysterios de Londres, 3 v.
 —Mysterios de Paris, 5 v.
 —Mysterios do povo, 2 v.
 —O Pachá de Janina, 1 v.
 —Plick-Plock, 1 v.
 —Predição, 2 v.
 —Salamandra, romance maritimo, 3 v.
 —Segredos do travesseiro, 4 v.
 —Os sete peccados mortaes.
 —Thereza Danoyr, 2 v.
 —Vaticinio, 2 v.
 Synopsis ou deducção chronologica do Imperio do Brasil, 1 v.

130

Terrail (Ponsou du):

—Os dramas de Paris, comprehendendo:

- 1ª série A herança mysteriosa.
- 2ª série O club dos valetes de copas.
- 3ª série As proezas de Rocambole.
- 4ª série A desforra de Baccarat.
- 5ª série As ultimas proezas de Rocambole.
- 6ª série A desaparicão de Rocambole.
- 7ª série O regresso de Rocambole.
- 8ª série Miseraveis de Londres.

—O Pagem de Luiz 14º, 2 v.

—A Rainha das Tranqueiras, 4 v.

Thesouro fatal, 2 v.

Tomada de Constantinopla por Mahomet 2º, v.

Uma casa de Paris, por Elias Berthet, 2 v.

Um alfinete, por Saint-Germain, 1 v.

Viagens de Antenor pela Grecia e Asia e noções sobre o Egypto, E. F. Lautier, 6 v.

Victor Hugo:

—Bug-Jargal, 1 v.

—Han d'Islandia, 3 v.

—Nossa Senhora de Paris, 1 v.

La vie elegant en Paris, par Montemart-Boisse, 1 v.

A vida ou os amores de Heloise e Abeilard, por J. M. Guerra, 1 v.

Os verdadeiros mysterios de Paris, por Paulo Vidock, 3 v.

Vie politique et militaire de Napoléon, 6 v.

Walter Scott:

—A desposada de Lammermoor, 3 v.

—Formosa Donzella de Perth, 2 v.

—Quintino Durward, 4 v.

—Ivanhoé ou o regresso do crusado, 4 v.

—Kenilwarth, 4 v.

—O misanthropo ou anão das pedras negras, 1 v.

—O mosteiro, 3 v.

—O mosteiro, 1 v.

—Officiaes da fortuna, 3 v.

—Prisão de Edimbourg, 2 v.

—Puritanos da America, 2 v.

—Puritanos (Os) da Escossia, 2 v.

—Solitario 2 v.

—Talisman, 3 v.

—Waverley ou ha 60 annos, 4 v.

Histoires de Voyages de Christophe Colomb, 1 v.